

Patrícia Ferreira Fernandes Figueira

Lourenço Filho e a Escola Nova no Brasil: estudo
sobre os *Guias do Mestre* da série graduada de leitura
Pedrinho

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação Escolar da Faculdade de Ciências e Letras – Unesp/Araraquara, como requisito para obtenção do título de Mestre em Educação.

Linha de pesquisa: Estudos Históricos, Filosóficos e Antropológicos sobre Escola e Cultura;

Orientadora: Profa. Dra. Vera Teresa Valdemarin

ARARAQUARA – S.P.

2010

Patrícia Ferreira Fernandes Figueira

Lourenço Filho e a Escola Nova no Brasil: estudo
sobre os *Guias do Mestre* da série graduada de leitura
Pedrinho

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós em Educação Escolar da Faculdade de Ciências e Letras – UNESP/Araraquara, como requisito para obtenção do título de Mestre em Educação.

Linha de pesquisa: Estudos Históricos, Filosóficos e Antropológicos sobre Escola e Cultura

Data da qualificação: ___/___/____

MEMBROS COMPONENTES DA BANCA EXAMINADORA:

Presidente e Orientador: Nome e título

Universidade.

Membro Titular:

Nome e título

Universidade.

Membro Titular:

Nome e título

Universidade.

Local: Universidade Estadual Paulista

Faculdade de Ciências e Letras

UNESP – Campus de Araraquara

Dedico este trabalho a meus pais, minha querida irmã e a meu esposo, amores da minha vida.

AGRADECIMENTOS

Agradeço em primeiro lugar a Deus por ter me dado forças para lutar contra todas as adversidades que surgiram durante o caminho de construção do trabalho. Todas elas foram vencidas e a dissertação concluída.

À Vera Teresa Valdemarin, minha orientadora, por ter tornado possível a elaboração deste estudo, ao depositar a confiança necessária para que o projeto inicial se desenvolvesse, pela sua presença, atenção, excelente orientação e amizade, sempre constantes no decorrer do curso de graduação e do desenvolvimento deste trabalho de pós-graduação.

Às professoras Rosa Fátima de Souza e Siomara Borba Leite, pelas excelentes sugestões que me apresentaram durante o Exame Geral de Qualificação e pelo carinho e gentileza com que me trataram. Mais uma vez, à professora Rosa Fátima de Souza e também à professora Maria Teresa Santos Cunha, pela honra de tê-las presente na ocasião da defesa da Dissertação.

À bibliotecária Maria Ivanildes Batista, do Instituto de Estudos Educacionais “Professor Sud Menucci”, pela atenção e ajuda prestada.

À meu esposo pelo incentivo para iniciar este projeto.

Aos meus pais pela segurança e carinho a mim dedicados.

RESUMO

A pesquisa pretendeu analisar como Manoel Bergstrom Lourenço Filho se apropriou das concepções pedagógicas do Movimento da Escola Nova e como as prescreveu para o *Guia do Mestre* que acompanha a série de leitura graduada *Pedrinho* e serve para orientar a ação do professor em sala de aula. Para a consecução do objetivo realizou-se levantamento bibliográfico de compêndios teóricos e metodológicos elaborados por Lourenço Filho e de estudos já realizados sobre a obra do autor. Com base no material levantado escolheu-se como fonte documental principal para análise e interpretação duas obras do autor: *Introdução ao Estudo da Escola Nova* (1ª edição 1930) e dois volumes do *Guia do Mestre* (1ª edição 1953). Concluiu-se que Lourenço Filho expressa uma interpretação própria sobre esses princípios e sobre como prescrevê-los para o *Guia do Mestre*, pois apesar de utilizar-se nesse material de conceitos chaves da Escola Nova o faz mesclando-os as práticas já conhecidas pelo modelo tradicional de ensino.

Palavras chave: Escola Nova. Lourenço Filho. *Guia do Mestre*. Práticas de Ensino. Leituras para Professores. Educação.

ABSTRACT

The research sought to examine how Manoel Bergstrom Lourenço Filho appropriated the pedagogical assumptions of the Movement of the New School and as prescribed for the *Guia do Mestre* that accompanies the graduated reading series *Pedrinho* and serves to guide the action of the teacher in the classroom. To achieve the goal held bibliography of theoretical and methodological textbooks written by Lourenço Filho of studies already done on the author's work. Based on the collected material has been chosen as the main source to analysis and interpretation of the author two books: *Introdução ao Estudo da Escola Nova* (1ª edition 1930) and two volumes of the *Guia do Mestre* (1ª edition 1953). It was concluded that Lourenço Filho expresses own interpretation of those principles and how to prescribe them for the *Guia do Mestre*, because despite the use of this material are the key concepts of the New School makes merging the practices known by the model traditional teaching.

Keywords: New School. Lourenço Filho. *Guia do Mestre*. Teaching Practices. Teacher's Readings . Education.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	7
PARTE I	
CONSTRUÇÃO DO PROJETO	
1. Revisão bibliográfica sobre o tema	11
2. Justificativa da pesquisa realizada, objetivos e metodologia	16
PARTE II	
A CONTRIBUIÇÃO DE LOURENÇO FILHO PARA O MOVIMENTO DA ESCOLA NOVA NO BRASIL	
1. A participação de Lourenço Filho, um intelectual e político, no Movimento da Escola Nova no Brasil	27
<i>Introdução ao Estudo da Escola Nova, as bases educacionais renovadas na perspectiva de Lourenço Filho.....</i>	41
2.1 A obra	42
2. O Guia do Mestre da Série de Leitura Graduada Pedrinho – produção metodológica de Lourenço Filho e tentativa de efetivação dos princípios escolanovistas no ensino primário	57
3.1 Guia do Mestre – 1º volume	59
3.2 Guia do Mestre – 2º volume	65
3.3 Conteúdos e intenções do Guia do Mestre	72
PARTE III	
MUDANÇA DE MENTALIDADE E PRESCRIÇÕES PARA A PRÁTICA À GUIA DE CONSIDERAÇÕES FINAIS	
	84
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	97

Este projeto, sob orientação da professora Dr^a Vera Teresa Valdemarin, teve origem na graduação, período no qual desenvolvi iniciação científica como bolsista CNPq e PIBIC, do ano de 2003 a 2005, inserido no Projeto Integrado de Pesquisa "A experiência como elemento cognitivo (investigação sobre os fundamentos epistemológicos na educação contemporânea)", coordenado pela orientadora.

Durante a graduação, por meio de disciplinas e de atividades extra-curriculares, entrei em contato com as proposições sobre o Método de Ensino Intuitivo, desenvolvido no século XIX, pautado em lições que partiam da atividade, interesse e reflexão do aluno, como tentativa de renovação educacional, visando à formação de homens conscientes, críticos e reflexivos e sobre as concepções pedagógicas da Escola Nova. Descobri que este movimento, que teve início no século XX, também se apresentava como uma tentativa de renovação da educação, criticando o movimento anterior que apresentou o Método de Ensino Intuitivo. Contudo, apesar de criticar o Método Intuitivo, o movimento da Escola Nova também defendia a necessidade de um ensino que se pautasse no interesse, atividade e reflexão do aluno.

Desta constatação surgiu o primeiro projeto de iniciação científica, com o objetivo de identificar como tais conceitos eram abordados em cada um dos movimentos, suas semelhanças e diferenças.

Num segundo momento, ao aprofundar-me no estudo do Movimento da Escola Nova para o desenvolvimento do projeto citado, entrei em contato com obras de autores representativos deste movimento no Brasil, entre eles Lourenço Filho, o qual, inclusive, havia elaborado manuais didáticos para o ensino da leitura direcionados aos professores, com o intuito de divulgar e inculcar os princípios escolanovistas.

Após concluir o projeto, passei a pesquisar mais sobre o autor citado, devido ao meu interesse nas orientações didáticas por ele elaboradas, na medida em que livros direcionados aos professores, permeados de intenções nem sempre explícitas, trazem arraigados valores e pensamentos de sua época, na busca de formar um tipo específico de indivíduo. Conhecer e desvendar estas proposições colaboram no entendimento do que se esperava da formação escolar durante o Movimento da Escola Nova no Brasil, e de que modo se devia formar para isso, principalmente, a entender de que modo esse material foi elaborado e como se fez presente nas práticas escolares como estratégia utilizada para por em circulação as novas concepções pedagógicas, de modo a obter a efetivação de mudanças educacionais.

Deste modo, ainda interessada na Escola Nova, uma vez que se presenciavam nos dias atuais discussões no campo educacional sobre conceitos discutidos neste movimento, tais

como atividade, interesse e reflexão, novo projeto foi iniciado para a dissertação do mestrado, resultando no presente trabalho.

Entre a vasta produção bibliográfica de Lourenço Filho foram tomados para análise dois guias do mestre da *Série de Leitura Graduada Pedrinho* elaborada para o ensino primário. Esta série é composta de seis títulos – cinco livros de leitura e uma cartilha-, a saber: *Pedrinho* (1953), primeiro livro; *Pedrinho e seus amigos* (1954), segundo livro; *Aventuras de Pedrinho* (1955), terceiro livro; *Leituras de Pedrinho e Maria Clara* (1956), quarto livro; *Pedrinho e o mundo* (o livro não foi publicado), quinto livro; e *Upa Cavalinho!*(1957). Os guias do mestre dão instruções ao professor de como utilizar os livros em sala de aula. Estes livros elaborados pelo educador Lourenço Filho foram, então, tomados como objetos culturais adequados para a análise dos ideais escolanovistas disseminados entre os professores, segundo a interpretação do autor, ou seja, como instrumento mediador para a difusão e circulação de idéias.

A participação do educador no movimento da Escola Nova no Brasil foi marcada por seu envolvimento na produção de livros como autor e como organizador da *Biblioteca de Educação*, que reuniu série de livros destinados a divulgar os princípios norteadores da Escola Nova. A série graduada de leitura e os respectivos guias para o mestre podem ser vistos como dispositivos para a propagação e efetivação de seus ideais, considerando-se a possibilidade aberta para a influência deles sobre as práticas pedagógicas.

Assim, após eleger esses livros como fonte documental para análise dos princípios e das práticas pedagógicas propostas como representativos da Escola Nova no Brasil, foi necessário realizar o levantamento dos estudos já existentes sobre o tema.

CONSTRUÇÃO DO PROJETO

1. Revisão bibliográfica sobre o tema

Existe hoje no campo da história da educação um conjunto grande de trabalhos sobre a história do livro e da leitura, ocupando o livro didático lugar relevante entre eles, sejam manuais didáticos para uso de alunos ou de professores, que têm contribuído para a compreensão da importância desses instrumentos, como meio de comunicação, produção e transmissão de conhecimento, “integrante da “tradição escolar” há, pelo menos, dois séculos” (BITTENCOURT, 2004b, p. 471).

Os livros, vistos como materiais impressos utilizados na estratégia de por em circulação concepções pedagógicas, vem sendo abordados por diferentes autores a partir de diferentes aspectos.

Bittencourt, em seus trabalhos, toma como objeto de estudo os livros didáticos, abordando-os de diferentes modos. Em *Autores e Editores de compêndios e livro de leitura* (2004a), por exemplo, apresenta reflexões sobre o problema da autoria do livro didático, procurando traçar o perfil dos primeiros autores de livros didáticos brasileiros, no período de 1810 a 1910, com o objetivo de caracterizar o processo de intervenção de diferentes sujeitos nessa produção.

Tanto Marta Maria Chagas de Carvalho como Maria Rita de Toledo abordam a questão do livro, das Coleções e das Bibliotecas criadas na área educacional como instrumentos de difusão de modelos pedagógicos que se pretende disseminar e efetivar em determinada época. Entre seus trabalhos, o tema Escola Nova, Lourenço Filho e Biblioteca de Educação (organizada pelo educador em questão para Edições Melhoramentos), além de outras coleções que reúnem séries de livros, têm sido abordados.

Em *A caixa de utensílios e a biblioteca: Pedagogias e práticas de leitura*, Carvalho (2001) examina as bibliotecas para professores criadas durante o período da Escola Nova com o intuito de oferecer a eles os fundamentos da nova educação, a fim de alterar a prática educativa baseada em prescrições de modelos, orientando-lhes a leitura como prática inventiva. No artigo *Pedagogia da Escola Nova e usos do impresso: itinerário de uma investigação*, Carvalho (2005) analisa a disseminação do “escolanovismo” no Brasil por meio da utilização de material impresso como dispositivo de configuração do campo da pedagogia e da conformação das práticas escolares. Trata-se de uma investigação no domínio da história material de circulação do impresso e de suas apropriações durante o movimento da Escola Nova.

Estudos específicos sobre os ideais da Escola Nova e sobre o papel de Lourenço Filho neste movimento, através da análise de impressos, ganham destaque em pesquisas na área da educação.

Entre eles, Bertoletti (2006a), a partir de duas obras de Manoel Bergstrom Lourenço Filho: *Cartilha do Povo- Para ensinar a ler rapidamente* (1928) e *Upa, cavalinho!* (1957), buscou “compreender e explicar um passado recente da alfabetização no Brasil, mediante análise da configuração textual” (BERTOLETTI, 2006a, p. 15) das duas cartilhas citadas que configuraram um modo de pensar e de praticar a alfabetização no Brasil, a partir dos anos de 1930. De acordo com essa autora, as duas cartilhas podem ser consideradas representativas do pensamento hegemônico da época a respeito da alfabetização, estando fundamentadas nos princípios da Escola Nova.

Também em tese de doutorado defendida na Faculdade de Filosofia e Ciências – Marília, Bertoletti (2006b) realizou uma pesquisa de fundo histórico sobre a produção de Lourenço Filho sobre e de literatura infantil e juvenil, publicada no período de 1940 a 1960. Com este trabalho, pretendeu contribuir para a produção de uma história, teoria e crítica específicas da literatura infantil e juvenil brasileiras; compreender a produção de Lourenço Filho sobre e de literatura infantil e juvenil, mediante análise da configuração textual de corpus eleito e a relação entre essa produção e o lugar ocupado por seu autor no âmbito da história da literatura infantil e juvenil brasileira. A autora aponta que “em sua produção sobre e de literatura infantil e juvenil, Lourenço Filho “funda” um modo de pensar o gênero, tematizado e concretizado nessa produção, característico de determinada época, que serve de referência a seus pósteres, influenciando sobremaneira a produção sobre e de literatura infantil e juvenil até os dias atuais” (BERTOLETTI, 2006b, p. 4). Três características permitem esta inferência: seu pioneirismo, sua influência e sua permanência no tempo.

O pioneirismo diz respeito ao papel de vanguarda exercido por Lourenço Filho na história, teoria e crítica da literatura infantil; a influência diz respeito à estratégica circulação e repercussão de sua produção e ao homem público Lourenço Filho que exerceu cargos também estratégicos; a permanência diz respeito à manutenção dos mesmos conceitos teóricos ao longo da produção de Lourenço Filho sobre literatura infantil e juvenil, à longevidade da trajetória editorial da Série Histórias do Tio Damião e à presença ao longo do tempo histórico das tematizações e concretizações da produção de Lourenço Filho e de literatura infantil e juvenil, na produção sobre e do gênero até os dias atuais” (BERTOLETTI, 2006b, p. 237).

Em *Os sentidos da Alfabetização*, Mortatti (2000b) trata da questão dos métodos para ensinar no Estado de São Paulo desde 1876 até 1994, adotando uma abordagem histórica do movimento de constituição da alfabetização. Neste trabalho, a autora destaca o pensamento de Lourenço Filho sobre leitura e escrita representado nos livros *Testes ABC- Para verificação da maturidade necessária ao aprendizado da leitura e da escrita (Ano?)*, *Cartilha do povo – Para ensinar a ler rapidamente*, e *Upa cavalinho!*. Mortatti estabelece quatro momentos caracterizadores da tensão entre o “novo” e o “tradicional” ao longo do período estudado, cada um deles marcado pela disputa em torno de certas tematizações, normatizações e concretizações relacionadas com o ensino da leitura e escrita. Situa o pensamento de Lourenço Filho, representado, sobretudo nas obras acima citadas, no terceiro momento, que se refere às “novas e revolucionárias” bases epistemológicas contra os “tradicional” métodos. Neste terceiro momento, a importância do método é relativizada em razão da disseminação, repercussão e institucionalização das novas bases psicológicas da alfabetização contidas no livro *Testes ABC*, no qual a questão da maturidade da criança para a aprendizagem da leitura e escrita ganha papel principal. Por fim, a autora conclui que cada um dos momentos estudados, ao mesmo tempo em que fundam o “novo”, conservam características do passado.

Também em *A coleção como estratégia editorial de difusão de modelos pedagógicos: o caso da Biblioteca de educação organizada por Lourenço Filho*, Carvalho e Toledo (2004) abordam a editoração de coleções de livros e colocam em evidência a relação entre uma estratégia de nítido interesse comercial por parte de uma casa de edição que visa à ampliação do mercado editorial e uma estratégia política e cultural de intervenção pedagógica através do impresso, que deposita no livro uma missão, que varia de acordo com os objetivos que lhe são atribuídos por seus promotores em momentos específicos. Este trabalho toma como objeto de análise coleções de livros que reúnem um corpus de saberes pedagógicos com o intuito de fundamentar a prática docente do professor, elegendo, para tanto, os livros reunidos na Biblioteca de Educação, organizada por Lourenço Filho para a Companhia Melhoramentos no período de 1927 a 1940. Toma como modelo de análise dispositivos editoriais (tipográficos e textuais) dessa classe de impresso (coleção), a exemplo de Oliveiro (1999), tais como: padronização das capas; uniformização da estrutura interna dos volumes e dos mecanismos de divulgação; seleção de textos e autores adequada a públicos diferenciados; configuração de um aparelho crítico (prefácio, notas, etc.)

Carlos Monarcha também tem dispensado atenção para a elaboração de trabalhos relacionados ao educador Lourenço Filho, como é o caso da coletânea por ele organizada: *Lourenço Filho: outros aspectos, mesma obra*, que reúne “estudos escritos em situações

diversas por pesquisadores com diferentes formações acadêmicas e que explicitam diferentes pontos de vista e opções de investigação tão necessárias a uma coletânea”, com o objetivo de “iluminar aspectos ainda poucos explorados da obra de Lourenço Filho” (MONARCHA, 1997, p.11). De acordo com o organizador, “os estudos recuperam aspectos esquecidos, inexplorados ou considerados menores da obra de uma vida” (MONARCHA, 1997, p.11).

Os trabalhos contidos nesta coletânea são de autoria de Antonio Gomes Pena, Carlos Monarcha, Maria Rosário M. Magnani e Estela Natalina M. Bertolotti, que tratam respectivamente da obra de Lourenço Filho no âmbito da psicologia; do projeto editorial *Bibliotheca de Educação*, organizado por Lourenço Filho em 1927 para a Companhia Melhoramentos; do livro *Testes ABC – para a verificação necessária à aprendizagem da leitura e escrita* (1934), situando-o como uma obra fundadora de uma tradição em alfabetização; e da *Cartilha do Povo – para ensinar a ler rapidamente* (1928) e *Upa, cavalinho* (1957), cartilhas em que se concretiza o projeto de alfabetização do autor.

Juntamente com Ruy Lourenço Filho, Monarcha (2001) também organizou a coletânea *Por Lourenço Filho: uma bibliografia*, com o objetivo de criar uma obra de referência sobre a vida e a obra de Manoel Bergstrom Lourenço Filho.

Tendo por objetivo analisar a produção de Lourenço Filho dedicada aos procedimentos didáticos renovadores, foi considerada a contribuição de Valdemarin, importante referência entre os autores que abordam em suas pesquisas o movimento da Escola Nova e, principalmente, o papel dos manuais didáticos como fontes que evidenciam a apropriação de concepções e as relações com elas estabelecidas na composição de um discurso pedagógico que alia as proposições teóricas e as prescrições práticas a serem desenvolvidas na sala de aula.

Valdemarin (2008), no artigo *O manual didático Práticas escolares: um estudo sobre mudanças e permanências nas prescrições para a prática pedagógica*, analisa o manual didático *Práticas escolares*, de autoria de Antônio D`Ávila, com o objetivo de compreender o processo de incorporação das concepções pedagógicas da Escola Nova nas prescrições para a prática pedagógica. De acordo com o trabalho, a incorporação das novas proposições pedagógicas não ocorreu sem conciliações entre as práticas já sedimentadas e a seleção de alguns elementos inovadores.

Com o mesmo objetivo, Valdemarin e Campos (2007), no artigo *Concepções pedagógicas e método de ensino: o manual didático Processologia na escola primária*, analisam o manual didático *Processologia na Escola Primária*, de autoria de Caio de Figueiredo Silva, publicado em 1956, no qual comentam o processo de inovação e

permanência na educação e ressaltam as influências de tradições já estabelecidas, assim como a importância dos textos didáticos como instrumentos mediadores para a difusão e circulação de idéias.

Também em: *Os sentidos e a experiência: professores, alunos e métodos de ensino*, Valdemarin (2004b) fala sobre a questão do como ensinar, referente aos métodos de ensino, no século XX. De acordo com o trabalho da autora, há uma mudança de percepção sobre a utilização dos manuais de ensino nos séculos XVII, XVIII e XIX para o século XX, já que nos primeiros séculos citados as proposições educacionais enfatizavam a importância do método de ensino tanto para a formação de professores quanto para a aprendizagem de crianças e jovens, enquanto no século XX desloca-se a preocupação sobre o ensino “para as questões sobre como a criança aprende, emergindo aí um primado dos fundamentos psicológicos da educação em detrimento dos fundamentos filosóficos e didáticos, componentes essenciais na elaboração de métodos de ensino” (VALDEMARIN, 2004, p. 165).

Estudando as lições de Coisas, mais um trabalho de Valdemarin (2004a), também aborda a questão dos métodos de ensino. Com o objetivo de compreender alguns aspectos do trabalho escolar, voltando o foco para a transposição conceitual subjacente às orientações metodológicas, e delimitando como objeto de análise as proposições constitutivas do método de ensino intuitivo, adotado na segunda metade do século XIX nas escolas européias, americanas e brasileiras, a autora buscou “discutir o papel desempenhado pela escola na formação de tipos específicos de raciocínio e na construção da cultura escolar, com ênfase nos aspectos filosóficos, norteadores das prescrições sobre o que e o como ensinar, que se consubstanciam no processo de transposição didática” (VALDEMARIN, 2004, p. 6).

Por meio da leitura desses textos que abordam o papel dos impressos na divulgação dos ideais da Escola Nova no Brasil, sejam eles coleções, periódicos, cartilhas ou manuais didáticos, pude constatar que, embora, muitos deles citem Lourenço Filho como um dos divulgadores desse movimento e abordem obras do autor, o *Guia do Mestre* da série de leitura graduada *Pedrinho*, significativo entre suas produções, com permanência longa no mercado editorial, não foi tomado como fonte para análise da apropriação e divulgação entre os professores dos ideais escolanovistas.

Portanto, o presente estudo, na medida em que pretende contribuir com a contextualização do Movimento da Escola Nova no Brasil, a partir da perspectiva de um de seus divulgadores - Lourenço Filho - também objetiva tornar mais claro e exemplificar que os princípios teóricos comportam diversas interpretações quando mobilizados para orientar atividades práticas.

2. Justificativa da pesquisa realizada, objetivos e metodologia

O desenvolvimento das indústrias e do sistema capitalista, assim como a adoção do governo representativo durante os séculos XIX e XX, nas sociedades europeias, norte americana e brasileira, apontaram a educação escolarizada como uma das principais estratégias para a conformação das mentalidades aos novos valores burgueses então vigentes.

Com o objetivo de formar o homem para o trabalho industrial e para o sufrágio universal, pretendeu-se substituir o ensino baseado na concepção de atividade meramente intelectual, pautado na memorização e repetição de conteúdos em detrimento da compreensão e discussão dos mesmos, por novos procedimentos e modos de ensinar, que viabilizassem a formação do homem consciente, criativo e rápido, atributos necessários à nova realidade que se impunha.

Deste modo, a partir da segunda metade do século XIX, visando substituir o ensino verbalístico, de caráter abstrato e pouco utilitário, foi proposto e adotado nas escolas europeias, americanas e brasileiras o ensino pelas coisas e pelos fatos, com a elaboração de um novo método pedagógico que ficou conhecido como Método de Ensino Intuitivo, também popularizado com outros adjetivos – objetivo, natural, por demonstração ou com a expressão lições de coisas. O novo método apresentava conteúdos e atividades de ensino concretas e objetivas, metodicamente organizadas, a serem desenvolvidas pelo professor com o intuito de desencadear a aprendizagem dos alunos. Associava-se o método objetivo à produção de objetos e as atividades concretas à preparação para o trabalho (VALDEMARIN, 2004a).

Situando a origem do conhecimento nas percepções sensíveis, os conteúdos ministrados nas escolas deviam se dedicar à educação dos sentidos, preparando os alunos para ver, ouvir e tocar as coisas do mundo, com procedimentos sistematizados em manuais didáticos, de modo a assegurar o processo de aprendizagem.

O educando, por meio da observação das semelhanças e diferenças existentes entre objetos e fatos obteria suas próprias conclusões e, com isso, avolumaria o conhecimento consolidado pela experiência (ato de observar, passo a passo, a apresentação sucessiva dos objetos ou fatos e as possíveis alterações ocorridas durante a mesma) e pela capacidade progressiva de associar e classificar as coisas (reflexão).

Contudo, no final do século XIX, devido aos desenvolvimentos científicos da Biologia e da Psicologia, que apresentaram uma nova compreensão das necessidades da infância, surge na Europa e nos Estados Unidos, um novo movimento de renovação do ensino denominado de Escola Nova ou Educação Progressiva. Representando um conjunto de idéias e realizações

voltadas para a renovação da mentalidade dos educadores e das práticas pedagógicas, esse movimento propôs um novo método de ensino pautado em novos princípios sobre a relação ensino-aprendizagem. A Escola Nova visava fazer da escola um espaço irradiador do progresso e do desenvolvimento nacional.

Ao adotar em geral termos como “Escola Ativa” ou “Escola Progressiva”, este movimento, também contrário à escola que promove o reducionismo intelectual por meio da simples memorização, e criticando o Método Intuitivo por basear suas atividades em exercícios sensoriais rotineiros, propunha uma escola mais livre e formativa, centrada no desenvolvimento da experiência do aluno. A fim de introduzir um ensino dinâmico, priorizava o interesse do educando para, assim, tirá-lo da passividade e colocá-lo como agente do processo ensino-aprendizagem.

A escola era vista como um pequeno organismo social onde os educandos aprendiam a viver a partir das instituições da vida civil. A educação promoveria um contínuo e progressivo aperfeiçoamento das faculdades individuais, que, por sua vez, contribuiria para a modernização também contínua e progressiva das sociedades.

John Dewey, filósofo e pedagogo norte americano, um dos principais representantes da Escola Nova, influenciou educadores de todo o mundo, incluindo brasileiros, com o método de ensino por ele denominado de experiência reflexiva. A partir de estudos experimentais na Escola Laboratório de Chicago, o pedagogo, diante da dificuldade de escolha de materiais didáticos e de diversos princípios à disposição dos professores como resultados de uma contínua multiplicação de estudos, procurou definir um princípio unificador capaz de auxiliar os educadores no ensino.

Para o filósofo, este princípio unificador seria a adoção da atitude mental, do hábito de pensar científico, pois o espírito científico está presente na própria atitude inata e espontânea da infância que é caracterizada por uma viva curiosidade, pela imaginação fértil e pelo gosto de uma investigação experimental (DEWEY, 1959a). Esta adoção, segundo Dewey, se daria nas escolas com o desenvolvimento do pensamento e da ação dos indivíduos. Mas não de qualquer pensamento, e sim do pensamento reflexivo (cadeia de pensamentos interligados) que é pautado pela experiência.

De acordo com duas de suas principais obras: *Como pensamos e Democracia e Educação*, publicadas no Brasil pela primeira vez respectivamente em 1930 e 1936, o desenvolvimento do pensamento reflexivo se dá através da curiosidade, ou seja, de tendências que possibilitam estabelecer novos contatos, que buscam novos objetos. Nas situações-problemas a criança depara-se com dificuldades que impulsionam a busca de possíveis

soluções que devem ser experimentadas (processo de agir sobre os objetos circundantes e receber deles, de volta, alguma ação) e que constituem os pontos de partida da aprendizagem.

Nessas situações, a criança passa, por meio da observação direta dos sentidos (percepção) ou de lembranças passadas de observações previamente feitas por ela mesma ou por outra pessoa em outro momento (memória), a colher fatos, isto é, dados (material a ser interpretado, considerado e explicado). A posse destes dados lhe permite averiguar as condições nas quais se encontra para, posteriormente, levantar sugestões sobre os cursos possíveis de ações em busca de soluções. Para tanto, com os dados em mãos, passa, diante da diversidade e da possível contradição que poderá existir entre os fatos e sua relação com as sugestões, quando considerada a solução buscada, a escolher, eliminar, ou conservar aqueles que sejam importantes como prova daquilo que deseja alcançar, discernindo uns dos outros e atribuindo a eles valores e juízos.

Estas sugestões fazem com que a criança verifique primeiramente em pensamento, de forma ordenada e consecutiva, as várias possibilidades e conseqüências da adoção de cada uma delas, procurando com isso identificar qual mais se aproxima do resultado que deseja obter. Quando escolhe uma, ou seja, infere algo, inicia uma segunda verificação, agora experimental, colocando em prática, através da ação, a sugestão pela qual optou, a fim de provar aquilo que deduziu em pensamento. Se obtiver desta verificação a aprovação, o resultado desejado, chegará a uma conclusão, a qual permanecerá até que fatos contrários venham indicar a conveniência de sua revisão. Porém, se o resultado não corresponder ao esperado, o pensamento reflexivo permanece sendo elemento instrutivo, tendo em vista que mostra à criança onde ela errou e onde ela deve introduzir alterações na hipótese que trabalhava, fazendo-a aprender com o seu próprio erro. Assim, ela volta a experimentar, a fazer novas tentativas.

Adotando deste modo como conceito central de seu pensamento a constante reconstrução da experiência, que consiste, por um lado, em experimentar e, por outro, em provar, para Dewey a função da escola é possibilitar à criança uma constante reconstrução de suas próprias experiências, propiciando condições em que ela resolva os seus problemas.

O papel do professor enquanto um guia da energia vital do aluno para aprender, é oferecer lições a partir de atividades pelas quais o educando sinta interesse e retire delas algum significado para a sua vida. Segundo Dewey, cabe ao educador apenas provocar reações ou respostas que dirijam o curso do educando, pois a iniciativa de influir sobre os meios e fins ao qual se determinam cabe aos alunos.

No Brasil, o movimento da Escola Nova é especialmente forte na primeira metade do século XX. De acordo com Nagle (1977), a presença dos ideais da Escola Nova e a influência de John Dewey nas práticas educativas no país tiveram início com a passagem da fase denominada pelo autor de “entusiasmo pela educação” à fase denominada de “otimismo pedagógico”, que manteria do entusiasmo a crença no poder da educação, porém, não de qualquer tipo de educação. No otimismo pedagógico pretende-se a substituição de um modelo por outro, enfatizando a importância da nova pedagogia.

Carvalho (1989) também aborda em seu trabalho o movimento da Escola Nova e aponta a preocupação em educar os indivíduos “fazendo-os freqüentar uma escola moderna que instrui e moraliza, que alumia e civiliza” (CARVALHO, 1989, p. 47). Composta de uma tríplice base: moral, higiênica e econômica, a nova educação, denominada de integral, seria o instrumento para recompor o sistema político vigente pela nova classe social em ascensão, e a adaptação da sociedade aos novos dispositivos de dominação resultantes da presença cada vez mais sensível da fábrica nos centros populosos (CARVALHO, 1989)

A educação cívica deveria aliar-se à instrução a fim de constituir corpos saudáveis e operosos, mentes e corações disciplinados e o hábito do trabalho metódico, adequado, remunerador e salutar. Era esse poder disciplinador atribuído à educação que fazia com que a questão da organização do trabalho, freqüentemente tematizada no discurso da Associação Brasileira de Educação¹, dependesse fundamentalmente dos recursos educacionais (CARVALHO, 1989).

Neste contexto, os educadores da Escola Nova, entre eles, Anísio Teixeira, Fernando de Azevedo e Lourenço Filho, representantes dos ideais liberais, imbuídos da esperança de democratizar e de transformar a sociedade por meio da escola pública, gratuita, laica e pautada em um novo modelo pedagógico, consubstanciaram essas idéias, em 1932, no Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova.

Adotando os princípios escolanovistas e criticando as escolas que se pautavam por exercícios mecânicos, o movimento renovador no Brasil buscou deslocar o educando para o centro das reflexões escolares, permitindo a racionalização do ensino por meio de testes de inteligência, que resultavam na organização de classes homogêneas e atendimento aos interesses e habilidades individuais dos alunos.

¹ A Associação Brasileira de Educação (ABE) era responsável pela organização de Conferências Nacionais, nas quais reunia educadores e intelectuais de todos os Estados em diferentes centros culturais do país, discutindo e criticando o que chamavam de alfabetização intensiva, em favor de uma educação integral, propondo uma ampla reforma intelectual e moral pela escola.

Os manuais de ensino baseados no Método de Ensino Intuitivo, tipo de impresso até então largamente difundidos e utilizados por professores que buscavam neles descrição detalhada de procedimentos didáticos pré-determinados e fixados em roteiros de lições, são criticados como instrumentos de apoio para a elaboração de aulas. Diante da nova compreensão de desenvolvimento, crescimento e comportamento de cada indivíduo, assim como das constantes mudanças no meio social, entendia-se não ser aconselhável padronizar a prática pedagógica frente à possibilidade de diferentes necessidades dos alunos.

Assim, o desencadeamento das reformas educacionais incentivou o aparecimento de literatura especializada, de autores brasileiros ou estrangeiros dos mais conceituados, com o objetivo de divulgar o movimento da Escola Nova e suas características. Nesse contexto, os impressos deveriam fornecer aos professores os novos princípios educativos fundamentados em fatores biopsicológicos e sociais, por meio de obras ou revistas específicas capazes de exprimir os novos conceitos sobre o ensino e a aprendizagem, norteadores da educação progressiva, tornando familiares nomes como os de Binet, Simon, Thorndike, Decroly, Montessori, Dewey e Kilpatrick.

A partir dos novos princípios expressos nas diversas obras divulgadas sobre o assunto, o professor, munido do novo conhecimento, e considerando o meio social ao qual o educador e os educandos estavam inseridos, refletiria sobre os conceitos e, com base neles, organizaria suas aulas de acordo com as características próprias de seus alunos, respeitando as diferenças entre eles.

Foram organizadas coleções pedagógicas que reuniam livros estrangeiros traduzidos e originais de autores brasileiros, como os da Biblioteca de Educação, Coleção Pedagógica e Atualidades Pedagógicas, a fim de explicitar os princípios norteadores da Nova Educação. Segundo Marta Carvalho (2001), ao reunir os princípios norteadores da Nova Escola em séries de livros, pretendia-se “constituir uma cultura pedagógica que servisse “de fundamento e de critério para o exercício da prática docente” (CARVALHO, 2001, p. 154).

A Biblioteca de Educação, implementada a partir de 1927 pela Companhia Melhoramentos de São Paulo, foi considerada por inúmeros educadores de seu tempo como a primeira série de textos de divulgação pedagógica.

Organizada pelo professor normalista Manoel Bergstrom Lourenço Filho, a Biblioteca da Educação foi responsável pela publicação de 36 títulos, entre eles *Introdução ao Estudo da Escola Nova*, do próprio organizador, e pretendeu com os livros editados, segundo formulações contidas no catálogo *O que é a Bibliotheca de Educação*, harmonizar “o estudo dos fins da obra educativa” e “os meios de educar”, no contexto de “uma civilização em

mudança” em que “os quadros sociais estalam”, em função da “anarquia mental e moral”, e promover a “renovação pedagógica”. Os livros da coleção tinham por objetivo conciliar a sociedade positivamente por meio da educação das massas e renovar os métodos de ensino na escola primária e secundária (MONARCHA, 1997, p. 32).

No entanto, como aponta Valdemarin (2008), apesar da nova estratégia de divulgação dos princípios escolanovistas ter priorizado “o estabelecimento das novas bases teóricas, descrevendo as iniciativas metodológicas delas decorrentes, não prescrevendo modelos de como ensinar, mas asseverando a diversidade de possibilidades já implementadas” (VALDEMARIN, 2008, p. 20), a mudança de mentalidade e as novas práticas dela decorrentes não se disseminam em curtos espaços de tempo entre o professorado. Pode-se acompanhar o processo de conciliação entre as práticas pedagógicas já sedimentadas e alguns elementos inovadores na produção de manuais didáticos do período. De acordo com a autora, “os manuais pedagógicos” materializavam “uma prescrição para a conciliação”². Escritos por autores qualificados a partir do exercício do magistério que ocupavam postos de direção na hierarquia do sistema escolar, esses manuais didáticos buscavam orientar as práticas pedagógicas para a introdução de inovações a partir das possibilidades existentes, tanto do corpo docente quanto da estrutura educacional. Tanto os livros publicados nas coleções como os manuais didáticos serviam como meio de divulgação das concepções da Escola Nova e apresentavam possibilidades para sua incorporação no cotidiano escolar.

Sendo assim, o controle da leitura dos professores foi uma das principais estratégias utilizadas pelos renovadores da educação para divulgar os novos princípios educativos; buscaram propor e sugerir, por meio da criação das bibliotecas, manuais e periódicos, os referenciais a serem adotados pelos professores para se manterem atualizados com as renovações educacionais vigentes, objetivando alterar as práticas pedagógicas. O fato de posicionarem-se contra a prescrição metodológica por meio do roteiro de lições não impediu o surgimento, no período, de inúmeros manuais didáticos para uso de professores (em formação ou em atuação). E, mais intrigante ainda, é o fato de um dos principais representantes da renovação pedagógica – Lourenço Filho – ter se dedicado, nos anos de 1950, à produção de uma série graduada de leitura para uso no ensino primário, acompanhada de livros para orientar a prática pedagógica dos professores ou o uso adequado de tal literatura.

² O estudo de diferentes manuais didáticos produzidos no período já foi abordado por Campos, 2005; Valdemarin e Campos, 2007 e Valdemarin, 2008, e se constitui em vertente investigativa do Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Cultura e Instituições Educativas desta Faculdade.

Esta questão aponta para a necessidade de analisar a mudança educacional como não dependendo exclusivamente da inovação no plano das doutrinas pedagógicas. O processo é mais complexo. Nos anos de 1920 e 1930 ocorreram, e foram divulgadas no Brasil, grandes transformações no que se refere à função social da escola, à concepção de infância e de aprendizagem e, em decorrência, nas formas de transmissão do conhecimento escolarizado. A compreensão desse processo deve levar em conta novas formas de investigação, assim propostas:

Estudos sobre a história das idéias pedagógicas costumam considerá-las a partir de alguns marcos de circulação em determinados contextos, vinculando-as a tendências filosóficas ou sociais a fim de traçar-lhes a linha de continuidade ou de inovação. No entanto, quando considerados na perspectiva da influência que exerceram sobre as práticas pedagógicas, os marcos de inovação baseados nas concepções doutrinárias se tornam menos precisos e emergem outras questões importantes para a compreensão da relação entre esses elementos da pedagogia: as diferentes interpretações dadas aos princípios teóricos; a relativa autonomia das atividades práticas ancoradas em esquemas de atuação profissional consolidados; a organização de um discurso consensual no qual interferem políticas públicas para a formação de professores e objetivos sociais postos para a escolarização em seus diferentes graus; a adaptação dos princípios aos diferentes conteúdos a serem ensinados e a criação de dispositivos mediadores para sua efetivação, entre outros aspectos. (VALDEMARIN & CAMPOS, 2007, p. 344)

Nessa perspectiva de análise, justifica-se o presente estudo que incide sobre a apropriação e prescrição dos princípios escolanovistas, tomando como fonte documental algumas produções de Lourenço Filho, uma vez que este, além de elaborar obras teóricas sobre os princípios escolanovistas também elaborou material didático, direcionado aos alunos e aos professores com o intuito de influenciar as práticas pedagógicas com os novos princípios. Trata-se de analisar os elementos pedagógicos conceituais do autor sobre a Escola Nova e sua transformação em atividades a serem desenvolvidas na sala de aula. Entender como ocorreu a conciliação entre os princípios teóricos defendidos pelo autor e a prescrição de atividades práticas pode contribuir para elucidar alguns aspectos da complexidade da cultura escolar.

O estudo de impressos educacionais pode contribuir também para a compreensão da permanência de alguns conceitos-chaves no pensamento pedagógico. Atividade, interesse e reflexão, por exemplo, são conceitos centrais na concepção da Educação Progressiva e, no entanto, apareciam como referência nas proposições do Método de Ensino Intuitivo,

permaneceram no movimento da Escola Nova e são defensáveis nos dias atuais o que indica a necessidade de estudar suas diferentes conotações.

As obras elaboradas pelo educador Lourenço Filho foram tomadas como referência de estudo, devido o seu prestígio com a criação da *Biblioteca de Educação* e da publicação do livro *Introdução ao estudo da Escola Nova*, em 1930, considerada um marco na divulgação de todas as correntes renovadoras da educação que chegavam da Europa e dos Estados Unidos, influenciando a educação brasileira. De acordo com Monarcha (1997), *Introdução ao Estudo da Escola Nova* está entre as edições e tiragens de livros mais difundidos no período de 1927 a 1979, o que permite supor que passou a se constituir “em referência acadêmica e profissional obrigatória, denotadamente nos cursos de formação do magistério primário e secundário – escolas normais e as então criadas Faculdades de Filosofia, Ciências e Letras – adquirindo feição de manuais de ensino” (MONARCHA, 1997, p. 35). *Introdução ao estudo da Escola Nova* foi publicado pela Companhia Melhoramentos de São Paulo na coleção *Biblioteca de Educação*.

Além dessa produção, tomou-se como fonte documental os Guias do Mestre que acompanham a série graduada de leitura, produzida pelo referido educador. Essa série é composta dos livros *Pedrinho*, *Pedrinho e seus amigos*, *Aventuras de Pedrinho* e *Leituras de Pedrinho e Maria Clara*. A série de leitura graduada, com as respectivas instruções de uso aos professores foi publicada pela primeira vez em 1953.

Com a análise das orientações para a prática pedagógica apresentada no *Guia do Mestre*, pretende-se evidenciar os conceitos de atividade, interesse e motivação implícita ou explicitamente, presentes na apropriação do autor.

Assim sendo, o principal objetivo do presente estudo é compreender como Lourenço Filho se apropriou das concepções pedagógicas da Escola Nova no livro *Introdução ao estudo da Escola Nova* e nas prescrições para a prática pedagógica contidas no *Guia do Mestre* da série de leitura graduada *Pedrinho*, dando-lhes interpretação própria. Trata-se de cotejar as proposições metodológicas, estratégias de intervenção para alcançar a transformação desejada e os princípios doutrinários que o autor elaborou e divulgou. Entende-se aqui por estratégia a manipulação das relações de forças produzidas por um sujeito de querer e poder (no caso específico, Lourenço Filho) para a construção da base a partir da qual podem ser geridas as relações com os outros (CERTEAU, 1994, p. 99). Ao mesmo tempo, a estratégia abre a possibilidade de serem percebidas as táticas de apropriação que possibilitaram ao autor produzir uma interpretação própria (CERTAU, 1994, p. 100) dos conceitos essenciais às proposições da Escola Nova. Assim sendo, considera-se que nos escritos de Lourenço Filho é

veiculado um entendimento sobre os conceitos da Escola Nova destinado a influenciar a prática pedagógica dos professores. Contudo, sem o intuito de esgotar todos os conceitos referentes aos princípios escolanovistas presentes na obra *Introdução ao Estudo da Escola Nova*, alguns deles foram escolhidos para a abordagem e análise, tais como: atividade, graduação, interesse, experiência, individualidade, ensino funcional.

Para a realização desse objetivo, a primeira etapa da pesquisa, que visa dar sustentação teórica ao trabalho, bem como iluminar a análise, consistiu no levantamento bibliográfico de compêndios teóricos e metodológicos elaborados por Lourenço Filho e de estudos já realizados sobre a obra do autor.

A análise e interpretação da fonte documental principal tomou como referência as proposições de Carvalho (1993) quando afirma que “velhos objetos tornam-se agora novos objetos, porque são apanhados numa perspectiva que realça sua materialidade de dispositivos, através dos quais bens culturais são produzidos, postos a circular e apropriados” (CARVALHO, ano 1993, p. 44).

Com base no material selecionado e analisado, pretendeu-se delinear e compreender como Lourenço Filho se apropriou dos princípios escolanovistas e como eles podem ser identificados nas prescrições aos professores. Foram utilizados dois volumes denominados *Guia do Mestre*³ que acompanham a série de leitura graduada *Pedrinho* e servem para orientar a ação do professor, editados pelas Edições Melhoramentos, destinados para uso na educação elementar. De acordo com os dados coletados por Mortatti, expostos em Monarcha e Lourenço Filho (2001), a coleção *Pedrinho* foi publicada de 1953 a 1970 e os volumes do *Guia do Mestre*, de 1953 a 1969.

Acredita-se que esse tipo de documento pode expressar um elemento formador da cultura escolar, na medida em que manifesta o tipo de raciocínio que se privilegia na formação intelectual dos professores e dos educandos. Como apontam Souza e Valdemarin (2000), “trata-se de acompanhar, no texto didático, o processo pelo qual concepções culturais em geral transformam-se em cultura escolar” (SOUZA & VALDEMARIN, 2000, P. 8), entendida como “cultura didatizada, objeto e apoio das aprendizagens sistemáticas com finalidade formadora” (FORQUIN, 1993, p. 172).

³ Para melhor compreender as orientações pedagógicas contidas nas prescrições dos dois volumes do *Guia do Mestre* consultou-se em alguns momentos os livros dos alunos da série de leitura graduada *Pedrinho* ao qual eles se referem.

Deste modo, os guias didáticos se tornam um dos imperativos de didatização criados com a intenção de prescrever práticas norteadas por concepções que são selecionadas, normalizadas e rotinizadas no interior das escolas. Considera-se aqui que, nesse período, os impressos compunham a estratégia para a pretendida mudança de mentalidade do professorado (CARVALHO & TOLEDO, 2004), fornecendo-lhes os novos princípios educativos fundamentados em fatores biopsicológicos e sociais destinados a provocar mudanças no ensino e na aprendizagem.

A análise desses textos permitirá compreender como os conceitos da Escola Nova foram apropriados e prescritos pelo autor, por meio de sugestões práticas da atividade docente, transcorridos mais de 30 anos do período de efervescência do Movimento da Escola Nova no Brasil.

Não cabe ao trabalho em questão verificar até que ponto ou de que maneira estas prescrições se efetivaram nas práticas educativas, focando-se apenas nos livros produzidos.

PARTE II
A CONTRIBUIÇÃO DE LOURENÇO FILHO PARA O MOVIMENTO DA ESCOLA
NOVA NO BRASIL

1. A participação de Lourenço Filho, intelectual e político, no Movimento da Escola Nova no Brasil

Os princípios norteadores da Escola Nova no Brasil ganharam força durante o ano de 1930 com a intensa divulgação, principalmente, por meio de impressos. Também a elaboração e, depois, publicação, em 1932, do Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova contribuiu com sua difusão. Este documento, que representa as aspirações de modernização na área educacional do período, influenciadas pelas descobertas provenientes das Ciências Sociais, da Psicologia e das técnicas pedagógicas, traçava as diretrizes de uma nova política educacional permeada por uma concepção de educação natural e integral do indivíduo que, ao mesmo tempo, em que respeita a personalidade de cada um considera que ele é um ser social e tem por isso deveres para com a sociedade, como trabalho, cooperação e solidariedade.

O Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova contou com a participação de vários educadores, entre eles Lourenço Filho, representantes dos ideais liberais, que antes de sua publicação já lutavam a favor da renovação do ensino a partir de um novo modelo pedagógico. Lourenço Filho, assim como os demais intelectuais, visavam a reconstrução da sociedade por meio da educação.

De acordo com Nagle (1977), a presença dos ideais da Escola Nova no Brasil e sua influência nas práticas educativas explicitavam a crença no poder da educação e a necessidade de ampliação de vagas, porém, não de qualquer tipo de educação. A nova educação deveria substituir o modelo existente por um novo que considerasse as bases morais, higiênicas e econômicas de modo a recompor o sistema político vigente pela nova classe social burguesa em ascensão, e a adaptar a sociedade aos novos dispositivos de dominação resultantes da presença cada vez maior das fábricas.

Carvalho (1989), ao mencionar os mecanismos usados no período para o controle dos indivíduos, afirma que, segundo seus propositores, a educação cívica deveria aliar-se à instrução a fim de constituir corpos saudáveis e operosos, mentes e corações disciplinados e o hábito do trabalho metódico, adequado, remunerador e salutar.

Este novo modelo pedagógico, baseado nos progressos mais recentes da psicologia infantil, contrário aos métodos tradicionais baseados em tendências passivas, intelectualistas e verbalistas que se apoiavam em exercícios sensoriais rotineiros e mecânicos, reivindicava maior liberdade para a criança e respeito às características da personalidade de cada uma nas várias fases de seu desenvolvimento. Também defendia a necessidade de colocar o interesse como motor da aprendizagem, deslocando o educando para o centro das reflexões escolares,

propondo uma escola mais livre e dinâmica, na qual se respeitasse a individualidade do mesmo, não reprimindo sua originalidade e baseando a aprendizagem na experiência e participação ativa nas coisas e fatos.

Esta nova postura permitiria a racionalização do ensino através de testes de inteligência, que resultavam na organização de classes homogêneas, atendimento aos interesses e habilidades individuais dos alunos, valorização da liberdade do mesmo, prescrevendo-lhes, contudo, limites, a fim de não resultar em esforços inúteis e tempo perdido. Características estas que passaram a serem vistas como facilitadoras das novas máximas organizadoras do trabalho industrial, que buscavam agilidade com perdas mínimas de energia e pessoal, na medida em que preparavam “desde os primeiros passos do aluno, uma diretriz segura para a “racionalização” unanimemente prescrita em todos os ramos da atividade humana” (CARVALHO, 1989, p.63).

Diante desta nova constatação várias reformas foram iniciadas a partir de 1927, quando se processou a introdução sistemática dos ideais da Escola Nova simultaneamente com a sua aplicação nas escolas primárias e normais de vários Estados, como os de Minas Gerais (1927), Distrito federal (1928), Pernambuco (1929) e São Paulo (1930).

Estas reformas acabaram por incentivar o aparecimento de literatura especializada, antes escassa ou mesmo inexistente, de autores brasileiros ou estrangeiros dos mais conceituados que visavam esclarecer as proposições da Escola Nova e suas características.

Assim, a imprensa foi um meio aliado ao processo de divulgação dos conceitos escolanovistas. De acordo com Toledo (2001), a edição de livros, ainda tímida na década de 20, se intensifica e se difunde nos anos de 1930, fazendo circular livros cujos conteúdos se afinam aos discursos sobre a reforma da escola e da cultura como alavancas de modernização do Brasil.

Deste modo, no período,

Editar significa, então, interferir politicamente no estado geral da cultura nacional. E editar livros de uso escolar é colaborar decisivamente para o sucesso do *programa de reforma da sociedade pela reforma da escola* que então se configura como plataforma política de toda uma geração de políticos e intelectuais. Uma das plataformas desse *programa* era promover uma *mudança de mentalidade* do professor que o habilitasse ao papel de promotor da modernização do país pela escola. (CARVALHO; TOLEDO, 2004, p.4)

O trabalho do professor dentro da sala de aula surge como um caminho para a implantação dos princípios escolanovistas e as estratégias de conformação das práticas

escolares se tornam freqüentes, seja por meio da produção de obras teóricas a respeito do assunto, da criação de um conjunto de referências indicando como, o que ler e o que fazer com a leitura, ou por meio de compêndios metodológicos que acabaram por surgir.

Neste contexto, Lourenço Filho, educador e administrador escolar, desempenhou papel decisivo na constituição do movimento, pois além de tomar esta ferramenta como aliada, participando da organização e elaboração da *Biblioteca de Educação*, responsável pela divulgação de várias obras referentes ao assunto, e de bibliografia para uso didático, orientando os professores em sua prática de acordo com os novos conceitos, desempenhou papel significativo nas políticas públicas voltadas para a renovação do ensino. Como professor, diretor, escritor e organizador de obras, Lourenço Filho foi um dos grandes defensores do movimento da Escola Nova no Brasil.

A trajetória profissional de Manoel Bergstrom Lourenço Filho mostra que durante toda a sua vida ele se envolveu com as questões ligadas à educação, seja como mestre ou administrador, o que acabou por influenciar a sua produção literária que é constituída por obras teóricas e didáticas e traduções de obras estrangeiras, falando sobre e em defesa do movimento escolanovista, assim como sobre assuntos ligados aos problemas educacionais e como superá-los.

Já em 1914, com 17 anos, obtém o diploma de normalista na Escola Normal Primária de Pirassununga/SP, passando a exercer o magistério no ano seguinte em sua cidade natal, Porto Ferreira, em um Grupo Escolar criado em 1914 pelo governo do estado de São Paulo.

No período de 1915 a 1921, Lourenço Filho inicia atividade literária e jornalística publicando diversos artigos na revista *Vida Moderna* e nos jornais *O Comércio de São Paulo*, *Jornal do Commercio* (edição de São Paulo), *A Folha* (Porto Ferreira), *Jornal de Piracicaba*, *O Estado de São Paulo*, entre outros.

Prosseguindo os estudos no magistério, muda-se para São Paulo e obtém novo diploma na Escola Normal Secundária da Capital (Escola Normal da Praça), ao mesmo tempo em que trabalha na redação de *O Comércio de São Paulo*.

Apesar do interesse pela psiquiatria, interrompe o curso de medicina no qual havia se matriculado em 1918, e inicia o curso de direito na Faculdade de Direito de São Paulo, em 1919.

Daí em diante Lourenço Filho mantém-se ligado à educação, seja como mestre, administrador ou com trabalhos desempenhados em revistas e jornais, a partir dos quais fez contato com vários intelectuais. Trabalhou na redação do *Jornal do Commercio* (edição São Paulo); *Revista do Brasil*, dirigida por Monteiro Lobato, do qual se torna auxiliar, e depois,

secretário; redator de *O Estado de São Paulo*, convivendo com o diretor-fundador Julio Mesquita, com Júlio de Mesquita Filho e outros redatores, repórteres e colaboradores.

No desempenho de atividades ligadas ao magistério foi designado, em 1920, professor substituto de Pedagogia e Educação Cívica na Escola Normal Primária, anexa à Escola Normal Secundária de São Paulo; em 31 de janeiro de 1921, foi nomeado professor da cadeira de Psicologia e Pedagogia da Escola Normal de Piracicaba para reger a Prática Pedagógica nessa escola, na qual funda a *Revista de Educação*. Nesta revista publicou seu primeiro trabalho de pedagogia experimental: “*Estudo da atenção escolar*”, e também o trabalho “*Prática Pedagógica*”, incluído nos Anais da Conferência Interestadual de Ensino Primário, realizado no Rio de Janeiro.

De 1922 a 1923, assumindo cargos administrativos (diretor-geral da Instrução Pública do Ceará) e de ensino na escola Normal da Capital do Ceará, reorganizou o ensino deste Estado, reforma esta de grande repercussão na época, sendo registrada como um dos grandes movimentos pioneiros da Escola Nova no País (MONARCHA; LOURENÇO FILHO, 2001, p. 29).

Em 1924, voltou do Ceará e reassumiu a cadeira na escola Normal de Piracicaba, quando passou a desenvolver atividades de pesquisa em Psicologia, mudando no ano seguinte para a capital de São Paulo, onde assumiu o cargo de professor de Psicologia e Pedagogia da Escola Normal de São Paulo, na Praça da República, até o ano de 1930.

Em 1927, após entendimentos com a Companhia Melhoramentos de São Paulo, organizou a primeira coleção de textos de divulgação pedagógica criada no país, a *Biblioteca de Educação*, que dirigiu até a sua morte (MONARCHA; LOURENÇO FILHO, 2001, p. 31).

A *Biblioteca de Educação*, assim como outras bibliotecas para professores criadas nesse contexto, era composta por coleções de livros pedagógicos selecionados com o intuito de constituir uma cultura pedagógica que servisse de fundamento e de critério para a prática docente. Ou seja, a biblioteca visava compor um repertório de valores e conhecimentos destinados a balizar a prática docente com os novos princípios norteadores da Escola Nova (CARVALHO, 2001, pp. 154-155).

Lourenço Filho pretendia com a coleção promover uma mudança de mentalidade do professor que o habilitasse ao papel de promotor da modernização do país pela escola. Tratava-se de uma estratégia política e cultural de intervenção pedagógica através do impresso (CARVALHO & TOLEDO, 2004, p. 4). Ou seja, estratégia que visava à transformação da mentalidade do professorado (CARVALHO; TOLEDO, 2004, p. 9).

Segundo formulações contidas no próprio catálogo *O que é a Biblioteca da Educação* (publicado pela Companhia Melhoramentos de São Paulo), os livros dessa coleção pretendiam harmonizar “o estudo dos fins da obra educativa” e “os meios de educar”, no contexto de “uma civilização em mudança” em que “os quadros sociais estalam”, em função da “anarquia mental e moral”, e promover a “renovação pedagógica” (MONARCHA, 1997, p. 32).

Ao selecionar, traduzir, escrever e organizar os livros que comporiam a coleção da Biblioteca de Educação, Lourenço Filho reuniu vários títulos que tratavam da educação renovada e/ou Escola Nova. Com isso, buscava apresentar a nova educação à sociedade e, ao mesmo tempo, criar um corpo de saber acumulado que tendesse à especialização e institucionalização acadêmica. Enfim, “conciliar positivamente a sociedade por meio da educação das massas e renovar os métodos de ensino na escola primária e secundária” (MONARCHA, 1997, p. 32).

Para Carvalho e Toledo (2004), a escolha de Lourenço Filho para a organização desta biblioteca se deu justamente pelo fato de ele ocupar naquele momento posição de liderança no movimento educacional da Escola Nova, imprimindo-lhe o seu nome como referência, a fim de legitimar o empreendimento editorial de divulgação dos princípios escolanovistas, uma vez que intelectual engajado no movimento de renovação educacional. Quando convidado para organizar a biblioteca, era professor da Escola Normal da Praça da República, em São Paulo; membro ativo da Sociedade de Educação Paulista; diretor e autor da *Revista Educação*; escrevia para a *Revista Brasil* e em alguns jornais de grande circulação; participava ativamente dos debates das Conferências Nacionais de Educação, promovidas pela Associação Brasileira de Educação e já havia realizado a reforma da Instrução Pública do estado do Ceará. A editora, uma das principais do mercado de livros educacionais, com ampla estrutura de distribuição e divulgação, abriu espaço para difusão e defesa de suas idéias e proposições de reforma escolar, pautadas na Escola Nova.

A *Biblioteca de Educação* contribuiu ainda com o aquecimento do mercado editorial nas décadas de 1920 e 1930 e o próprio Lourenço Filho foi responsável pela autoria de três obras publicadas na coleção: *Introdução ao estudo da Escola Nova* (1930), *Testes ABC* (1933) e *Tendências da educação brasileira* (1941).

De acordo com Monarcha (1997), a *Biblioteca de Educação* perdurou até 1979, com a publicação de 36 títulos. No entanto, o período de maior divulgação do Movimento da Escola Nova por meio da biblioteca se dá de 1927 a 1940, sendo que após esta data ocorre um abrandamento, mas alguns títulos, consagrados nas décadas de 1920 e 1930, como *Introdução ao estudo da Escola Nova*, ainda foram reeditados.

Entre as obras editadas pela *Biblioteca de Educação, Introdução ao estudo da Escola Nova* foi considerada um marco na divulgação de todas as correntes renovadoras da educação que chegavam da Europa e dos Estados Unidos e também das realizações brasileiras do período.

Publicada pela primeira vez em 1930 e traduzida para o espanhol em 1933, perdurou até o ano de 1979 em treze edições, sendo uma das mais difundidas (entre 1927 e 1979). A leitura da obra em questão mostra como o autor se posiciona frente ao movimento, quais influências sofreu e é obra fundamental na estratégia de divulgação das novas bases educacionais pautadas em um conjunto de conhecimentos recentes, provenientes da história, biologia, psicologia e sociologia.

O Quadro abaixo informa sobre as edições de *Introdução ao estudo da Escola Nova* entre 1930 a 1979⁴:

Edição	Tiragem	Data
1	12.000	Jul. 1930
2	?	?
3	?	?
4	?	?
5	2.000	Jan. 1943
6	3.000	Nov. 1948
7	6.000	Abr. 1961
8	5.000	Out. 1963
9	5.000	Jun. 1967
10	3.000	Dez. 1969
11	3.000	Abr. 1974
12	14.000	Jun. 1978
13	2.000	Ago. 1979

Ao mesmo tempo em que continua na organização da *Biblioteca da Educação*, Lourenço Filho assume outras funções públicas no campo da educação (cargos

⁴ Fonte dos dados: MONARCHA, Carlos. Lourenço Filho: outros aspectos, mesma obra. UNESP: Mercado das Letras, 1997.

administrativos e magistério); participa da fundação do Liceu Nacional de Rio Branco, onde organiza e dirige a Escola Experimental de Rio Branco; participa da fundação da Sociedade de Educação de São Paulo; comparece à I, II, III, IV e V Conferência Nacional de Educação como delegado de São Paulo. Também faz diversas apresentações e publicações de trabalhos, tais como: “A uniformização do ensino primário, nas suas idéias capitais mantida a liberdade dos programas” (adotado pela ABE em todas as suas conclusões, 1927); “Contribuição ao estudo experimental do hábito” (Revista de biologia e higiene, 1927); A Escola Nova (em opúsculo, como resposta ao inquérito de 1926, em 1927); “Um Inquérito sobre o que os moços lêem” (Revista Educação, de São Paulo, 1927); publica *Cartilha do Povo*, (1928); “A Uniformização do ensino primário no Brasil”, “A moral no teatro, principalmente no cinematógrafo”, “Há uma vocação para o magistério?”, A Segunda Conferência Nacional de Educação (em jornais e na Revista Educação, 1928); Ação Social brasileira (Revista de São Paulo, 1930); Escola Nova? (revista Escola Nova, 1930); Subscrive o Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova (1932), entre outros (MONARCHA; LOURENÇO FILHO, 2001).

Em 1929, se forma no curso de Direito da Faculdade de Direito de São Paulo, iniciado antes de sua partida para o Ceará, sendo no ano seguinte nomeado Diretor-Geral da Instrução do Estado de São Paulo, onde permanece até 1931. Nesta função reorganiza a Diretoria, mudando-lhe a denominação para Diretoria Geral, da qual passam a fazer parte Serviços de Assistência Técnica e Inspeção Escolar, dez delegacias regionais, Biblioteca Pedagógica Central, Museu da Criança, Inspeção Médico-Hospitalar, Almoxarifado e novos serviços de Secretarias. Ainda como Diretor-Geral reorganiza o ensino normal e profissional de São Paulo e cria o Serviço de Psicologia Aplicada.

Em 1931 é convidado pelo Ministro da Educação e Saúde para chefiar seu gabinete e organizar os planos da Faculdade de Educação, Ciência e Letras do Rio de Janeiro.

No ano de 1932, organiza junto com Anísio Teixeira o Instituto de Educação do Rio de Janeiro, onde permaneceu como diretor até 1937, e como professor de Psicologia Educacional, até 1938 (MONARCHA; LOURENÇO FILHO, 2001).

Neste período de permanência no Instituto de Educação Lourenço Filho desempenhou papel relevante na tentativa de imprimir-lhe uma conotação escolanovista. Para tanto, de acordo com Vidal (2001), buscou tornar o ensino no instituto o mais ativo e experimental possível, em consonância com o cerne do movimento da Escola Nova que exigia a experiência prática daquele que aprende.

Incorporou ao Instituto de Educação a escola primária, secundária e o Jardim de Infância, apontados como campo de experimentação, demonstração e prática de ensino para os cursos da Escola de Professores. Organizou e criou inquéritos, bibliotecas, aulas experimentais, dramatizações, cinema, circulação de jornais escritos e editados por alunos, excursões, clubes de leitura, escola anexa de aplicação para as professorandas, de modo a estimular a prática das teorias e aperfeiçoar a formação docente. Buscou fazer do instituto um grande laboratório para a elaboração, aplicação e reflexão sobre os novos métodos pedagógicos que deviam permear as práticas escolares assim como modelo para as demais escolas.

A preocupação de adequação do instituto aos novos princípios era visível também pela diversidade dos espaços organizados por Lourenço Filho que apontavam para um ensino baseado na experiência, na vivência dos estudantes, como: auditório para teatro e para canto orfeônico, salas abrigando serviços médico e dentário, ginásio de esportes, laboratórios de Química, ateliers de desenho, oficinas para Trabalhos Manuais, Museu de História Natural, biblioteca, salas para aulas de Higiene, Química e Física, laboratórios de Física e Higiene.

Na escola primária empenhava-se no ensino de projetos, do qual participavam o corpo docente e as alunas do Curso Normal. Por diferentes vias, Lourenço Filho buscava concretizar o princípio da ação no ensino e alterar a educação agindo diretamente sobre a formação de professores, esquadrihando a atividade docente. Assim, as atividades das escolas primárias, secundária e jardim de infância do Instituto de Educação tinham como centro as necessidades da formação para o magistério da Escola de Professores (VIDAL, 2001).

Para Lourenço Filho, observar, pesquisar e experimentar deviam ser práticas constitutivas do cotidiano escolar das alunas do magistério e de seus professores. O instituto transformou-se em campo de experimentação e teste de novos métodos e teorias e de estudos da criança e adolescente cariocas, com o objetivo de levantar elementos para a constituição de uma ciência pedagógica, adaptada às condições brasileiras.

Ainda de acordo com Vidal (2001), como professor de Psicologia da Educação do Instituto, Lourenço Filho abordava a Psicologia pelo modelo biológico, principalmente por ter estudado medicina por alguns anos, e em suas aulas realçava as conquistas do Behaviorismo e da Psicologia Objetiva, evidenciadas nos programas de Psicologia Educacional a ênfase nas experiências de Pavlov e a defesa de estudos sobre os reflexos condicionados para o desenvolvimento da aprendizagem infantil, questões abordadas em seu livro *Introdução ao Estudo da Escola Nova*, no qual se apoiava para a formação dos professores no instituto.

Em 1934, foi eleito presidente da Associação Brasileira de Educação e, em 1935, foi nomeado professor de Psicologia Educacional da Escola de Educação, da Universidade do Distrito Federal e diretor, dirigindo temporariamente o Instituto de Pesquisas Educacionais do Distrito Federal (INEP).

Em 1936, recebeu os primeiros convites para ministrar cursos em universidades e institutos culturais estrangeiros, fortalecendo seu prestígio no Brasil e proporcionando a conquista de novas fronteiras e novos espaços (BERTOLETI, 2006). Foi escolhido como representante do ensino normal e nomeado como membro do Conselho Nacional de Educação, em 1937, onde permaneceu até a extinção do órgão em 1961.

De 1938 a 1946, organizou e dirigiu o Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos (INEP), no Rio de Janeiro, órgão destinado a realizar pesquisas sobre os problemas de educação, assim como ser o centro de todas as questões educacionais relacionadas com os trabalhos do Ministério da Educação e Saúde e de cooperação com o Departamento Administrativo do Serviço Público – DASP (MONARCHA; LOURENÇO FILHO, 2001). Na administração do DASP, realizou, em 1940, um curso de “Psicologia das relações humanas no trabalho” e ainda no INEP, fundou, em 1944, a *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos (RDPE)*.

Lourenço Filho assumiu, em 1939, a cadeira de Psicologia Educacional na Universidade do Brasil (DF). De 1939 a 1941, publicou vários artigos: “A educação norte-americana”, “Educação e segurança nacional”, “Seleção profissional” (Revista do Instituto de Resseguros do Brasil); apresentou trabalhos, tais como: duas comunicações “A população escolar e a taxa de analfabetismo nas estatísticas educacionais americanas” e “A educação atual: teorias e resultados” (The Eighth American Scientific Congress); e, pronunciou várias conferências: “A escola ativa direta”, “A evasão escolar no ensino primário brasileiro”, “Educação e educação física”. Presidiu a Comissão Nacional de Ensino Primário e organizou e secretariou a I Conferência Nacional de Educação, em 1941. No ano de 1946, reassumiu o cargo de professor de Psicologia Educacional na Faculdade Nacional de Filosofia do Rio de Janeiro, onde permaneceu por mais dez anos, publicando: “Formação do professor secundário”, “O aproveitamento de diplomados pelas Faculdades de Filosofia em cargos e funções do serviço público”, “Congressos e conferências de educação: rápida resenha histórica”.

Assumindo pela segunda vez o cargo de diretor do Departamento Nacional da Educação, organizou e dirigiu, em 1947, a Campanha Nacional de alfabetização de Adultos, publicando inclusive uma cartilha de sua autoria direcionada para adultos: *Ler*.

Um ano depois, presidiu a Comissão para elaboração do anteprojeto da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira e publicou os artigos: “O ensino particular e o Estado”, “O valor das bibliotecas Infantis”, “A criança na literatura brasileira” e o relatório “Serviço de educação de Adultos: relatório de atividades de 1947”. É fundada em 1949 a Associação Brasileira de Psicologia aplicada, na qual é eleito presidente. Em 1952, foi eleito presidente do Instituto Brasileiro de Educação, Ciência e Cultura (Ibccc).

No ano de 1953 iniciou a publicação da *Série Graduada de Leitura Pedrinho*, em cinco volumes e os respectivos *Guias do mestre* contendo roteiros e explicações para uso em sala de aula.

A elaboração pelo autor de uma série de leitura graduada decorreu tanto das descobertas das diferentes fases de desenvolvimento da criança, que apontaram para diferentes características de aprendizagem para as diferentes idades, como também para facilitar a organização escolar. Assim, pode-se dizer que após a ocupação de importantes posições e cargos no cenário educacional e de ter influenciado por meio de diferentes estratégias a formação de professores, o autor adota mais um dispositivo com o mesmo objetivo: interferir nas salas de aula, produzindo material para uso diário de alunos e professores. Lourenço Filho diferencia-se de outros autores de livros de leitura por carrear para a publicação sua vasta experiência e a proeminência anteriormente adquirida na carreira profissional.

De acordo com Oliveira (2004), as séries de leitura graduada surgiram no Brasil a partir do final do século XIX para atender ao modelo de escola graduada, contribuindo para a organização de saberes e da organização do trabalho didático. As séries de leitura, desde essa época, buscavam, segundo a autora, não só o ensino da leitura como também inculcar valores de civilidade, moral e higiene nas crianças, características estas também encontradas na série elaborada por Lourenço Filho.

Apesar de o movimento da Escola Nova criticar o uso de manuais de ensino com passos metódicos e rígidos a seguir, buscando “fornecer um repertório de informações e de referenciais críticos para o professor, orientando-lhe a leitura como prática inventiva rebelde à prescrição de modelos” (CARVALHO, 2001, p. 154), Lourenço Filho acaba por elaborar o *Guia do Mestre* para a Série de leitura graduada *Pedrinho*.

O Guia e é um manual metodológico pautado e elaborado com base, segundo o autor, nos princípios escolanovistas, que oferece detalhadamente os passos que o professor deve seguir para o desenvolvimento de cada lição contida no respectivo livro do aluno. A série de

leitura é composta pelos livros *Pedrinho* (1953), *Pedrinho e seus amigos* (1954), *Aventuras de Pedrinho* (1955), *Leituras de Pedrinho e Maria Clara* (1956), *Pedrinho e o mundo* (1957).

Deste modo, modificando a estratégia inicial de divulgação das concepções da Escola Nova a partir do “estabelecimento das novas bases teóricas, descrevendo as iniciativas metodológicas delas decorrentes, não prescrevendo modelos de como ensinar, mas asseverando a diversidade de possibilidade já implementadas” (VALDEMARIN, 2008, p. 20), Lourenço Filho adota as prescrições para a prática, embora restritas a um material específico, como um dispositivo para regular a atividade docente. As intenções renovadoras, portanto, são explicitadas num recurso bastante tradicional e largamente criticado pelo autor.

A princípio, o *Guia do Mestre* foi elaborado separadamente para cada um dos livros da série de leitura *Pedrinho* e, posteriormente, em 1968, unificado em dois volumes. Em exemplar datado de 1968 o autor afirma que considerou a opinião de “numerosos mestres primários, bem como professores de escolas normais, diretores e inspetores” (LOURENÇO FILHO, 1968a, p.5) para que “este guia do mestre devesse ser publicado não mais em folhetos separados, correspondentes a cada livro da Série Pedrinho, mas sim, em um volume só, ou em dois, para melhor apreensão do processo total da aprendizagem da leitura”, e que “nesta nova edição foi adotada a última idéia, a de apresentar-se a matéria em dois pequenos volumes” (LOURENÇO FILHO, 1968a, p.7).

Edições do *Guia do Mestre* volumes I e II⁵:

Título: *Guia do Mestre: para o ensino da Leitura*, v. 1

Série: Leitura graduada Pedrinho

Data	Edição	Tiragem
Jan. 1953	1	5.000
Dez. 1953	2	5.000
Dez. 1954	3	5.000
Mar. 1956	4	5.000
Set. 1957	5	5.000

⁵ Fonte dos dados: MONARCHA, Carlos; LOURENÇO FILHO, Ruy (orgs). *Por Lourenço Filho: uma bibliografia*. Brasília: Instituto Nacional de estudos e Pesquisas educacionais, 2001.

Jan. 1968	1	10.000
Fev. 1969	2	1.295
Nov. 1969	3	1.000

Título: *Guia do Mestre: para o ensino da Leitura*, v. 2

Série: Leitura graduada Pedrinho

Data	Edição	Tiragem
Jan. 1954	1	5.000
Abr. 1954	2	5.000
Ago. 1955	3	5.000
Set. 1957	4	10.000
Fev. 1968	1	15.000
Nov. 1969	2	1.500

A série de leitura *Pedrinho*, junto com a *Cartilha do povo – para ensinar a ler rapidamente* (1928), *Ler* (1947) e, mais tarde, com a cartilha *Upa, Cavalinho!* (1957), constitui a produção didática de Lourenço Filho para a alfabetização e ensino da leitura.

Antes dessa série o autor publicou livros de literatura infantil organizados na *Série Histórias do Tio Damião*, com 12 títulos: *Totó* (1942), *Baianinha* (1942), *Papagaio real* (1943), *Tão pequenino...* (1943), *Saci-Pererê* (1944), *O indiozinho* (1944), *A irmã do indiozinho* (1943), *A Gauchita* (1946), *A formiguinha* (1946), *No circo* (1946), *Maria do céu* (1951) e *E eu, também...* (1951).

O projeto editorial da Série Graduada de Leitura *Pedrinho* foi levado adiante dois anos depois de encerrado o projeto editorial da Série Histórias de Tio Damião, o que levou Bertoletti (2006b) a afirmar que

o intervalo de tempo que separa essa produção declaradamente didática da produção de literatura infantil de Lourenço Filho é indicativo de que, de acordo com o ponto de vista de seu autor, *Histórias do Tio Damião* foi produzida como literatura infantil e a Série Graduada *Pedrinho* foi produzida como leitura escolar, de caráter didático (BERTOLETTI, 2006b, p. 81).

A Série de Leitura graduada *Pedrinho* foi aplaudida e indicada como a grande produção de Lourenço Filho para crianças, à época de sua publicação e até os dias de hoje. Para Bertolletti (1997), não somente pelo êxito de sua trajetória editorial, mas também por seu caráter inovador, no que se refere ao aspecto gráfico e aos princípios teóricos que concretizava, a Série estava sintonizada com sua época.

No ano de 1955, o autor presidiu o I Seminário Latino- Americano de Psicologia aplicada, no Rio de Janeiro e São Paulo, e publicou “A formação do professorado primário” e “A psicologia no Brasil” (capítulo de *As ciências no Brasil*). Em 1956 editou a seção A Psicologia para a *Enciclopédia Delta Larousse*. Também em 1956 recebeu o título de professor honorário da Universidad Mayor de São Marcos, no Peru, e foi eleito membro da American Statistical Association of the United States.

No ano de 1957 se aposentou no cargo de professor catedrático de Psicologia Educacional, pela Faculdade de Filosofia da Universidade do Brasil, que lhe concedeu o título de Professor Emérito, além do governo da República inaugurar com seu nome a Ordem Nacional de Mérito Educacional, no grau de Egregius.

Ao deixar as atividades do magistério e da administração escolar a partir da aposentadoria, Lourenço Filho dedicou-se mais intensamente à produção escrita, bem como procedeu à revisão e ampliação de seus livros que já alcançavam inúmeras edições. De acordo com Monarcha e Ruy Lourenço Filho (2001), muitos escritos dessa época encontram-se em prefácios ou ensaios introdutórios de várias obras, em número superior a uma centena. Pelo conjunto de sua obra, recebeu, em 1963, o prêmio “Ciência da Educação”, da Fundação Moinho Santista.

Em 1970, antes de sua morte em três de agosto do mesmo ano, Lourenço Filho presidiu a comissão incumbida de organizar o curso de mestrado em psicologia no ISOP (Instituto de Seleção e Orientação Profissional), sendo o curso inaugurado em 1971 e transferido em 1991 para o Instituto de Psicologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Seu último trabalho escrito foi o prefácio à tradução brasileira de Agostinho Minicucci do livro *Problemas e métodos no ensino da leitura*, escrito pela educadora argentina Berta Braslavsky, publicado, em 1971 pela Editora Melhoramentos, na coleção Biblioteca da Educação (BERTOLETTI, 2006).

Desse breve resumo pode-se comprovar que Lourenço Filho teve uma vida pública intensa, voltada para questões educacionais e produziu durante todo o tempo obras e artigos relacionados à área. Publicou textos sobre educação, psicologia, sociologia, leitura, livros de literatura, além de livros teóricos de grande destaque, como *Introdução ao Estudo da Escola*

Nova (1930), *Testes ABC para verificação da maturidade necessária ao aprendizado da leitura e da escrita* (1933), *Tendências da Educação brasileira* (1940), *A pedagogia de Rui Barbosa* (1954); livros didáticos de matemática: *Aprenda por si só!: exercícios de aritmética. Série A: preliminar* (1941) e *Aprenda por si só!: Série B: exercícios e problemas com números inteiros* (1942), *Nova taboada e noções de aritmética* (1958); livros de literatura infantil e juvenil, sendo os já citados da *Série Histórias do tio Damião* e os da *Série Viagens através do Brasil* (1954); e os livros para leitura escolar, fontes documentais da presente análise, a *Série de Leitura Graduada Pedrinho*.

Diante da influência do autor no movimento da Escola Nova e de sua contribuição, com a publicação de obras e artigos (teóricos ou didáticos), para a mudança da mentalidade do professorado de acordo com os novos princípios, os próximos capítulos são dedicados à análise de duas de suas produções: *Introdução ao estudo da Escola Nova* e os dois volumes do *Guia do Mestre* da *Série de Leitura Graduada Pedrinho*.

As duas obras foram tomadas neste trabalho como referência para a apreensão da apropriação do autor dos princípios da Escola Nova divulgados por ele no período em questão, uma delas, voltada para a exposição das diretrizes da renovação pedagógica (*Introdução ao Estudo da Escola Nova*) e a outra dedicada aos procedimentos de ensino (*Guia do mestre*). Com a análise dessas fontes pretende-se compreender os movimentos do autor na explicitação dos princípios educacionais e sua transformação em diretrizes para a prática pedagógica e as mudanças decorrentes do tempo que separa uma da outra.

2. Introdução ao Estudo da Escola Nova, as bases educacionais renovadas na perspectiva de Lourenço Filho

A obra *Introdução ao Estudo da Escola Nova* é fundamental na estratégia de divulgação das novas bases educacionais assentadas em um conjunto de conhecimentos então recentes, provenientes da biologia, da psicologia e da sociologia. Estes fundamentos, que dão origem a princípios gerais da Escola Nova, tais como: atividade, interesse e motivação, são explicitados por Lourenço Filho no livro com o intuito de que deles decorram novas práticas.

Mais que falar sobre os conceitos do movimento da Escola Nova, o autor deixa explícito na obra que o principal objetivo é dar apoio aos professores para que a mudança pedagógica ocorra dentro da sala de aula. Seja ao direcionar-se a eles em alguns momentos ou ao citar e descrever exemplos práticos de autores que criaram sistemas para aplicação dos princípios em atividades em sala de aula, como Decroly, Montessori, e outros. Esta afirmação é significativa quando se verifica que o próprio autor tomou a obra como referência no curso para formação de professores do Instituto de Educação, no Rio de Janeiro, no período em que foi diretor e mestre no mesmo.

Também na apresentação da 7ª edição, assinada pelas Edições Melhoramentos, já se vê o direcionamento da obra ao professorado:

Interessando aos professores primários e secundários, como aos estudiosos das questões educativas em geral, administradores, publicistas e trabalhadores sociais, esta 7ª edição está destinada a assinalar um novo e seguro passo no desenvolvimento dos estudos pedagógicos. (LOURENÇO FILHO, 1963, p.11)

Depois, no prefácio do próprio autor, na mesma obra:

Rapidamente se esgotou a 7ª edição deste livro, reescrito sob novo plano. Esse fato indica que o texto refundido veio a corresponder aos desejos de numerosos professores e estudantes, quer nos cursos de preparação pedagógica, quer ainda em outros a que os problemas gerais da educação interessam. (LOURENÇO FILHO, 1963, p. 13)

Com *Introdução ao Estudo da Escola Nova*, que, segundo o autor, pode também ser intitulada *Introdução ao Estudo da Pedagogia Contemporânea*, sem que com isso haja prejuízo para compreensão da matéria, Lourenço Filho procura tratar, descrever e explicar os fundamentos da Pedagogia moderna e os procedimentos de ensino, seus meios e recursos, deles decorrentes, na forma de sistemas didáticos definidos a partir da contribuição da

biologia, da psicologia e dos estudos sociais utilizados como fundamentação para ações técnicas. Com isso, descreve a transformação sofrida pelos métodos de ensino e a elaboração de iniciativas inovadoras, como se verá a seguir com a exposição do conteúdo da obra.

2.1. A obra

A obra, pautada na idéia de que a escola é responsável pela transmissão da cultura de uma sociedade, ou seja, de suas crenças, ideais e costumes, aos indivíduos que buscam ajustar-se ao ambiente no qual estão inseridos, contribui com a formação de comportamentos determinados em consonância com a natureza humana e as constantes mudanças da vida social.

Para o autor, essa nova compreensão da educação teve origem em meados do século XIX, com as transformações econômicas resultantes das inovações nos modos de produção pela indústria e a expansão das idéias democráticas. Estas, ao imporem a necessidade da expansão do ensino ao maior número possível de pessoas, devido ao desejo de capacitá-las (ajustá-las) para o trabalho e para o modo de governo democrático, permitiu a verificação de que a escola ao admitir um grande número de alunos das mais variadas procedências, condições de saúde, diversidade de tendências e aspirações, utilizava-se de procedimentos didáticos que, apesar de lograrem êxito com certo número de crianças, de igual modo, não serviam a outras.

Os programas, a organização e os procedimentos didáticos então vigentes, inadequados às novas condições econômicas e políticas, já que se baseavam, segundo Lourenço Filho, em estudos intelectualistas e acríticos, passaram a ser questionados, fazendo com que ao didatismo corrente, sucedesse certa curiosidade na indagação das causas ou razões daquelas diferenças, de acordo com a seguinte expressão:

Do interesse em regular as atividades dos mestres, ou do ato unilateral de ensinar, impondo noções feitas, passou-se a procurar entender os discípulos no ato de aprender, em circunstâncias a isso favoráveis ou desfavoráveis segundo as condições individuais de desenvolvimento. (LOURENÇO FILHO, 1978, p. 21)

Reforçando a nova posição dos impressos como instrumentos de base para a compreensão, divulgação e possível aplicação pelos educadores dos princípios da Escola Nova na prática pedagógica, Lourenço Filho diz em sua obra que “a intenção deste livro é proporcionar especialmente a educadores, mas também ao público em geral, elementos de

informação e reflexão” (LOURENÇO FILHO, 1978, p. 20), a partir dos quais possam encontrar respostas ou direção para as seguintes indagações:

Como discernir as linhas de tão complexo movimento para bem apreendê-lo?... Como situá-lo nas mudanças que a vida social continua a apresentar?... Como distinguir entre tendências realmente construtivas, tentativas frustradas e modas passageiras?... Como conciliar conclusões derivadas de investigações bem fundadas e simples lemas de propaganda? (LOURENÇO FILHO, 1978, p. 20)

De acordo com o autor, “não bastaria refazer a didática, mas rever-lhe os fundamentos gerais. De outra parte, não bastaria reafirmar certos princípios tradicionais, mas reajustá-los a novas circunstâncias” (LOURENÇO FILHO, 1978, p. 20).

O autor deixa claro que sua intenção não é apenas expor os novos conceitos da Escola Nova, mas explicitá-los para que os professores façam uso deles na prática docente, renovando assim a educação. Para o autor, é necessária a preparação técnica pautada nos novos princípios assim como a formação geral, social e humana dos futuros ou já educadores.

Com este objetivo divide a obra em três partes: As bases, Os sistemas e a Problemática.

Na primeira parte - As Bases - Lourenço Filho discorre sobre os fundamentos científicos da educação, analisando a contribuição dos dados mais recentes da época da biologia, psicologia e ciências sociais a fim de demonstrar o mútuo apoio que estas áreas prestam na elaboração dos grandes constructos do crescimento e desenvolvimento, motivação e aprendizagem, e ajustamento e personalidade, elementos importantes para a prática docente, uma vez que interferem na aprendizagem.

A segunda parte - Os sistemas - apresenta os sistemas renovados na forma de grandes modelos de ação prática, tais como aqueles desenvolvidos por Montessori, Decroly (com os centros de interesse), os projetos e as unidades de trabalho.

A última parte - A problemática - encara a problemática da educação submetendo-a aos pressupostos da filosofia educacional e da ação política, seus novos métodos e recursos. Toda a complexa matéria toma consciência no desdobramento de dois conceitos originais, os de micro-educação e macro-educação, ao redor dos quais o autor situa os problemas de renovação educativa e, por eles, de toda a elaboração pedagógica contemporânea.

Na obra, o autor defende a idéia de formação integral da criança, na qual a aprendizagem depende tanto de fatores orgânicos como psicológicos e sociais.

Com isso, buscou elementos que ajudassem a melhor compreender o ato e o melhor momento para aprender, envolvendo questões maturacionais, motivacionais e de convivência humana para as renovações educacionais.

A partir de estudos sobre estes campos da ciência enfatizou, descreveu e justificou questões como o desenvolvimento normal e suas fases, o interesse e motivação do indivíduo e a importância das relações estabelecidas entre o homem com outros homens e o meio. A descoberta de fases maturacionais, permitia graduar em níveis a marcha para a aquisição da fala e certas habilidades manuais e as aprendizagens mais complexas, como a leitura e escrita, por exemplo. Daí decorre a afirmação que a criança se adapta ao meio de acordo com as possibilidades do organismo que evolui e que, portanto, cabe à ação educativa esclarecer os meios para que aquelas condições não prejudiquem suas possibilidades e limites, garantindo a normalidade e suas funções.

Na prática, fez com que tais conhecimentos se refletissem na constituição da higiene escolar, tema recorrente nas histórias apresentadas na *Série de Leitura Graduada Pedrinho*, elaborada pelo autor anos depois, com a construção de hipóteses relativas à influência da hereditariedade e do ambiente e do valor de certas circunstâncias do meio doméstico e outras do ambiente escolar. A questão da influência da hereditariedade e do ambiente, assim como as fases de desenvolvimento do indivíduo, presentes em *Introdução ao estudo da Escola Nova* tiveram continuidade em 1933, na obra *Testes ABC*, para apoiar o trabalho pedagógico do professor na verificação da maturidade necessária para a aprendizagem da leitura e da escrita.

Como consequência dessa nova compreensão e depois de verificada a importância das primeiras idades no processo evolutivo, Lourenço Filho defende em sua obra a necessidade de ser estabelecida maior coordenação entre o trabalho das instituições escolares e a ação da família, ou do lar. Para ele, isto seria possível através de medicina preventiva, responsável pela difusão de conhecimentos de profilaxia, e de informações sobre alimentação e higiene do corpo. Mais uma vez, a *Série de Leitura graduada Pedrinho* e *Testes ABC* contribuem com este quesito, na medida em que a primeira trata em várias de suas histórias de temas sobre a boa alimentação e bons hábitos de higiene, e a segunda traz como verificar o bom momento para a aprendizagem da leitura, assim como, quais são os fatores negativos que interferem na boa aprendizagem, possibilitando criar desde cedo hábitos saudáveis nas crianças e evitar erros que tragam prejuízos para elas na aprendizagem presente e futura.

Lourenço Filho legitima na concepção do processo educativo o modelo evolutivo na compreensão da natureza humana, ou seja, o ser humano se desenvolve de forma contínua, em períodos e fases sucessivas, que se ligam umas às outras, portanto, progressivamente. Sendo

assim, a escola deve também graduar o ensino, como o fez na *Série Graduada de Leitura Pedrinho*. À escola cabe respeitar as fases de desenvolvimento de seus alunos, apresentando-lhes gradativamente aquilo que cabe a cada faixa etária correspondente a uma fase específica de desenvolvimento, que apresentará condições específicas para aprender.

A obra *Introdução ao Estudo da Escola Nova* como um todo tem a intenção de convencer o leitor de que o indivíduo pensa, age e se desenvolve a partir da necessidade de se adaptar ao meio social no qual está inserido, e que esta adaptação ocorre de acordo com a influência da motivação, aprendizagem e personalidade (fatores psicológicos). Elementos estes que se desenvolvem de acordo com caracteres biológicos (orgânicos/maturacionais/hereditário) individuais em interação com o meio (fatores sociais), dependente das relações com as coisas materiais e com as pessoas.

Confirmando a tentativa do autor de criar uma obra que influenciasse na mudança de mentalidade dos educadores e, conseqüentemente, a prática pedagógica destes, Lourenço Filho afirma que a partir das novas bases, isto é, da descrição das variações do desenvolvimento físico e mental das idades, o educador deve adequar seus planos, objetivos e esforços a cada uma delas. O professor deve disciplinar-se pela visão de que o processo de formação é contínuo, gradual e incessante. Com a descrição dos conhecimentos das áreas citadas, que vem comprovar que os indivíduos possuem semelhanças e diferenças, aconselha ainda aos professores que em face deste reconhecimento, terão de adaptar o ensino não só às fases evolutivas, mas também às diferenças de cada aluno em particular. As individualidades ocorrem, segundo ele, devido às diferentes experiências e personalidades de cada um, que são influenciadas pela cultura e grupo ao qual pertence.

Para Lourenço Filho, apoiado no conceito de plasticidade, educar significa mudar comportamentos do educando. Para a mudança de comportamentos aponta as técnicas derivadas das noções da vida psicológica da criança.

Dentre os fatores psicológicos prioriza para o ensino as questões que envolvem a personalidade, o interesse e a motivação (algo que nos faz mover para), dos quais resulta a atividade (ação) daquele que aprende. O autor dedica várias páginas de seu livro à tentativa de descrever estes conceitos.

Para o autor, são diferentes os estímulos que impulsionam as crianças a agirem. A ação resulta da influência das experiências pessoais, que dão origem a conhecimentos que são transportados para a situação presente, influenciando nas decisões a tomar e da preferência por estímulos determinados pela personalidade, ou seja, pelo temperamento, grau de confiança, de auto-estima, de segurança, etc., enfim, da disposição para agir e do modo como agir.

Tomando como base a biologia e as ciências sociais, explica que a motivação pode ser originada de necessidades e impulsões de ordem orgânica (fome, sede, frio), que surgem de desequilíbrios internos do organismo frente uma dada situação a qual deve adaptar-se, buscando uma resolução para o problema imposto, ou de ordem social (segurança, identificação com o grupo e dominância) expressos em forma de atitudes, desejos e propósitos. A educação deve atentar e agir sobre as atitudes, desejos e propósitos, pois são matérias primas a serem moldadas para fins considerados ideais. Lourenço Filho demonstra a importância dada a esses fatores ao explicitar detalhadamente cada um deles e também quando retoma no *Guia do Mestre da Série de Leitura Graduada Pedrinho* tais conceitos na exposição teórica dos princípios nos quais está pautado.

As atitudes “exprimem disposições em sentido favorável, ou desfavorável, para certo incentivo ou uma classe deles. Há seqüências de comportamentos que revelam, da parte de um indivíduo, disposição para bem perceber e enfrentar uma situação; outras em que, ao contrário, expectativas negativas se revelam. Resultam todas da experiência anterior, representando formas de motivação nitidamente individual” (Lourenço Filho, 1978, p. 84), que muitas vezes decorrem do desejo de crianças e jovens se sentirem semelhantes às pessoas com as quais convivem (pais, parentes, mestres ou companheiros da mesma idade), ensaiando papel social idêntico aos delas. Quando o desejo toma feição de intenção deliberada, transforma-se em propósito a alcançar, e a criança “se compromete a agir na direção de um alvo determinado e preciso, e para a sua obtenção dirigirá todo o comportamento, planejando e graduando os esforços a realizar, na medida de suas capacidades” (LOURENÇO FILHO, 1978, p.84). Os propósitos são guiados, assim, em direção a aspirações que o educando anseia alcançar. Determinam, desta forma, um fim no emprego de atividades. Este fim pode referir-se a valores pessoais ou sociais.

Os valores sociais são instituídos para integrar o comportamento dos grupos, dando-lhes unidade e coerência, a fim de possibilitar nos indivíduos uma “personalidade básica”. Contudo, Lourenço Filho explica que a assimilação não ocorre de maneira completa, pois cada pessoa cria também sua própria valoração pessoal, destacando preferências individuais, decorrentes da experiência do indivíduo como pessoa.

A aprendizagem, isto é, a variação do comportamento por efeito da experiência oriunda de prática ou exercício em busca de ajustamento individual, passou também a ser estudada a partir da motivação, uma vez que a ela está estritamente ligada, pois “uma situação motivadora se reestrutura por efeito da experiência e essa forma aprendida modela a situação

motivadora subsequente, a qual por sua vez possibilita uma nova aprendizagem de tipo mais complexo e, assim, sucessivamente” (LOURENÇO FILHO, 1978, p. 89)

Portanto, o processo é contínuo e progressivo por ser inerente à vida e compor-se de operações que envolvem a cada nova situação maior número de elementos. São estas operações que permitem passar de simples regulações da vida vegetativa às mais altas e complexas formas de ajustamento, possibilitando aprender, por exemplo, incentivos simbólicos que ajudam a perceber, compreender, imaginar e pensar de modo conseqüente.

Com a aprendizagem, ocorre no indivíduo uma modificação funcional assim como uma acumulação de resultados, na medida em que ele passa a selecionar certas características do ambiente para a direção das reações e a reiterar esforços anteriormente aplicados em outras situações, resultando então a atividade própria de quem aprenda. A aprendizagem depende ainda dos significados que cada indivíduo passa a atribuir aos resultados que dela provém e do interesse que cada um despenda aos mesmos.

A personalidade, assim como a motivação e a aprendizagem, é a última variável citada por Lourenço Filho que influencia de diferentes maneiras as reações dos indivíduos.

Verificada pela permanência em situações de conflito de constituição física, reações de temperamento, capacidade de inteligência (capacidade de aprender), aptidões e cultura adquirida, a personalidade pode ainda ser observada pela influência de sentimentos assimilados a partir de relações sociais na família, na escola, na igreja, enfim, na comunidade a qual pertence, como: inferioridade, medo, insegurança e baixa auto-estima. Estes sentimentos interferem nas atitudes, desejos e propósitos dos indivíduos, assim como na capacidade de ajustar-se ao ambiente. Se a criança for marcada por sentimentos de segurança e auto-estima, ela terá favorecida a capacidade de perceber situações de maior complexidade, com desenvolvimento crescente para aprender. Dependendo das condições dos ambientes acima citados a criança se tornará tímida ou confiante, submissa ou agressiva, calma ou disposta a vencer dificuldades ou fugir delas. Quanto mais confiante “nos pais, professores e colegas, e sentindo-se por eles aceita e estimada, mais facilmente e seguramente aprende. Caso contrário, frustrada e ansiosa, não reconstrói as formas de experiência segundo linhas de favorável integração, ou desenvolvimento da percepção do seu próprio eu” (LOURENÇO FILHO, 1978, p. 108).

Desta explicação resulta, para Lourenço Filho, a compreensão de que a personalidade se organiza, se desenvolve e se afirma pelas condições de equilíbrio entre a estruturação funcional e o ambiente, de grande importância para educação que se diz responsável pela formação, desenvolvimento e aperfeiçoamento de personalidades.

Assim, reconhece o papel das relações sociais, uma vez que, para ele, os semelhantes modelam nossas ações. Com esta afirmação, pode-se inferir que mais uma vez Lourenço Filho atribui responsabilidades às instituições educativas e aos professores, na medida em que, para ele, são os sentimentos originados nas relações sociais que determinam a disposição para aprender. Na escola, local onde convivem vários indivíduos que compartilham o mesmo ambiente e a partir do qual o mestre organiza seu trabalho com um grupo de crianças que se inter-relacionam, as relações sociais são fundamentais e imprescindíveis.

As relações humanas fazem com que indivíduos organizem experiências comuns, fundadas em interesses solidários e métodos de ação comuns, a partir das quais estabelecem posições, valores e significados. É desta forma, por exemplo, que os indivíduos conseguem compreender o que é uma cadeira, uma casa, uma árvore, mesmo não estando na presença deles. Quando assim é, transitamos do “plano das coisas materiais para o plano das relações humanas, ou, ao menos, para o domínio do que estas nos tenham ensinado em nosso desenvolvimento pessoal” (LOURENÇO FILHO, 1978, p. 117). Portanto, pode-se dizer que Lourenço Filho vê na escola, enquanto transmissora de conhecimentos simbolicamente organizados pela sociedade, um dos principais ambientes de socialização, o que é confirmado pelo direcionamento da obra a professores e interessados nos assuntos educacionais.

O próprio autor diz que:

O conhecimento das relações entre indivíduo e vida social é, pois de maior importância para compreensão do processo educacional, em geral, e das bases técnicas do ensino do nosso tempo. Por uma de suas dimensões, a educação é sem dúvida desenvolvimento, em que condicionantes biológicas claramente se revelam; por outra, é a adaptação, ajustamento imediato que essas condicionantes pressupõem; mas, numa terceira, das anteriores compreensiva, torna-se um assemelhamento dos novos indivíduos aos que formem grupos humanos já existentes. A vida individual é necessariamente limitada no tempo, ao passo que os grupos tendem a permanecer e a durar, na sucessão das gerações. E é essa a razão pela qual, em toda a extensão, o processo educacional tem de ser visto como de natureza social. (LOURENÇO FILHO, 1978, p. 119)

Na obra, Lourenço Filho visa à capacitação de profissionais para a formação de personalidades em consonância com um legado que suponha que o indivíduo deva ser em conformidade com os costumes, códigos e normas gerais de conduta existentes nas sociedades, por meio da educação intencional. Uma ação educativa intencional, de objetivos definidos com base na experiência, organiza-se em sistemas, gradua seus métodos e controla seus resultados. Daí então, a contribuição da obra para auxiliar o trabalho e a organização da educação intencional que reconheça seus objetivos e metas, e que, portanto, deve estar

pautada em conhecimentos teóricos aceitos e validados, neste caso, supõe-se que os expostos na obra.

Justifica a necessidade de instituições escolares devido às constantes mudanças sociais, influenciadas por questões econômicas e políticas, que tornam cada vez mais necessário desenvolver nos indivíduos suas capacidades e pô-las a serviço do bem-estar da pessoa e da coletividade. Transparece nessa proposição o interesse de moldar os indivíduos de acordo com as necessidades de progresso do país que se deparava com o desenvolvimento das indústrias e o desejo de recompor o poder pela classe burguesa. A coletividade refere-se, então, ao desenvolvimento do país.

Lourenço Filho afirma que, diante da necessidade de desenvolver na personalidade da criança as capacidades intelectuais de acordo com as necessidades resultantes das mudanças ocorridas na sociedade, a contribuição dos estudos sociais ao trabalho escolar foi fortemente marcada pela adoção, por parte da instituição, dos lemas: a escola centrada na criança e a escola centrada na comunidade.

Daí a defesa do autor em modificar nas escolas os procedimentos didáticos aproveitando “situações de natureza social, existentes em cada classe de ensino e de cada escola”, e, depois, no “aproveitamento do sentido de conjunto de trabalho educativo, que nela se fizesse, com o da comunidade próxima, através da família, dos grupos de vizinhança, das instituições locais (LOURENÇO FILHO, 1978, p. 135). Tentava-se, desse modo, utilizando uma expressão de John Dewey, de tornar a escola uma “comunidade em miniatura”. A escola devia ser funcional, ou seja, formar a criança a partir de situações da vida real que, em comunidade, transferirá os conhecimentos adquiridos na escola para a vida prática.

Após a exposição dos fatores biológicos, psicológicos e sociais, a obra passa a expor modelos de novos procedimentos didáticos pautados em princípios dessas áreas decorrentes, ressaltando alguns como: atividade, interesse, motivação, individualidade e liberdade, na busca de obter bons resultados de aprendizagem, em forma de sistemas de ensino elaborados por aqueles que desejavam renovar a educação.

Nesta parte, o autor se dirige quase que diretamente aos professores, uma vez que passa a descrever procedimentos didáticos por ele considerados relevantes, mesmo que criticando alguns pontos que considerava falhos neles. Dentre autores adeptos do movimento da Escola Nova, estudiosos do assunto, médicos e filósofos, baseados nestas idéias renovadoras que desenvolviam sistemas didáticos de grande difusão ou que ensaiavam fundamentação teórica que davam origem a eles, como Dewey, seleciona Montessori, Decroly

e Kilpatrick, discípulo de Dewey. Cita, explica e descreve modelos e princípios de ensino por estes desenvolvidos.

A seleção dos autores em questão legitima a direção que o mestre deve seguir, de quais conhecimentos os professores devem se apropriar ao levar em consideração que no momento da publicação de *Introdução ao estudo da Escola Nova* o autor tinha elevado prestígio social na área educacional e era respeitado enquanto conhecedor das novas descobertas científicas.

Quando Lourenço Filho passa a abordar esses sistemas didáticos e a questionar a forma como os princípios adotados por eles foram aplicados, a obra começa deixar explícita a tática de apropriação do autor dos princípios escolanovistas, que mostra uma maneira própria de entendimento deles, uma vez que na exposição aponta o que concorda ou não sobre a forma como os princípios escolanovistas foram interpretados pelos estudiosos citados.

Quando fala sobre o sistema didático desenvolvido por Montessori destaca os princípios básicos de liberdade, atividade e individualidade ressaltados pela autora.

O princípio de liberdade por ela definido decorre da idéia de que educar é permitir o desenvolvimento. Este desenvolvimento, em sua concepção, não depende de precoce orientação ou adaptação da criança às finalidades da espécie, “mas na possibilidade de que ela realize as condições de vida, necessárias em cada momento de sua própria evolução” (LOURENÇO FILHO, 1978, p. 182), deixando-a à vontade para que essa fase seja plenamente vivida. Liberdade como expansão da vida pura e simplesmente, não como condição de ajustamento social. Assim, mais que o ser social, ela vê o ser biológico.

Todavia, liberdade, para ela, não deve ser confundida com abandono, mas entendida como condição necessária à atividade da criança, com a qual ela se identifica em manifestações espontâneas. Para Montessori, “a preocupação do educador deve ser impedir que a criança confunda, como sucedia na antiga forma de disciplina, o bem com a imobilidade, o mal com a atividade: porque o objetivo é disciplinar para o trabalho, para o bem; não para a imobilidade, a passividade ou a obediência” (LOURENÇO FILHO, 1978, p. 183). Basta colocar a criança em um ambiente adequado, que a atividade se coordenará pelos interesses naturais do educando, pois nosso mundo interior é criado por uma seleção pessoal do mundo exterior. A aprendizagem é então um processo ativo que deve, porém, ser guiado pelo respeito à individualidade, já que não se pode ser livre sem caráter individual, sem personalidade própria. Desta forma, a ação educativa deve auxiliar a criança em sua própria formação.

O homem que realiza tudo o que pode fazer, pessoalmente, redobra suas forças em suas próprias ações, conquista-as a si mesmo, multiplica seu poder e se aperfeiçoa. Faz-se mister para gerações futuras homens capazes de poder, isto é, independentes e livres. Tal, em essência, a filosofia montessoriana. (LOURENÇO FILHO, 1978, p. 183)

Contudo, Lourenço Filho questiona o sistema Montessoriano, pois para ele, no momento de transferir o valor desses princípios para os procedimentos didáticos, Montessori faz restrições, descaracterizando-os da forma como foram concebidos. Visto que apoiada nos conhecimentos advindos da psicologia associacionista, levemente modificada pela filosofia vitalista, permitia a liberdade da criança apenas para a escolha de objetos preestabelecidos para cada gênero de atividade, já que, segundo ela, o desenvolvimento psíquico faz-se por meio de estímulos que devem ser determinados.

Entendia a inteligência como “o conjunto de atividades reflexas, associativas ou reprodutivas, que permitem ao espírito modificar-se, relacionando-o com o ambiente” (LOURENÇO FILHO, 1978, p. 184). Daí, o conjunto de jogos, ou material que criou para os jardins de infância, e suas lições materializadas para o ensino primário. Acreditava que o espírito da criança era um mosaico a organizar-se com elementos que, pouco a pouco, lhe forneceriam na escola.

Desta concepção analítica, Montessori organizou programas e lições, passo por passo. Em sua obra *Pedagogia Científica*, encontra-se, por exemplo, no vol. II uma parte referente à gramática e à aritmética, e um capítulo com o título de “Como o professor deve dar as lições”. Instala desse modo, segundo Lourenço Filho, uma rotina didática que entra em contradição com os princípios de liberdade, atividade e individualidade por ela abordados. Essa crítica aos procedimentos de ensino criados por Montessori foi feita originalmente por Kilpatrick, na obra intitulada *The Montessori system examine, publicada em 1914*.

Já quanto à Decroly, aponta que este além dos fatores biológicos contribui também com questões ligadas às condições de vida social. De acordo com a exposição de Lourenço Filho, Decroly pretendia uma escola para a vida e pela vida, que para tanto devia garantir atividades de interesse dos educandos (auto-educação); ensino globalizado, capaz de integrar várias atividades; e ensino individualizado para os tipos de alunos, essencial para o máximo rendimento avaliado por meio de testes psicológicos que garantissem prévia classificação baseada na estatística e no exame físico e psíquico de cada criança. Aqui se percebe pontos em comum com as idéias defendidas por Lourenço Filho anteriormente quanto à necessidade

de testes de inteligência e de níveis de maturação para o melhor direcionamento da aprendizagem.

Disto resulta a organização de seu sistema didático com a prévia classificação dos alunos que devem ser separados de acordo com a sua capacidade de assimilação, a reforma do programa e a criação dos centros de interesse.

Os conteúdos, os mesmos dos programas tradicionais de ensino, devem ser organizados, segundo este sistema, de acordo com os interesses da criança em idade escolar, que gira em torno do conhecimento dela mesma e do ambiente em que vive, sendo que a ordem dos assuntos será indicada pela própria criança. De um primeiro tema, que deve ser trabalhado por todas as disciplinas sem separação formal, busca-se estabelecer relação entre os conhecimentos existentes e os novos.

A assimilação de tais conteúdos deve ocorrer por meio dos centros de interesse, nos quais a criança deve seguir, durante as lições, sucessivamente as três grandes fases do pensamento: observação (“trabalhar a inteligência com material recolhido em primeira mão, isto é, pelos sentidos”), associação (associar as noções recebidas) e expressão (“tudo o que permita a manifestação do pensamento de modo acessível aos demais”) (LOURENÇO FILHO, 1978, pp. 193-194)

Contudo, Lourenço Filho tem novamente uma interpretação própria sobre este sistema. Para ele, apesar de Decroly tentar adaptar o seu sistema de ensino às idéias renovadoras, contribuindo principalmente com a idéia do ensino globalizado, ele mantém pontos semelhantes com o ensino tradicional, mesmo porque, acredita que seu sistema representa uma transição entre ambos. Esta semelhança, segundo o autor, está no tipo de lições que recomenda, uma vez que determina a elas passos formais e fixos (observação, associação e expressão).

Por fim, cita Dewey. Deste autor retoma as idéias de evolução humana frente às experiências práticas da vida real, por ele abordadas. Aponta que Dewey vê na vida social condição fundamental para a evolução humana. São as experiências, reguladas pelo pensamento, que permitirão que o indivíduo se desenvolva e cresça como ser vivo e como pessoa, na medida em que com elas adquire conhecimentos que o ajudam a controlar o meio a seu favor. O indivíduo, organizando e reconstruindo progressivamente suas experiências, facilita, ao mesmo tempo, seu ajustamento biológico e social.

Interesse, esforço e liberdade, são alguns princípios que resultam desta visão.

Lourenço Filho continua expondo sua interpretação sobre Dewey, o qual, para o autor, defendia que as experiências deveriam partir do interesse da criança, ou seja, daquilo que

move o educando à ação e é assim por ele sentida, em busca de alcançar um propósito. O esforço seria o resultado de sua ação, isto é, o propósito alcançado. O interesse, enquanto ação continuada para alcançar o alvo, despende energia, e o esforço é o interesse em ação, sob forma ativa, ou dinâmica.

De acordo com Lourenço Filho, Dewey insistia que a prática educativa devia aproveitar as energias motivadoras dos educandos, inicialmente dispersas, para, pouco a pouco, conduzi-las ao “inteligente desempenho de atividades com intenções definidas ou integradas por propósitos pessoais”. Para Dewey, “a educação não tem outro fim, ou objetivo, senão mais educação”, no sentido de que educação, como nos diz Lourenço Filho acerca de sua interpretação, “significa maior capacidade de pensar e decidir com acerto, em novas e mais complexas situações” da vida (LOURENÇO FILHO, 1978, p. 201).

Lourenço Filho pontua, sob forma esquemática, os princípios gerais de Dewey, que depois deram origem aos sistemas didáticos denominados de projetos, inclusive, colocados em prática na Escola Experimental Rio Branco, em São Paulo, dirigida por Lourenço Filho: “o pensamento se origina de uma situação problemática” (é preciso agir para pensar; o pensamento não se dá por geração espontânea, mas de situações que o enseja e o anima); “o princípio da experiência real anterior” (nossas sugestões tornam melhores e mais adequadas a solução de um novo problema quando passamos por situações semelhantes); “o princípio da prova final” (verificação das sugestões e hipóteses oferecidas a solução de situações problemáticas, como condição de aquisição de bons hábitos); e, por fim, “o princípio da eficácia social” (o valor prático de nossas ações e sua eficácia na vida social, uma vez que, vivemos em comunidade e devemos, por isso, com ela cooperar) (LOURENÇO FILHO, 1978, pp. 202-203).

Lourenço Filho afirma que Dewey expressa uma compreensão funcional e progressiva da educação, quando demonstra que a esta cabe preparar o indivíduo para situações reais da vida prática, cada vez mais complexas, de modo que consiga a elas responder mais fácil, adequada e eficientemente. Assim, John Dewey é fonte para a progressão na educação, defendida por Lourenço Filho.

Como a existência humana envolve projetos coordenados ou ligados entre si por interesses, aspirações e ideais de significado permanente, preparar para a vida significa pôr “a criança em condições de projetar, de procurar meios de realização para seus próprios empreendimentos e de realizá-los verificando pela própria experiência o valor das concepções que esteja utilizando; assim, ela os reafirmará, emendará ou substituirá, segundo os resultados e a conciliação desses resultados com os seus programas de vida” (LOURENÇO FILHO,

1978, pp. 204-205), que por sua vez, são influenciados também pelas pessoas com as quais convive (daí o caráter social da educação).

Para tanto, os projetos devem envolver, como na vida real, fontes de informação, colaboração ou cooperação, procura de material adequado, superações sucessivas dos obstáculos encontrados, todos empregadas em situações da vida real, proporcionados aos educandos pela escola, que devem ter como ponto de partida os propósitos das crianças. Contudo, não deve haver nos projetos passos formais. Desde que proposta uma situação problemática ao aluno, ele pode iniciar a atividade de diferentes maneiras, guiadas principalmente pelas próprias necessidades. Se assim desejar, ele pode iniciar sua atividade pela expressão ou realização do que pretende, sem que haja uma ordem estabelecida para tanto, como fez Decroly. Em alguns momentos irão prevalecer modos de observação, expressão ou realização, mas cabe à criança descobrir por si mesma se o caminho escolhido para a iniciação da atividade ou durante foi o devido. A ineficácia da realização, por exemplo, a obrigará a retornar e melhor organizar seus conhecimentos adquirindo assim uma conquista individual. Os conteúdos não devem ser dados em forma de disciplinas isoladas: “Há um problema real de vida, que deve ser resolvido com aplicação da leitura para busca de informações, do cálculo para verificação de ordem quantitativa, do desenho, trabalhos manuais e escritos para registro e expressão, etc.” (LORENÇO FILHO, 1978, p. 209). Durante os projetos, a classe deve funcionar como uma comunidade, onde cada aluno ou grupo de alunos fica responsável por uma determinada tarefa. Ao mestre cabe apenas atender solicitações, encaminhar, estimular, sugerir um ou outro ponto, sem nada impor.

Lourenço Filho apresenta todos estes arranjos com o intuito de fazer com que o professor organize a sua aula de forma eclética. Para ele, o mestre, com o compêndio em mãos, deve verificar quais são as possibilidades de trabalhá-lo. De acordo com o interesse dos alunos, suas idades, níveis de desenvolvimento, condição social, a extensão da matéria e as finalidades do curso, enfim, o andamento da sala, ele pode lançar mão de recursos tais como explicações, centros de interesse, projetos, leitura explicada, estudo dirigido e associação de atividades extra-classe.

Após expor os novos procedimentos didáticos em forma de sistemas de ensino, elaborados por aqueles que desejavam renovar a educação, Lourenço Filho acaba por apontar a relação entre educação e filosofia, à medida que, segundo ele, a elaboração de métodos de ensino depende diretamente da posição filosófica adotada.

Para o autor, esta dependência ocorre quando se considera que enquanto a educação é responsável por transmitir conhecimentos de acordo com o que se adota como valor, a

filosofia, entendida como reflexão sobre as coisas e fatos do mundo, em relação ao seu conjunto e a posição do homem dentro deles, busca esclarecer a natureza do conhecimento ou da organização da experiência. A filosofia busca saber como é que o homem aprende e assimila o conhecimento que deve ser transmitido por aquela com a maior eficiência possível. É a filosofia também que procura identificar nas condutas humanas, em função de intenções, propósitos e níveis de aspiração, o que deve ser determinado como valor e, portanto, cultivado. Em outras palavras, a educação deve estar de acordo com o tipo de homem que a sociedade, imbuída de uma filosofia, deseja formar, assim como de acordo com a capacidade que ele tem de conhecer.

Portanto, para Lourenço Filho, os métodos de ensino, desdobrados em procedimentos didáticos, dependem da corrente filosófica adotada (idealista, realista, pragmatista, etc.), visto que delas resultam as concepções sobre como ensinar e como aprender, originadas da concepção de mundo e da relação do homem com este. De acordo com o modelo adotado se originam os diferentes métodos de ensino.

Na própria obra, Lourenço Filho demonstrou esta relação entre a concepção filosófica e os procedimentos didáticos quando descreveu os sistemas de ensino citados. Montessori e Decroly, por exemplo, médicos especializados em estudos da educação, ao tomarem a concepção vitalista como base, defendendo a vida e seu desenvolvimento, acabaram por elaborar procedimentos didáticos que adotam a idéia de liberdade da criança para aprender. Para Montessori, o princípio de liberdade decorre da idéia de que educar é permitir o desenvolvimento. Já Dewey, pragmatista, aponta para o ensino a necessidade de atentar para métodos que propiciem experiências reais para a criança, portanto, úteis para sua vida, de modo que facilite, ao mesmo tempo, seu ajustamento biológico e social.

O próprio Lourenço Filho em *Introdução ao estudo da Escola Nova* acaba por delinear sua posição filosófica quando, influenciado pela biologia, psicologia e ciências sociais, aponta os caminhos que a educação deve seguir para a renovação do ensino, que, segundo ele, deve mudar de acordo com os novos princípios por ele defendidos na obra em questão. Predomina no autor uma visão da biologia e da psicologia.

A filosofia é então entendida por Lourenço Filho em *Introdução ao estudo da Escola Nova* como uma teoria geral da educação, ao admitir “a educação como atividade tendente a formar atitudes de cunho intelectual e moral perante a natureza, o homem e o espírito” (LOURENÇO FILHO, 1978, p. 243). A educação, para ele, é um laboratório onde as doutrinas filosóficas são concretizadas e postas à prova.

Sendo assim, a própria obra em questão significava para o autor a possibilidade de oferecer posições filosóficas que pudessem ser concretizadas e postas à prova. Em *Introdução ao Estudo da Escola Nova* o autor discorreu sobre diferentes correntes filosóficas e diferentes técnicas de ensino decorrentes delas, e, de modo próprio, delineou suas preferências. A obra significa a exposição daquilo que o autor acreditava e defendia para a educação.

3. O *Guia do Mestre* da Série de Leitura Graduada *Pedrinho* – produção metodológica de Lourenço Filho e tentativa de efetivação dos princípios escolanovistas no ensino primário

Entre outros impressos dedicados à orientação da prática docente tais como os periódicos educacionais (CATANI, 2003; CATANI; BASTOS, 2002; BICAS, 2001 e 2005 e BASTOS, 2005) e as coleções pedagógicas (MONARCHA, 1997; TOLEDO, 2001; CARVALHO; TOLEDO, 2004), o manual didático foi tomado, durante o movimento da Escola Nova, como um dispositivo mediador para a divulgação e circulação das idéias pedagógicas (VALDEMARIN, 2008 e VALDEMARIN; CAMPOS, 2007).

Por meio da tradução e adaptação dos princípios escolanovistas aos diferentes conteúdos a serem ensinados e postos em circulação, os manuais didáticos buscaram reunir elementos pedagógicos conceituais e transformá-los em atividades a serem desenvolvidas na sala de aula em diferentes níveis, a fim de fundamentar as práticas pedagógicas com as novas orientações pautadas nas descobertas da sociologia, biologia e psicologia, sobre o desenvolvimento infantil.

Este capítulo trata da apresentação e análise dos dois volumes denominados *Guia do Mestre* que acompanham a série leitura graduada *Pedrinho* e servem para orientar a ação do professor, elaborados por Lourenço Filho em 1968, data em que reúne no mesmo guia orientações didáticas para mais de um livro da série.

O *Guia do Mestre* é um tipo particular de impresso que articula saberes teóricos e prescrições para a prática pedagógica, porém circunscrito aos procedimentos e atividades desenvolvidos a partir da série graduada de leitura e será aqui tomado como documento de uma estratégia que buscou incidir sobre a atuação do professor, de modo a efetuar mudanças desejadas no ensino primário a partir das concepções e princípios escolanovistas neles preescritos na forma de sugestões de lições.

Como documento que expressa um elemento formador da cultura escolar, entendida segundo as proposições de Forquin como o “conjunto dos conteúdos cognitivos e simbólicos que, selecionados, organizados, normalizados, rotinizados, sob o efeito dos imperativos de didatização, constituem habitualmente o objeto de uma transmissão deliberada no contexto das escolas” (FORQUIN, 1993, p. 167), o *Guia do Mestre* é um imperativo de didatização criado com a intenção de prescrever práticas norteadoras de concepções que são selecionadas, normalizadas e rotinizadas no interior das escolas, neste caso, as concepções do movimento da Escola Nova.

Com a publicação da *Série de Leitura Graduada Pedrinho*, organizada para as escolas primárias, composta de uma cartilha e cinco livros: *Pedrinho* (1ª edição janeiro de 1953); *Pedrinho e seus amigos* (1ª edição janeiro de 1954); *Aventuras de Pedrinho* (1ª edição em janeiro de 1955); *Leituras de Pedrinho e Maria Clara* (1ª edição em março de 1956) e *Pedrinho e o mundo*⁶ (1ª edição, presumivelmente em 1957), *Cartilha Upa Cavalinho!* (1ª edição em janeiro de 1957), e dois *Guias do Mestre*⁷ (1ª edição em 1953), Lourenço Filho busca concretizar grande parte de seus anseios e esforços em relação à aprendizagem, neste caso específico, a aprendizagem da leitura e da escrita. O autor procura com essa série concluir uma velha idéia: “a de organizar uma série de textos de leitura, com orientação nova”. De acordo com a apresentação da série na capa final de ambos os Guias do Mestre:

Atende às exigências da evolução psicológica da criança e aos objetivos dos programas de ensino. Estimula o desejo de ler, e de ler com compreensão, de forma produtiva. É a primeira série de leitura escolar a cuidar das relações humanas, no lar, na escola, na vida social. É também a primeira a graduar o vocabulário, as formas de construção e as gravuras, segundo os resultados das pesquisas realizadas com crianças brasileiras. Concorre por tudo isso para que o trabalho escolar transcorra num ambiente de verdade, alegria e beleza. O entusiástico acolhimento dado aos livros da Série Pedrinho, pelo professorado de todo o país, é a mais segura indicação de que ela atendeu a uma necessidade de reforma nos métodos de leitura. EDIÇÕES MELHORAMENTOS sentem-se desvanecidas em oferecer este trabalho, de valor excepcional, às escolas do Brasil. (LOURENÇO FILHO, 1968,)

O *Guia do Mestre* é tomado por Lourenço Filho como ferramenta estratégica de manipulação das relações de forças produzidas por ele, sujeito de querer e poder, para a construção da base a partir da qual se pretende gerir as relações com os outros (CERTEAU, 1994, p. 99), neste caso, professores. Ao mesmo tempo, a estratégia abre a possibilidade de serem percebidas as táticas de apropriação que possibilitaram ao autor produzir uma interpretação própria (CERTEAU, 1994, p. 100). Lourenço Filho, a partir da estratégia adotada, criou táticas de apropriação dos princípios da Escola Nova produzindo uma interpretação própria traduzida em prescrições no *Guia do Mestre*.

⁶ Apesar de citado constantemente pelo autor e pela Editora, o livro não foi publicado, portanto, não faz parte da análise deste trabalho.

⁷ Foi utilizada a edição de 1968 do *Guia do Mestre* e dele não serão analisadas as indicações referentes à cartilha *Upa, cavalinho!* que está presente no corpus documental examinado por BERTOLETTI (2006), com o intuito de compreender e explicar um passado recente na alfabetização no Brasil, por meio da análise textual desse impresso.

Baseado em seus estudos e no conhecimento advindo de suas experiências como educador e mestre da educação durante grande parte de sua vida, Lourenço Filho criou a série de Leitura *Pedrinho* composta pelos livros do aluno e pelos *Guias do mestre*. Nestes livros o autor elaborou e criou, a seu modo, roteiros de lições e modelos a seguir que, de acordo com ele, estariam pautados nos princípios escolanovistas. O autor qualifica-se, portanto, a partir do exercício da profissão, da experiência no magistério e nos cargos de direção e supervisão (BITTENCOURT, 2004a).

O *Guia do Mestre* elaborado por Lourenço Filho para auxiliar e influenciar a prática docente esta dividido em dois volumes:

- Guia do Mestre - 1º Volume: com aplicações práticas à Cartilha *Upa, Cavalinho!* (7 anos) e ao 1º livro *Pedrinho* (7-8 anos);
- Guia do Mestre - 2º Volume: aplicações práticas ao 2º livro *Pedrinho e seus amigos* (8-9 anos); ao 3º livro *Aventuras de Pedrinho* (9-10 anos) e ao 4º livro *Leituras de Pedrinho e Maria Clara* (10 anos e mais).

A organização dos guias é semelhante nos dois volumes. Primeiramente, são apresentados os princípios escolanovistas em que se pautam as lições que se seguem. No 1º volume a apresentação dos conceitos está presente na “Introdução”, enquanto que no 2º volume na 1ª parte intitulada de “Princípios Gerais”.

Depois da exposição dos conceitos em que se pautam as sugestões de lições e procedimentos a serem seguidos pelo mestre, o Guia passa para as descrições metodológicas a serem utilizadas em cada livro e para cada lição.

3.1. Guia do Mestre - 1º Volume

O Guia do Mestre referente ao 1º volume traz orientações metodológicas destinadas ao uso da cartilha *Upa, Cavalinho!* e do 1º livro *Pedrinho*. O guia está dividido e organizado em quatro itens, sendo eles:

- Este guia;
- Introdução;
- 1ª Parte - A fase inicial, a da cartilha;
- 2ª Parte - A fase do 1º livro.

Com o título “Este Guia”, Lourenço Filho inicia a apresentação do *Guia do Mestre* apontando quais são os três pontos que ele atende, ou seja, “expõe os princípios do ensino da leitura na escola primária, de maneira simples e clara”; “indica procedimentos didáticos, ou modos práticos de ensinar, com fundamento nesses princípios”; “exemplifica toda essa matéria nas situações concretas que normalmente se verificam nas classes” (LOURENÇO FILHO, 1968a, p. 5). Aponta que o guia, como instrumento prático, se destina especialmente, “a professoras ou professores que estejam adotando, ou que pretendam adotar, os livros da Série Pedrinho”, e como “pequeno manual teórico-prático interessará a diretores de escolas, orientadores de ensino e inspetores escolares, senão também a professores de didática, ou de prática de ensino, em escolas normais e cursos de capacitação para professores não-diplomados” (LOURENÇO FILHO, 1968a, p. 5). Consoante com as idéias praticadas no Instituto de Educação quando afirmava a necessidade de as normalistas terem experiências práticas, por meio das aulas em laboratórios e salas de aplicação, ele afirma que este guia comprova sua utilidade na medida em que se reconhece que para que as crianças aprendam a ler “necessitarão os mestres de conveniente orientação, a qual não pode ser completada em cursos teóricos, e, sim, em situações reais de trabalho nas classes, que possibilitem adequada observação e reflexão dos que ensinam”. Portanto, “terá de prosseguir através da experiência viva dos mestres, quando satisfatória orientação lhes seja proporcionada, por vários modos, inclusive por manuais deste tipo” (LOURENÇO FILHO, 1968a, p. 6).

Na introdução, sob os subtítulos “I. Ensinar e aprender”, “II. Situações de aprendizagem na leitura”, “III. A aprendizagem rudimentar e funcional da leitura” e “IV. Importância da graduação do material de leitura”, o autor descreve os princípios em que se baseia a *Série de Leitura Graduada Pedrinho*, como ocorre e deve se dar o processo de ensino e aprendizagem da leitura.

Influenciado pela psicologia e sociologia, “ensinar significa levar alguém a aprender numa determinada direção, com objetivo certo”. Esta direção e objetivo certo consistem em propor situações que considerem, no entanto, que aprender alguma coisa significa que o indivíduo “tenha modificado seu comportamento, ou sua conduta”, isto é, “quando tenha passado a sentir e pensar de modo diferente daquele por que dantes fazia; e, por isso também, que passe a agir de modo mais desembaraçado e correto, para desenvolvimento geral e ajustamento social” (LOURENÇO FILHO, 1968a, p.9).

Tais modificações, “só se conseguem mediante a atividade da própria pessoa que esteja aprendendo”, pois “ninguém pode aprender por outrem”. (LOURENÇO FILHO, 1968a, p.9).

A criança sempre aprende quando está agindo e cabe ao professor propor a ela situações capazes de produzir as modificações de conduta desejadas, e não outras. Não basta, assim, ao professor, saber apenas “o que pretende ensinar, em abstrato”, mas “será preciso que ele saiba como ensinar eficientemente, isto é, como poderá propor e desenvolver as situações de aprendizagem convenientes e oportunas, para cada grupo de alunos, e mesmo, em determinados casos, para cada aluno, individualmente” (LOURENÇO FILHO, 1968a, p.9).

Para tanto, o professor “terá de possuir uma visão clara dos pontos onde deve chegar, ou seja, dos objetivos do ensino, e da graduação deles, segundo as capacidades dos alunos, suas situações, hábitos que já possuam, e propósitos gerais que neles caberá desenvolver”. (LOURENÇO FILHO, 1968a, p.10).

O mestre deve pretender com o ensino da leitura não só habilitar os alunos a “deciframos sinais de um texto escrito ou impresso para reduzi-los em sons, palavras e frases; mas, sim, que possa fazer da leitura, com apoio nessa aquisição preliminar um recurso de informação eficiente daquilo que o autor tenha pretendido comunicar” (LOURENÇO FILHO, 1968a, p.12), de modo que a criança não fique presa à alfabetização rudimentar e passe para a alfabetização funcional, o que é possível quando se atribui à leitura uma finalidade global.

O autor cita ainda que “para que tal aprendizagem possa ser obtida, muito importará a seleção do material de leitura”, sendo que este material “terá de ser convenientemente graduado quanto à capacidade média dos alunos, em relação ao vocabulário empregado, aos assuntos, a própria forma de construção das frases, orações e parágrafos”, sendo que “terá a leitura de marchar paralelamente a exercícios de expressão da escrita” (LOURENÇO FILHO, 1968a, p.14).

A série de leitura *Pedrinho* é, segundo seu autor, um dos materiais apropriados a serem escolhidos pelos mestres para a conveniente aprendizagem da leitura. A série atende a tentativa de graduar o vocabulário de acordo com a idade de cada criança e mescla textos para leitura com exercícios escritos. Foi preparada com atenção a cada um destes princípios, a fim de que sirva convenientemente “às situações bem coordenadas para a aquisição da leitura funcional”, nas quais constam “normas práticas e procedimentos aconselháveis, referentes a cada fase” (LOURENÇO FILHO, 1968a, p.16), matéria principal desse guia.

A 1ª Parte: A fase inicial, da cartilha, se destina à aquisição da aprendizagem inicial da leitura, a alfabetização, trazendo prescrições sobre como o professor pode proceder no momento do ensino da leitura e escrita. Os capítulos desta parte são: “I. Preliminares”, “II. O plano da cartilha Upa, Cavalinho!”, “III. Sugestões práticas para o ensino (objetivos de cada

lição e preparação, formas de leitura e exercícios)”, “IV. Atividades Complementares”, “V. Jogos de leitura”, “VI. Material auxiliar” e “VII. Considerações finais sobre a cartilha”.

Buscando justificar as “Sugestões práticas para o ensino (objetivos de cada lição e preparação, formas de leitura e exercícios)”, o autor expõe no capítulo I quais são e como devem ser observadas e consideradas as condições existentes nas próprias crianças quanto à aprendizagem da leitura e escrita; no capítulo II, expõe os passos a seguir para que essas condições sejam respeitadas; e, por fim, no capítulo VII, discute as vantagens de se usar a cartilha “Upa Cavalinho”.

Na 2ª Parte. A fase do 1º Livro, o autor repete a mesma organização, dividindo a exposição nos seguintes títulos: “Preliminares”; “O livro Pedrinho e seu plano”; “Procedimentos didáticos gerais”, “Sugestões práticas para o ensino (objetivos de cada lição, preparação, tipos de leitura e exercícios)”; “Atividades complementares e biblioteca de classe”, e “Observações finais”.

O 1º Livro se destina às crianças que já passaram pela fase da cartilha, procurando, contudo, verificar durante as primeiras lições as dificuldades da fase anterior para superá-las, de modo que entre a linguagem do texto e a linguagem corrente da criança, não haja nenhuma separação, tanto em relação ao vocabulário quanto à construção de frases, pois desta forma,

a criança tenderá a ler sempre com exatidão, por não sentir as dificuldades da leitura acrescidas pelo esforço requerido para a decifração do texto. Tenderá a ter, também, com naturalidade, como fale, firmando conveniente disposição para a prática da leitura. (LOURENÇO FILHO, 1968a, p. 63)

Para tanto, o 1º Livro *Pedrinho* traz para a leitura do aluno textos que tenham alguma coisa de realmente sentido, vivido, ou experimentado pela criança, graduando o vocabulário, as formas de construção, os assuntos, para que ela não separe a atividade de ler das demais de sua experiência no meio doméstico e das lições que vá recebendo na escola, de modo a atender a fins que o aluno sinta como realmente úteis, adquirindo a leitura um caráter funcional.

Sendo assim, caberá ao professor primeiramente renovar as noções que as crianças já possuem, “usando do mesmo vocabulário que as crianças usem, para só então, a pouco e pouco, discipliná-las e organizá-las em quadros mais amplos” (LOURENÇO FILHO, 1968a, p. 64).

Considerando tais colocações, o 1º livro *Pedrinho* tem como objetivos levar os alunos à prática de leitura corrente dentro das normas da idade e facilitar a organização do seu pensamento, aproximando-o, gradativamente, das formas lógicas do adulto.

Visando traduzir tais princípios em termos práticos para o professor, o livro se organiza a partir de sugestões e recomendações que são destinadas ao mestre por meio de quatro tópicos: Objetivos da lição (fins possíveis com o trabalho), Preparação (modos e formas de motivar a atividade dos alunos e de encaminhá-los de forma precisa, na direção de um incentivo, propósito); Leitura (formas variadas na técnica e na intenção: oral, silenciosa, de toda a lição, por trechos que o professor escolha ou que escolham os alunos, corrida, dialogada ou dramatizada) e Verificação (conferência ou controle do trabalho), podendo aparecer em algumas das lições o título jogos e exercícios.

As lições estão organizadas por histórias, sendo trabalhado em cada uma delas conteúdos relacionados ao próprio título. Por exemplo, a segunda lição intitulada “Um nome só”, tem como objetivo verificar a capacidade de leitura dos alunos e levá-los a compreender os elementos do próprio nome e sentir a noção dos laços de família. A terceira história, “A casa de Pedrinho”, tem como objetivos esclarecer a idéia de família, mostrando como ela está ligada à idéia de casa, lar. Todas as sugestões metodológicas das lições contidas no *Guia do Mestre* partem do título da história, como se pode exemplificar com a lição 3:

3. A casa de Pedrinho (págs. 10 e 11)

OBJETIVOS. – Esclarecer a idéia de família, mostrando como se acha ligada à da casa, ou do lar. Por em relevo a idéia de ordem e asseio. Levar a observar alguns materiais de que se fazem as casas.

Preparação. – Recordar aos alunos que já conhecem Pedrinho e as pessoas de sua família. Cada família mora numa casa. Como será a de Pedrinho? Grande, pequena, feia ou bonita?...

Leia o texto, por duas vezes. A primeira vez, mais vagarosamente, interrompendo a leitura para qualquer explicação oportuna; com isso estará firmando a *atitude de ler para compreender*. A segunda leitura deverá ser mais rápida, sem interrupções.

Leitura. – Peça a vários alunos que leiam por partes, e, depois, de forma integral. Observe as deficiências e as corrija, sempre na forma já indicada, isto é, *sem repetir os erros* e sem repreender ou ridicularizar o aluno que os haja cometido.

Proponha este jogo de leitura: dois alunos serão chamados a ler a lição em voz alta, ao mesmo tempo. Depois, três. Depois, quatro. Inclua sempre, entre eles, um dos alunos que leiam menos deficientemente. É exercício que estimulará aos mais tímidos e lhes ensinará, por exemplo, a procurar alcançar de uma só visada maior número de palavras ou pequena frase.

Verificação. – Copie no quadro as três sentenças incompletas da pág. 13. Peça a três que as completem. Converse sobre as várias partes de uma casa.

Pergunte quais os materiais necessários (tijolos, madeira, telhas). Faça ler rapidamente os trechos que se seguem a indicação:

Leia depressa. De o exercício caráter de jogo, estimulando a competição entre os alunos.

Peça-lhes indiquem quantas vezes aparece a palavra casa, à pag. 12, ou outra palavra. Pergunte-lhes porque é necessária a limpeza na casa, nas roupas, no corpo. Anime-os a expremir-se com naturalidade e franqueza, mas em boa ordem.

Proponha a construção de sentenças a serem ditas, e em cada uma das quais entre uma destas palavras: *quintal, jardim, limpeza, necessário, arrumar*. Auxilie sempre aos mais tímidos e aos menos adiantados. Com isso não só lhes estará inculcando confiança em si e lhes prestando um bem, mas estará procurando *homogenizar a classe*, com o que tornará o seu trabalho mais produtivo. (LOURENÇO FILHO, 1968a, pp.79-80)

Como se pode observar, o tema casa explicitado no título dá margem para a sugestão de perguntas que o professor deve fazer sobre uma casa, sugestão de exercícios que utilizem palavras associadas à casa. Além das sugestões ao mestre no guia, o livro do aluno também apresenta exercícios a partir do tema da história:

Copie pondo as palavras que faltam:

A casa do é pequena.
A casa está sempre bem
A casa sempre limpa.

Leia bem depressa: Uma casa, seu Pedrinho, tem paredes. Uma casa, seu Pedroca, tem telhado. Uma casa, seu Pedrinho, tem portas. Uma casa, seu Pedroca, tem janelas. Algumas casas, seu Pedrinho, têm jardim.

Casa de pau-a-pique, casa de tijolos, casa de pedra. Telhado de sapé, telhado de telhas, telhado de zinco, telhado de madeira.

Nalguns lugares, casa de tijolos também se chama *casa de material*. Nalguns lugares, casa de pau-a-pique também se diz *casa de sopo*. (LOURENÇO FILHO, 1968a, p.11)

Todas as outras lições sugeridas no *Guia do Mestre*, tanto no volume I como no volume II, seguem o mesmo modelo e, como se pode observar, apresentam ao professor um padrão de trabalho a ser sedimentado por meio da repetição e obedecendo a passos pré-estabelecidos que definem a atuação docente.

Os títulos das histórias do 1º livro, a partir das quais são feitas as sugestões metodológicas das lições no *Guia do Mestre*, são: 1. Pedro, Pedrinho, Pedroca; 2. Um nome só; 3. A casa de Pedrinho; 4. O Zézinho; 5. O jardimzinho; 6. O quintal; 7. A casa de boneca; 8. O veludo; 9. As cores das flores; 10. O Carlinhos; 11. Os soldadinhos; 12. A Bandeira; 13. Os irmãos de Carlinhos; 14. A escola de Pedrinho; 15. No caminho da escola; 16. O dia e a

noite; 17. O cineminha; 18. Que horas são?; 19. A escola das estrelinhas; 20. Luz do dia, luz da noite; 21. O aniversário da mamãe; 22. Com fósforos riscados; 23. Os dedos do Zezinho; 24. O brinquedo dos cubos; 25. O presente de Pedrinho; 26. O dia de anos do Brasil; 27. Como era o Brasil; 28. Como viviam os índios; 29. A plantação de Zezinho; 30. O nós comemos; 31. A lista cresceu; 32. Cuidado!; 33. História de uma plantinha; 34. Olhos para ver e ouvidos para escutar; 35. Os sentidos. 36. O Mico Uíco; 37. Uma pergunta difícil; 38. Os animais; 39. As vozes dos animais; 40. Com rolhas de cortiça; 41. As aves; 42. Brincando de gotinha; 43. As roupinhas da boneca; 44. Nossas roupas; 45. No caminho da fazenda; 46. A chuva; 47. Nascente e poente; 48. Norte e sul; 49. Os quatro pontos cardeais; 50. O Menino Vento; 51. O vento; 52. Tempo de frio, tempo de calor; 53. A gatinha parda; 54. O burrinho descontente; 55. Não mentir nunca!; 56. O tesouro; 57. O cofre do tesouro; 58. A fábrica de brinquedos; 59. A madeira e as matas; 60. Meios de transportar coisas e pessoas; 61. Os aviões; 62. O dia da Independência; 63. Depois da Independência; 64. A Bandeira Nacional; 65. Hino à Bandeira Nacional.

O autor pretende, então, com cada uma destas histórias, promover a aprendizagem da leitura do aluno partindo do princípio de que elas devem tratar de assuntos relacionados à vida do aluno, matéria conhecida pelo autor que a transforma em tema das lições.

3.2. Guia do Mestre - 2º Volume:

O Guia do Mestre 2º volume, seguindo o mesmo modelo de apresentação do 1º volume, traz orientações metodológicas para o 2º livro: *Pedrinho e seus amigos* (8-9 anos), o 3º livro: *Aventuras de Pedrinho* (9-10 anos) e ao 4º livro: *Leituras de Pedrinho e Maria Clara* (10 e mais anos), e assim está organizado:

- Prefácio
- 1ª Parte: Princípios Gerais
- 2ª Parte: O 2º livro, “Pedrinho e seus amigos”;
- 3ª Parte: O 3º livro, “Aventuras de Pedrinho”;
- 4ª Parte: O 4º livro, “Leituras de Pedrinho e Maria Clara”;
- Apêndice: Leitura complementar e suplementar.

No Prefácio, Lourenço Filho afirma que este volume tem como objetivo dar continuidade à aprendizagem da leitura e escrita de forma gradual, para que os alunos possam

“atingir a certo domínio das grandes funções da leitura, os quais assim poderão ter nos livros um insubstituível instrumento de progresso intelectual, emocional e social”, e que “a exposição obedece a plano idêntico ao do anterior” (LOURENÇO FILHO, 1968b, p. 5). Ou seja, “apresentam-se princípios de psicologia da leitura, exame de seus procedimentos gerais, e, enfim, exemplificação prática, em situações concretas de aprendizagem, tais como normalmente surgem quando nas classes se empreguem os livros da Série de Leitura Graduada Pedrinho”, a fim de que com isso tornem-se suficientemente claros “os objetivos gradativos e cumulativos da leitura funcional” (LOURENÇO FILHO, 1968b, p. 6).

Deste modo, logo após o “Prefácio”, o autor traz na 1ª Parte: “Princípios Gerais”, subtítulos tais como: “Os dois grandes períodos do ensino da leitura”, “Evolução psicológica e leitura funcional”, “Normas gerais para o ensino funcional da leitura”, e “A leitura funcional na Série Pedrinho”, como forma de dar embasamento teórico que justifique e torne mais claras as prescrições contidas no *Guia do Mestre* em questão.

Em Princípios Gerais Lourenço Filho afirma que a aprendizagem da leitura se dá em dois períodos. O primeiro, exercitado pela Cartilha e pelo 1º livro do 1º volume, corresponde à alfabetização rudimentar, ou seja, “exercitações de lições numa cartilha, e ensaios de leitura corrente, num 1º livro” (LOURENÇO FILHO, 1968b, p.9), o que se verifica facilmente. Quando a criança consegue ler algo, mesmo que de modo vacilante, ela está alfabetizada. Ao contrário, quando não consegue ler nada, não está.

O 2º volume do Guia do Mestre corresponde ao trabalho com o segundo período da aprendizagem da leitura, no qual cabe fazer com que os alunos atinjam “níveis de mais rápida leitura, bem como hábitos de leitura autônoma” (LOURENÇO FILHO, 1968b, p. 9). Cabe ao 2º volume desenvolver a leitura funcional de modo que ela sirva de instrumento geral de aquisição e renovação da cultura. A leitura funcional prepara o indivíduo para retirar do ato de ler reais benefícios, sendo capaz de:

- a) através dos textos, colher informações, variedade de idéias e conhecimentos, assim como critérios para organização coerente desses elementos; b) deverá servir-se da leitura como sadio entretenimento, ou conveniente ocupação das horas de lazer, tornando-se sensível a qualidades de valor artístico, nos textos;c) deverá, em livros, jornais e revistas, saber distinguir as sugestões que os escritos veiculam quanto a modos de sentir, pensar e agir, desenvolvendo critérios que o levem a aceitar,ou não, essas sugestões. (LOURENÇO FILHO, 1968b, p. 9)

De acordo com o autor, a leitura teria assim um alcance intelectual ao proporcionar conhecimentos; um alcance na formação da sensibilidade, “em face de exemplo de ordem,

clareza e elegância, contidos nos textos”; e, moral, “pelo desenvolvimento do senso crítico que leve cada jovem a admitir, ou a refugar, sugestões relativas à sua conduta, distinguindo entre o que seja bom e o que não seja” (LOURENÇO FILHO, 1968b, p. 10). Para ele, apesar de a Cartilha e o 1º livro buscarem retirar da leitura benefícios reais, o fazem de maneira limitada, já que o objetivo principal deles é o domínio da mecânica da leitura.

A intenção do *Guia do Mestre* 2º volume é fazer com que os professores criem as condições para que os alunos extraiam dos textos novas idéias e sugestões associando-as as que já possuem, obtendo uma nova compreensão das coisas, das pessoas e das situações da vida social, desenvolvendo seu senso crítico e influenciando sua personalidade. A leitura como um novo instrumento de comunicação da cultura. Mais que isso, “dará ao leitor a capacidade de instruir-se e educar-se a si mesmo, indefinidamente” (LOURENÇO FILHO, 1968b, p.10). Contudo, a aprendizagem da leitura não se concluirá no curso primário, ao contrário, seguirá por toda a vida, sendo esse apenas o primeiro curso no qual “a criança deverá começar a formar atitudes, hábitos e propósitos, que possam fundamentar esse maior progresso e desejar-se” (LOURENÇO FILHO, 1968b, p.11).

O autor segue sua exposição teórica afirmando que para que a leitura seja realmente funcional o mestre deve bem escolher os textos a serem trabalhados, respeitando a graduação do vocabulário e a idade do aluno, não apresentando textos com vocabulário excessivamente difícil e nem excessivamente pobre. Deve-se atentar para a evolução psicológica das idades referentes ao curso primário para a aprendizagem da leitura, uma vez que ocorre uma mudança gradativa dos elementos da linguagem neste período, tanto em aspectos quantitativos como qualitativos. De acordo com o *Guia do Mestre* “a criança passa a utilizar maior número de vocábulos, como de formas novas para o relacionamento das idéias que já possua e que adquira” (LOURENÇO FILHO, 1968b, p. 15).

Nesse período declinam-se as formas de satisfação simplesmente emocional do pensamento infantil, definida pelo guia como o coeficiente de egocentrismo, e a criança passa a ensaiar esquemas em estruturas socializadas, confrontando suas observações pessoais com as das outras pessoas. Também no início da idade escolar, as crianças começam a estabelecer certos critérios de diferenciação entre o plano da fantasia e o da realidade. Apoiado nos estudos de Jean Piaget, Lourenço Filho afirma no *Guia do Mestre* que com o aumento do vocabulário da criança passam a existir maiores recursos como também os de “operar com classes de coisas e fatos, ou com idéias gerais, ou conceitos” (LOURENÇO FILHO, 1968b, p. 16). De acordo com investigações feitas nas escolas, a partir de exercícios escritos, ocorre uma crescente estruturação lógica, principalmente quando os temas são escolhidos de forma

adequada. Também se observou “a influência favorável da integração das noções colhidas na leitura comum com as aprendidas no trato das demais matérias de ensino” (LOURENÇO FILHO, 1968b, p. 16). A relação entre a evolução psicológica e a leitura funcional contribui com o desenvolvimento mental, resultando em noções e conhecimentos que a linguagem oferece. Segundo Lourenço Filho, estudos mais amplos com crianças que sabem ler e as que não sabem mostraram que o desenvolvimento mental se dá de maneira mais rápida e segura nas que saibam ler. Essa relação também contribui com a formação de atitudes, hábitos e propósitos das crianças em todas as atividades.

A atividade de ler não comunica apenas informações, noções, ou idéias mais elaboradas. Oferece sugestões, freqüentemente em imagens, alegorias e símbolos. Quando um livro narra, por exemplo, certa ação de bondade de uma criança, está com isso sugerindo um exemplo a ser meditado e seguido. Quando explique a significação da Bandeira Nacional, está concentrando nesse símbolo muito do que devam as crianças sentir pela nossa Terra. Certo é que em toda e qualquer aprendizagem, concorrem fatores emocionais que o mestre deverá ter em vista a fim de bem utilizá-los. Nem por outra razão, torna-se necessário que ele saiba analisar, por esse aspecto, as situações da aprendizagem (LOURENÇO FILHO, 1968b, p. 17).

Com isso, mais uma vez, Lourenço Filho quer dizer que levar uma pessoa a aprender é levá-la a mudanças de comportamento numa dada direção, com reorganização de sua conduta, o que é possível com a leitura, desde que não seja ensinada como no ensino tradicional, isolando as formas da linguagem dos motivos naturais da conduta, tornando-as formais e sem sentido. Para que as leituras não se tornem más leituras deve-se selecionar textos que não levem a criança apenas à decifração, mas também à análise e julgamento, de modo que a leitura seja realmente funcional.

O autor continua afirmando que, apesar da leitura ter um campo próprio, ela deve servir à globalização do ensino associando-se às demais disciplinas, pelo fato de ser objeto de comunicação, temas e assuntos variados. Contudo, o *Guia do Mestre* também sugere procedimentos didáticos específicos para o ensino da leitura, adaptando-o a cada oportunidade de trabalho. Para esses momentos deverá se escolher materiais adequados e textos seriados, que permitam estabelecer ordem e sistema no trabalho, valorizando a aquisição de vocabulários, das formas sintáticas e dos processos de composição. O *Guia do Mestre* sugere no Apêndice: Leitura complementar e suplementar, as bibliotecas escolares e bibliotecas de classe, assim como faz sugestões para leitura auxiliar, com o intuito de complementar assuntos tratados em aula, associar assuntos, ou simplesmente preencher horas de lazer.

De acordo com o Guia, para que as atividades preparadas para os alunos levem em conta as diferenças individuais, devem ser organizados “centros de interesse”, “projetos” ou “unidades de experiência”, já citados por Lourenço Filho em *Introdução ao estudo da Escola Nova*.

O Guia segue expondo que ainda será necessário que o mestre utilize-se de sistema e verificação do rendimento do trabalho dos alunos para identificar se a prática da leitura funcional está exercitando as capacidades do melhor modo e se os esforços em bem conduzir a classe são eficientes.

Na tentativa de verificar o rendimento do aluno, o *Guia do Mestre* traz nas lições prescritas nas Sugestões práticas para o ensino, um item denominado de Verificação, que indica mecanismos para verificar a compreensão da leitura do aluno sobre o texto, sobre os assuntos tratados. Neste ítem sugere-se que o aluno seja questionado sobre a história lida, fazendo perguntas sobre a mesma, pede-se ao aluno que conte a história com suas palavras, entre outras coisas.

A eficiência para o ensino e aprendizagem da leitura funcional é buscada, segundo Lourenço Filho, tanto no livro dos alunos como no *Guia do Mestre*, por meio da graduação dos trechos, livro a livro, como também dentro de cada um dos volumes, “de tal modo que as fases normais da aprendizagem funcional possam suceder-se com a devida articulação e com resultados crescentes e cumulativos” (LOURENÇO FILHO, 1968b, pp. 23-24).

Assim, o 1º livro, responsável pela fase final do período de alfabetização rudimentar, versa sobre os temas e situações da criança na comunidade familiar e depois na comunidade escolar; no 2º livro, responsável pela transição da leitura corrente para a leitura autônoma, essas relações se alargam para a vizinhança, comunidade maior, mais próxima, uma vez que as crianças não se interessam apenas por jogos e brinquedos e passam, mesmo que de forma lúdica, a se interessar pelos aspectos e instrumentos do trabalho, profissões, modos de viver nas pequenas e grandes cidades; no 3º livro, referente à fase de domínio da leitura autônoma, considerando novas capacidades relacionadas ao desejo de independência de pensamento e ação, manifestados pelo interesse de aventuras, reais ou imaginadas, traz aventuras para as suas histórias com o objetivo de corresponder a esta ansiedade (9 e 10 anos). O livro aborda a noção de comunidade regional, grupos de estados e cada estado em particular. Por último, o 4º livro, buscando o domínio da leitura autônoma, objetiva a formação de valores mais amplos, os de formação lógica, da sensibilidade e da conduta.

No Guia do Mestre 2º volume são apresentados “Plano geral e finalidade”, versando sobre o que e porquê serão trabalhadas determinadas noções e “Sugestões práticas para o

ensino”, descrevendo metodologicamente os passos que o professor deve seguir para garantir os objetivos da leitura funcional.

Em “Sugestões práticas para o ensino” descreve-se os objetivos, preparação, leitura, verificação e exercícios, como se pode conferir no exemplo a seguir de orientações citadas no guia para o 2º livro:

9. Cidades pequenas e cidades grandes

Objetivos. – fazer comparar a vida de uma cidade pequena com a de uma cidade grande. Dar a idéia da variedade das construções e costumes. Consoantes que aparecem juntas.

Preparação. – “Como vivemos, aqui, nessa cidade?...” Segundo seu tamanho, grande ou pequena, chame o professor a atenção para certos costumes. “Numa cidade muito maior (ou muito menor), também será assim?...” Faça observar as duas figuras da lição; coisas que são parecidas e que são diferentes. Estimule os alunos a comentar as duas cenas representadas.

Leitura. – Integral, por vários alunos, seguidamente; depois, por dois alunos, um dos quais lerá todos os períodos que comecem com as palavras “Nas cidades pequenas”, e outro, as que comecem com as palavras “Nas cidades grandes”, como se fosse um diálogo.

Verificação. – Resposta ao questionário da pag. 23.

Exercício. – Ditado, no quadro-negro, do terceiro parágrafo da lição, em que aparecem palavras com r e s dobrados. Explicação de seu emprego; divisão de sílabas. (LOURENÇO FILHO, 1968b, pp. 38-39)

Após expor os princípios gerais, o *Guia do Mestre* traz a 2ª, 3ª e 4ª Parte, referentes respectivamente aos livros *Pedrinho e seus amigos*, *Aventuras de Pedrinho* e *Leituras de Pedrinho e Maria Clara*, que apresentam “Plano Geral e finalidade” e “Sugestões práticas para o ensino”. Por fim, o Apêndice: “Leitura complementar e suplementar”, sob os títulos “Bibliotecas escolares e biblioteca de classe” e “Sugestões para leitura auxiliar”.

Na 2ª, 3ª e 4ª partes, Lourenço Filho se refere diretamente às situações possíveis em sala de aula e passa das orientações teóricas para as orientações práticas. Atendendo ao princípio por ele defendido de que é necessário que ocorra a “associação gradativa entre os temas tratados nos livros e os vários conhecimentos gerais, referentes as mais diversas disciplinas escolares” (LOURENÇO FILHO, 1968a, p. 15), o autor trabalha nos livros, tanto do 1º volume como do 2º volume, conteúdos de português, matemática, geografia, história e ciências.

O 2º livro amplia o conhecimento do aluno do âmbito da casa para a observação das coisas e das relações interpessoais na vizinhança, depois das cidades aos arredores, da vida urbana e rural, e, enfim da organização municipal. Alguns títulos das lições contidas neste livro são exemplos da tentativa de se trabalhar tais situações, como: 1. Pedrinho vai mudar de bairro; 6. O novo bairro; 9. Cidades pequenas e cidades grandes; 14. Orientação na cidade; 28. O município; 29. O Distrito Federal. Também são retomados noções sobre alimentação e higiene.

O 3º livro, “Aventuras de Pedrinho”, considerando a afirmação de Lourenço Filho sobre o desenvolvimento mental da criança, que neste momento manifesta interesse por aventuras, reais ou imaginárias, está dividido em quatro unidades, correspondendo cada uma delas a uma aventura. O próprio título do livro: “Aventuras de Pedrinho”, possivelmente assim o é devido essa constatação.

Cada unidade: I. A aventura na floresta, II. O tesouro escondido, III. A viagem inesperada, e a IV. Aventura nas nuvens é composta de pequenas histórias que dão seqüências umas às outras.

Este livro busca alargar as idéias sobre o tempo e o espaço, identificação e classificação. Por exemplo, o objetivo, segundo o *Guia do mestre*, da lição 8. Parecenças e diferenças, da I. Aventura na floresta, é “tornar viva a idéia de que as coisas, os animais e as plantas podem ser separados em grupos, segundo a semelhança da forma, da substância, da organização. Fazer sentir que aos elementos dos grupos assim separados, cabe um nome” (LOURENÇO FILHO, 1968b, p. 65). Enquanto a lição 5. A praça da república, da III. A viagem inesperada, o objetivo é “lembrar fatos e figuras históricas, especialmente, o Duque de Caxias” (LOURENÇO FILHO, 1968b, p. 80).

O 4º livro traz temas e personagens diversos, diferentes locais de ação e épocas diferentes. No plano geral e finalidade o guia aponta que neste livro novos personagens são apresentados e que objetiva que os alunos compreendam, interpretem e repensem por atividade própria os assuntos apresentados. O livro *Leituras de Pedrinho e Maria Clara* é apresentado para os alunos como sendo organizado pelos próprios personagens. Pedrinho e Maria Clara explicam nas duas primeiras lições que o livro resulta de pesquisas realizadas por eles em diferentes livros, escritos por diferentes pessoas, e de trechos escritos por eles mesmos ou por parentes e amigos. Tudo de mais bonito e curioso que encontravam eles colecionaram e usaram para fazer o livro. Para facilitar a consulta organizaram o livro dividindo os temas a partir de índice.

Depois das duas primeiras lições, nas quais os dois personagens dialogam sobre como foi feito o livro em questão, diferente dos livros anteriores onde as histórias são apresentadas a partir de diálogos entre os próprios personagens do livro, são apresentados textos explicativos sobre variados assuntos, tais como: momentos históricos no Brasil (exploração da cana de açúcar e do ouro); agricultura; a invenção da imprensa e do cinema, entre outros. Alguns dos textos apresentados são meramente expositivos e explicativos, enquanto outros partem de diálogos, não somente entre os personagens principais (Pedrinho, Maria Clara, Zezinho e Tio Damião), mas também entre aqueles que são responsáveis pelo texto retirado dos livros consultados por Pedrinho e Maria Clara e seus interlocutores. Dentre os textos apresentados nesse livro constam conversas ou cartas trocadas com o Tio Damião, aqueles escritos por Pedrinho, outros retirados de revistas, músicas e dos autores diversos.

3.3. Conteúdos e intenções do Guia do Mestre

Ressaltando em seus manuais a importância do princípio escolanovista de cultivar no ensino a atividade, o interesse e a motivação do aluno para a aprendizagem, Lourenço Filho seleciona para os livros dos alunos histórias que tratam de fatos que ocorrem em geral na vida real das crianças. Pois, como ele aponta,

Dizer palavras correspondentes a um texto qualquer sem que representem alguma coisa de realmente sentido, vivido ou experimentado pela criança, levará a fixar uma maneira imprópria de ler. E isso prejudicará não só a formação mental como a formação moral de seus alunos. Ensinará a impostura. Dará uma falsa atitude com relação a linguagem, o que vale dizer com relação à vida social, de que a linguagem é base essencial e insubstituível. (LOURENÇO FILHO, 1968a, p. 64).

Os temas da vida real do aluno seriam identificados com as histórias de Pedrinho e seus amigos, o que despertaria seu interesse, motivando-o para a leitura. Nos livros do aluno a criança se depara com temas que envolvem os pais, avós, os amigos, curiosidades de Pedrinho e de seus amigos, situações vividas na própria escola, se identificando com uma ou outra situação. Os próprios personagens são crianças, o que aproximaria ainda mais os alunos ao prazer da leitura.

No 4º livro, no Plano geral e finalidade, Lourenço Filho ao falar sobre as primeiras lições contidas neste diz que: “a explicação, nas primeiras lições dadas pelos próprios

personagens, Pedrinho e Maria Clara, quanto ao livro que preparam e os índices que para ele organizaram, dará aos alunos a esse respeito uma lição muito viva” (LOURENÇO FILHO, 1968b, p. 91). As gravuras, a movimentação dos assuntos e a naturalidade da linguagem utilizadas nos livros suscitariam o desejo de leitura das crianças. O fato de apresentar o livro como tendo sido elaborado pelas crianças é um elemento bastante motivador para incentivar a produção autônoma de textos.

Para o autor, não basta ler por ler, a leitura tem que ser funcional, ou seja, destinada a uma finalidade prática. A criança deve se interessar pela leitura e através dela desenvolver capacidades necessárias para desenvolver por si mesma seus conhecimentos para melhor compreender as coisas, as pessoas e a vida social. De tudo isso a leitura “servirá ao aperfeiçoamento das formas de trabalho, à educação da saúde e à educação cívica” (LOURENÇO FILHO, 1968a, p. 14).

A leitura garantiria a atividade e o interesse do aluno, na medida em que tratasse de assuntos reais e, ao mesmo tempo, se destinasse a atender a fins que o aluno sinta como realmente úteis, pois não separaria a atividade de ler das demais de sua experiência no meio doméstico e das lições que fosse recebendo na escola.

Com a série de leitura graduada, Lourenço Filho busca modificar comportamentos e condutas numa direção específica. Para ele, os mestres bem instruídos pelos guias passariam a oferecer situações adequadas a fins claros que devam ter em vista. Contrário ao ensino no qual o aluno apenas recebe informações para serem armazenadas, o autor defende teoricamente nos guias que tais modificações só são possíveis mediante a atividade da própria pessoa que esteja aprendendo. Ainda, as situações de aprendizagem devem concorrer para o desenvolvimento adequado e equilíbrio da conduta, criando situações de aprendizagem convenientes e oportunas, para cada grupo de alunos e em determinados casos, para cada aluno, individualmente. O mestre deve conhecer bem os objetivos do ensino e da graduação destes de modo a respeitar as capacidades dos alunos, suas atitudes (disposições de cada pessoa para agir em face das coisas, das outras pessoas e das situações por elas mesmas criadas), hábitos que já possuam (formas de ação de algum modo coordenadas, as formas constantes de agir), e propósitos gerais (as intenções de agir, a serem esclarecidas por crescentes formas de pensamento, as da imaginação e as do raciocínio) que neles caberá desenvolver. A graduação dos livros é necessária para não desencorajar ou confundir as crianças.

O ensino da leitura é tomado pelo autor para a efetivação das modificações de comportamentos desejadas e apontadas por ele para a formação de atitudes, hábitos e

propósitos de importância na vida das crianças. Os comportamentos desejados pelo autor são apontados através dos temas das histórias, os quais trazem lições de morais, patriotismo, higiene, respeito, laços de família.

A série de leitura toma feição de comunicadora das informações pretendidas pelo autor de modo a despertar sentimentos, e não apenas de instrumento para a habilitação dos alunos para a decifração de sinais de um texto escrito ou impresso para traduzi-los em sons.

Por meio de conteúdos de história, geografia, civismo, ciências, matemática e português, presentes em todos os livros e inseridos nas histórias apresentadas, Lourenço Filho intenta moralizar e higienizar as crianças, falando sobre hábitos e atitudes desejáveis e indesejáveis, corretos e incorretos, exaltando o valor da pátria, da família, dos bons modos e costumes. Ensinar a ler para disciplinar, moralizar e higienizar.

Lourenço Filho usa a leitura como instrumento de inserção de valores. Na história *10. O Carlinhos*, do 1º livro, após o autor contá-la, vem alguns pontos explicando o que vem a ser colega e disciplinado. Quanto a esta última definição diz ele que “quer dizer que sabe receber ordens. Sem disciplina nada anda bem, nem nas casas, nem nas escolas, nem nas fábricas, nem em parte alguma. Devemos saber obedecer para mais tarde mandar” (LOURENÇO FILHO, 1968a, p. 25). Ainda para o 1º livro, o *Guia do Mestre* traz como objetivo para a lição 55. *Não mentir nunca*, evidenciar o mal da mentira e o erro dos que mentem. No 2º livro, a lição 38. *O rei das sereias*, pretende mostrar, sob forma imaginosa, o castigo que tem a crueldade. Na lição 15. *A raiz*, da 1ª aventura: *Aventura na Floresta*, do 3º livro, objetiva trabalhar a idéia de humildade e bem-fazer, e no 4º livro a lição 39. *Um conto de fadas* fala sobre dar motivos a reflexões morais.

No 1º livro (*Pedrinho*) são várias as lições que determinam como objetivo criar hábitos de higiene, noção dos laços de família, idéia de ordem e asseio; no 2º livro (*Pedrinho e seus amigos*), hábitos de ordem, gentilezas, garantir boas relações com a vizinhança; no livro 3º livro (*As aventuras de Pedrinho*) salientar a afeição entre os membros da família, evidenciar a importância da ordem e da disciplina; no 4º livro (*Leituras de Pedrinho e Maria Clara*) em geral enaltecer a nação e sua história.

Pode-se inferir que a série de leitura graduada passa a ter a função de garantir a mudança da mentalidade do momento histórico citado por CARVALHO (1989), que apontava para a necessidade de uma pedagogia moderna capaz de aliar à educação cívica a instrução de modo a garantir o desenvolvimento urbano e industrial.

Noções de higiene e saúde, laços de família, disciplina, ordem, bons costumes, progresso, trabalho, pátria, moral e civismo são temas presentes nos livros. O que mostra a

preocupação do autor com a necessidade de moldar psicologicamente as crianças em idade escolar para a vida em sociedade, de acordo com os valores considerados adequados e necessários para os anseios do momento histórico, em que o desenvolvimento das indústrias e o processo de urbanização estavam em pleno vapor.

Os guias do mestre apresentam-se, assim, dentre outras características, consonantes com os ideais dos defensores da Escola Nova no Brasil no que diz respeito à tentativa de buscar o desenvolvimento do país por meio da educação, capaz de formar cidadãos bem educados e devotados à pátria, portanto, comprometidos com o seu progresso. As orientações metodológicas dos guias que se referem aos temas trabalho e pátria, pretendem desenvolver nas crianças sentimentos de dever de trabalho e de contribuição com o progresso da nação. Já que, de acordo com trecho do Manifesto dos Pioneiros, “se a evolução orgânica do sistema cultural de um País depende de suas condições econômicas, é impossível desenvolver as forças econômicas ou de produção, sem o preparo intensivo das forças culturais e o desenvolvimento das aptidões à invenção e à iniciativa, que, são os fatores fundamentais do acréscimo de riquezas de uma sociedade”.

Dá a necessidade, de acordo com os princípios escolanovistas, de os guias do mestre conterem orientações sobre a importância do trabalho, ordem, disciplina, respeito, progresso. As crianças, como futuras trabalhadoras e cidadãs, precisam viver harmonicamente em sociedade e ao mesmo tempo contribuir para o progresso econômico da nação, cabendo à escola tratar de assuntos da vida real e úteis para sua vida em sociedade.

A proposta do autor é desenvolver na criança não só o gosto pela leitura como também bons hábitos de higiene e uma boa índole. A leitura é compreendida na obra como um veículo eficaz para transmitir lições de civilidade. A leitura como meio para atingir fins educacionais.

Os objetivos de cada lição contidos nos guias do mestre de cada livro mostram que os valores a serem trabalhados com as crianças através da leitura e da seleção das histórias vividas por Pedrinho e os seus amigos não estão distribuídos igualmente entre os livros, respeitando, segundo o autor, as fases de desenvolvimento das crianças.

As noções devem ser inseridas pouco a pouco na vida da criança. Primeiro as noções sobre a casa, depois sobre o bairro, cidades, Estado e Nação. A cada livro, pouco a pouco, novos personagens são inseridos, de modo que se acostumem e se tornem capazes de lidar com mais e novas informações.

Igualmente as disciplinas estão distribuídas e priorizadas diferentemente nos livros.

As noções de higiene e saúde são priorizadas no 1º e no 2º livro. No 1º livro, o tema aparece em nove das 65 lições, enquanto que no 2º livro aparece em quatro das 60 lições. No

1º livro, já para a primeira lição, Lourenço filho sugere no *Guia do Mestre* que o professor deve “propor a prática de bons hábitos higiênicos com relação ao livro e à leitura” (LOURENÇO FILHO, 1968a, p. 76), e finaliza na lição 56 e 57, propondo, respectivamente, “rever e integrar numerosas noções sobre higiene e vida moral” e a “necessidade de conhecer nosso corpo para cuidar dele e ter saúde” (LOURENÇO FILHO, 1968a, pp. 105-106). Nos demais livros, a noção de higiene perde a intensidade aparecendo apenas uma vez em cada um dos dois últimos livros.

As noções de laços de família e de disciplina, ordem, modos corteses e respeito também são priorizadas nos dois primeiros livros, sendo que no 4º livro a noção de laços de família aparece em apenas uma lição. Apesar de esse tema ser priorizado nos dois primeiros livros ainda assim não está entre os temas mais abordados, enquanto noções de disciplina, ordem, modos corteses e respeito aparecem em cinco histórias no 1º livro e em seis histórias no 2º livro. Já as questões morais aparecem em maior número no 2º livro, mesmo porque, segundo o próprio autor, “na idade em que normalmente se destina este livro começam as crianças a sentir os problemas de julgamento de sua própria conduta”, a qual a “escola deve desenvolver e encaminhar de forma equilibrada” (LOURENÇO FILHO, 1968b, p. 44). De acordo com Lourenço Filho na lição 53 do 2º livro, “várias lições deste livro (como do 1º livro desta Série), por objetivos graduais, perfeitamente exequíveis, visam a fortalecer a consciência moral, que normalmente desperta entre 7 e 8 anos de idade”. Mesmo que “o sentido pleno da responsabilidade moral só se firma mais tarde [...] deve ser iniciado na escola” (LOURENÇO FILHO, 1968b, p. 56).

Os conteúdos de história e geografia presentes nas histórias de *Pedrinho e seus amigos* utilizados pelo autor para falar sobre a pátria, suas conquistas, formação e distribuição geográfica, são priorizados no 3º e 4º livro.

Já o contato com os livros direcionados aos alunos proporcionou perceber que também o tamanho das histórias mudam de um livro para o outro. O primeiro livro apresenta histórias grafadas com letras maiores que o segundo livro, o qual é menor que o terceiro e este menor que o quarto. Conforme a criança passa de um estágio da leitura para outro, representado pela passagem de um livro a outro, os textos ficam mais longos e grafados em letras menores, como se a criança se tornasse mais eficaz para a leitura e mais capaz de absorver maior quantidade de informações. Esta constatação nos leva a inferir que é a tentativa do autor em colocar em prática a graduação dos materiais.

Os dois primeiros livros parecem priorizar a apresentação de lições referentes a conteúdos mais práticos, como noções de direção (norte, sul, leste e oeste), construção de

hortas, relação das crianças com os amigos, alimentação, noções de tempo, observação de animais domésticos, como manter boas relações com os vizinhos, situações de trânsito e tráfego.

Os dois últimos livros, apesar de reforçarem estes conteúdos, priorizam a história do Brasil e sua disposição geográfica. Enaltecem a figura da nação e daqueles que construíram o nosso país, falam sobre o movimento dos bandeirantes, sobre a importância do cultivo do café, dos imigrantes, além de diversas das lições se referirem a diferentes estados brasileiros. Contudo, independentemente de qual livro o autor se referiu, nos guias do mestre a “associação gradativa entre os temas tratados nos livros e os vários setores de conhecimentos gerais, referentes às mais diversas disciplinas escolares” (LOURENÇO FILHO, 1968a, p. 15) foi buscada e alcançada, uma vez que desde o 1º ao 4º livro alternou entre as histórias conteúdos de português, matemática, geografia, história, civismo e ciências. Em um mesmo livro é possível encontrar conteúdos das diversas disciplinas ora citadas. Utilizou-se o livro de leitura para a aprendizagem da leitura e da gramática, ao mesmo tempo em que expôs conteúdos disciplinares diversos.

A associação entre os diferentes conteúdos, um dos princípios da renovação pedagógica, poderia ser desencadeada por qualquer área de conhecimento e o fato de Lourenço Filho escolher Língua Portuguesa como conteúdo de referência pode ser explicado pela importância dada no Brasil à aquisição da leitura e da escrita: ela é uma das tarefas culturais que definem a função social da educação.

Por exemplo, o guia do mestre referente ao 2º livro traz como objetivo da lição 17. O amigo nº 2, o esclarecimento das noções de tamanho, forma e cor; de superfície e volume, de comprimento, largura e altura; de quadrado e retângulo; de posição relativa: à frente, atrás, acima, abaixo, superior, inferior, à direita, à esquerda, enquanto a lição 30. Orientação nos campos e matas, dedica-se a rever noções de orientação geográfica, pontos cardeais e noção inicial sobre verbos. No 3º livro o objetivo da lição 10. Variedade de bichos, da primeira aventura: A aventura na floresta, é dar noção geral sobre aves, peixes e reptis, e a lição 6. Procurando o tesouro, da segunda aventura: O tesouro escondido, é estimular a curiosidade pela estrutura dos terrenos, encaminhar noções sobre terra vegetal e erosão, adjetivos. O mesmo ocorre nos demais livros.

A intenção do autor de criar uma série de leitura que proporcionasse inicialmente

conhecimentos em relação à vida do lar, que se estenderá depois a assuntos que as crianças possam observar na vizinhança ou na comunidade próxima;

ainda depois, as ampliará quanto à região e ao conjunto do país; e, enfim, em relação a outras terras e países ou a todo o mundo da cultura (LOURENÇO FILHO, 1968a, p. 15),

foi concretizada na distribuição dos conteúdos e noções entre os livros.

No 1º livro priorizaram-se as questões referentes a conhecimentos em relação à vida do lar, da casa e dos membros da família, os quais foram utilizados para a inserção dos conteúdos específicos. As primeiras histórias desse livro fazem uma apresentação da família de Pedrinho, sua casa, seu cachorro, os vizinhos, sua escola. Todas as histórias, mesmo aquelas que têm como objetivo atingir conhecimentos específicos como, por exemplo, dar ou rever noções elementares sobre a vida das plantas e dos animais (lição 5), o fazem a partir de diálogos entre os membros da família de Pedrinho (mãe, pai, irmão, irmã, tio, avó) ou entre os vizinhos e membros da sala de aula de Pedrinho. Algumas histórias se referem à Maria Clara, irmã de Pedrinho, outras a Zézinho, irmão de Pedrinho. A maioria das histórias tem continuidade em outra e os diálogos prosseguem, de modo a retomar uma etapa anterior da lição. Esse dispositivo é um meio para orientar os procedimentos didáticos de continuidade e revisão das aulas que poderia não ser observado pelo professor, caso estivesse ausente das estórias.

Após situar as crianças sobre a vida de Pedrinho e de seus familiares, as histórias nos levam à escola de Pedrinho, onde vários diálogos são travados com a sua professora e seus colegas. Assim, as histórias do 1º livro oscilam na exposição dos conteúdos que são tratados a partir das histórias que se criam em torno da família, dos vizinhos, dos colegas e da escola, com exceção de alguns poemas (33. História de uma plantinha, 39. As vozes dos animais, 50. O menino vento, 53. A gatinha parda) e algumas histórias apresentadas sem menção a alguns destes membros (41. As aves, 54. O burrinho descontente, 60. Meios de transportar coisas e pessoas 62. O dia da Independência, 63. Depois da Independência, 64. A bandeira e o mapa, 65. Hino a Bandeira Nacional), sem que com isso, destoem do assunto tratado.

O 2º livro, como aponta o próprio autor, “acompanha a ampliação natural dos interesses infantis no âmbito limitado da casa, ou do lar (de que tratou o 1º livro), para o da observação das coisas e das relações interpessoais na vizinhança, estendendo-a depois às cidades e arredores; às da vida urbana e vida rural, pra transmitir, enfim, uma primeira visão prática da organização municipal. Surgem aí temas de diversões e trabalho, de meios de transporte, do uso de ferramentas, de questões de alimentação e de higiene. (LOURENÇO FILHO, 1968b, p. 27).

E é o que Lourenço Filho faz e o que se percebe já pela exposição, no *Guia do mestre*, dos títulos das histórias que seguem a orientação metodológica das lições. Alguns desses títulos são: 1. Pedrinho vai mudar de casa, portanto expandir sua noção de espaço e tempo; 6. O novo bairro; 9. Cidades pequenas e cidades grandes; 28. O município, entre outras.

Neste livro, Pedrinho e as crianças são levadas a alargar o campo de observação para o bairro e toda a cidade. As lições 14. Orientação na cidade e 15. A visita de um velho amigo, respectivamente, apresentam como objetivos dar a idéia de orientação na cidade, para preparar a compreensão do uso de uma carta ou planta urbana e o conhecimento do bairro ou pequena cidade em que esteja a escola, transporte na cidade e nas estradas, aumentativos e diminutivos. Também a lição 31. A viagem de volta pretende trabalhar a extensão da noção de município, Estado, ou Território em que esteja a escola, transportes. Apesar de fazer menção aos estados brasileiros ainda não se trata deles nas histórias.

Já o 3º livro amplia, como determina Lourenço Filho, os conteúdos quanto à região e ao conjunto do país. Neste livro já é possível encontrar entre os títulos das histórias das aventuras referentes ao capítulo II- Tesouro Escondido, 15. Minas Gerais, 16. Belo Horizonte, 17. Mato Grosso e Goiás; no capítulo III – A viagem Inesperada, 4. A fundação da cidade do Rio, 12. O porto de Santos, 13. São Paulo, 17. Paraná, 18. Curitiba, 20. Florianópolis; no capítulo IV- A aventura nas nuvens, 4. Espírito Santo, 6. Salvador, 11. O Recife, cidade das pontes, 12. Paraíba, capital João Pessoa, 16. Piauí, capital Teresina, entre outras.

Cada unidade do 3º livro, correspondente a uma aventura, parece um pequeno livro de literatura infantil, que, no entanto, está dividido em pequenos capítulos, neste caso, em cada história apresentada em cada unidade, em cada aventura. As histórias se desenvolvem sequencialmente de modo a construir uma unidade temática, dividida para intercalar temas específicos em cada uma delas. As pausas possibilitam que determinados conteúdos sejam trabalhados sem quebrar a continuidade do enredo. Supõe-se que o autor assim procede para instigar o desejo do aluno em continuar a leitura e descobrir o que acontecerá com os personagens e proporcionar ao professor uma sequência no conteúdo a ser ensinado. Na história 5. A clareira dos serelepes, da I. Aventura na floresta, os personagens infantis que fazem parte desta aventura perguntam a um dos personagens (Chico Tião) sobre alguns animais que conheceram na floresta, no caso, os serelepes, e esse termina a história dizendo: “Calma! Disse Chico Tião. Se todos perguntam, ao mesmo tempo, como poderei responder?... Vamos voltar ao acampamento. Lá, sim, eu lhes contarei o que saiba a respeito desses espertos animais” (LOURENÇO FILHO, 1968b, p. 16). A resposta que todos os garotos, personagens da aventura, esperam, assim como, provavelmente as crianças que estão lendo as

histórias, está nas próximas histórias. A história 6. O feijão tropeiro indica que todos chegaram ao acampamento após o passeio na floresta que despertou o interesse pelos serelepes. Já a história 7. Compadre pra lá e compadre pra cá, finalmente traz a resposta esperada a partir da fala de um dos personagens que questiona: “E os serelepes, compadre Tião?”, quando então este discursa sobre o assunto.

Por último, o 4º livro, também de acordo com o propósito do autor, amplia os conteúdos em relação a outras terras, países e culturas. Ainda ressaltando as regiões do Brasil, esse livro traz também temas referentes a invenções como a escrita e a imprensa (lição 6); progresso dos transportes e importância das máquinas a vapor e dos motores de explosão (lição 20); o surgimento das primeiras idéias sobre a invenção do cinematógrafo (lição 23). Faz alusão a outros países como a lição 49. D. João volta a Portugal e a lição 63. A guerra do Paraguai.

Os conteúdos são levantados superficialmente nas histórias presentes no livro do aluno, enquanto o *Guia do mestre* sugere ao professor como os mesmos devem ser abordados e aprofundados. O *Guia do Mestre* traz sugestões de exercícios complementares aos do livro do aluno.

Lourenço Filho, além de sugerir modos de trabalhar e aprofundar conteúdos dirige comportamentos dos mestres diante das lições e dos alunos. O Guia, de certo modo, transforma os professores em alunos de Lourenço Filho que procura desenvolver neles os mesmos comportamentos que devem desenvolver nos alunos, explicitando assim a crença no livro como dispositivo de mudança de mentalidade, já apontado por Carvalho e Toledo (2004).

Apesar do movimento da pedagogia da Escola Nova sugerir, como aponta Carvalho (2001), que este toma como ponto de partida para a prática docente “fornecer um repertório de informações e de referenciais críticos para o professor, orientando-lhe a leitura como prática inventiva rebelde a prescrição de modelos” (CARVALHO, 2001, p. 154), Lourenço Filho não só cria o *Guia do Mestre* sugerindo detalhadamente como os conteúdos devem ser trabalhados em sala de aula, que exercícios devem ser propostos, como o professor deve proceder no quadro-negro, quais questões ele deve levantar, como também busca interferir no modo como o professor deve falar e no modo como deve tratar seu aluno. Assim, pode-se indagar se o autor teria mudado de opinião. A publicação do *Guia do Mestre* indica a necessidade de orientações didáticas específicas que não são produzidas a partir da leitura de diversas fontes? O autor afirma que a publicação das orientações atende à demanda dos próprios professores e, neste caso, pode-se indagar se se trata de estratégia editorial ou de

necessidade real. No entanto, qualquer das respostas afiança a crença no guia como instrumento de difusão cultural imprescindível.

Segundo o autor, na exposição teórica dos princípios que orientam os guias, “as sugestões deste Guia não são taxativas, ou para serem cumpridas automaticamente. Elas não invalidam a boa prática que o professor tenha de compor o seu próprio plano de aula, adaptando às condições reais de sua escola” (LOURENÇO FILHO, 1968a, p. 74), porém as sugestões de várias das lições do *Guia do mestre* o fazem de modo taxativo. No 1º livro, o autor sugere nas lições 1, 2 e 3, respectivamente, que o professor deve evitar durante a verificação da leitura do aluno dar ordens “adiante”, “é bastante”, “pare”, sendo preferível sempre dizer “Leia a linha onde está a palavra Pedra”, “leia pausadamente, em voz alta, clara e de boa inflexão”, e “também a ser feita pausadamente, com expressão” (LOURENÇO FILHO, 1968a, p. 77); “nunca diga esse menino aí, ou indicações semelhantes, sem o nome” (LOURENÇO FILHO, 1968a, p. 79); “observe as deficiências e as corrija, sempre na forma indicada, isto é, sem repetir os erros e sem repreender ou ridicularizar o aluno que os haja cometido” (LOURENÇO FILHO, 1968a, p. 80).

No 2º livro, encontra-se na primeira lição recomendações como “por ora nada comente: apenas auxilie com bondade”, “comunique confiança aos alunos”, “Aja com paciência e bom humor” (LOURENÇO FILHO, 1968b, p. 29-30). Ainda no 2º livro a lição 53 traz como recomendação que “o professor deve apresentar-se como guia acolhedor e compreensivo, tendo sempre em mente que uma das necessidades de desenvolvimento da criança é sentir-se digna de afeto, desejada e aceita em seu grupo” (LOURENÇO FILHO, 1968b, p. 56).

No 3º livro, a lição 1 da 1ª Aventura: A aventura na floresta, sugere ao professor que “corrija a pronuncia, quando necessário sem ridicularizar o aluno que tenha hesitado ou errado. Diga-lhe: Fulano, leia assim” (LOURENÇO FILHO, 1968b, p. 61-62); na lição 1 da 2ª Aventura: O tesouro escondido, “comente os trabalhos, sempre benevolmente” (LOURENÇO FILHO, 1968b, p. 72). O 4º livro sugere ao professor, na lição 73, não desencorajar “nunca o aluno. Ao contrário, mostre que está sempre disposto a ajudá-lo” (LOURENÇO FILHO, 1968b, p. 120).

De acordo com os princípios expostos na parte teórica do *Guia do Mestre*, entende-se que tomando-se essas precauções as modificações desejáveis irão ocorrer mediante a atividade da própria pessoa que esteja aprendendo, que deverá estar interessada e motivada para tanto.

Contudo, após a análise das prescrições metodológicas do *Guia do mestre*, percebe-se que Lourenço Filho depositou toda a responsabilidade da garantia do interesse e da motivação do aluno apenas nas escolhas dos temas a serem abordados nas histórias. Nas sugestões de procedimentos dos professores e nos exercícios prescritos aos alunos destacam-se as características do ensino considerado tradicional. Verifica-se nos livros do aluno a presença marcante de questionários de perguntas e respostas que podem ser copiadas da história, pontos gramaticais expondo conteúdos a serem lidos e decorados; exercícios de sublinhar, completar, copiar trechos das histórias; com exceção de poucas atividades que sugerem a construção prática de alguns objetos e alguns projetos. As orientações pedagógicas nos guias sugerem a melhor forma de trabalhar a questão do uso dos questionários de perguntas e respostas contidas no livro do aluno, indicando como o mestre deve proceder para que o aluno seja levado à resposta esperada como correta.

No próprio *Guia do Mestre* (Volume II), nas prescrições metodológicas referentes à lição 18, do 2º livro, Lourenço Filho deixa explícito que a garantia do ensino ativo se deve à leitura de histórias que tratam de temas reais, ao afirmar, em observações, que

o importante é que a leitura não esteja separada da *vida real*, na escola e fora dela. Desse modo, o ensino torna-se realmente ativo, isto é, responde a *interesses reais* da criança, porque conduz a situações problemáticas, a que elas, não o professor, deverão responder, experimentando. Se ainda assim não pratica o seu ensino, experimente! Ficarà maravilhoso com os resultados. (LOURENÇO FILHO, 1968b, p. 44)

No Guia referente ao 1º livro, comentando as características das crianças de 7 a 8 anos, o autor afirma que:

sabe-se que nessas idades se afirma a tendência para atividades manuais ou operatórias, que não exprimem apenas o desejo de novas experiências, mas o de colecionar coisas e fatos e, simultaneamente, ordená-los e classificá-los, embora ainda de modo imperfeito. Nesse esforço de por ordem no mundo do conhecimento da criança, a atividade de ler e escrever passa a ter importância decisiva. Mas, para que sua função não se desvirtue, as fórmulas verbais hão de acompanhar a ação e seguir a experiência no mundo das coisas e nela apoiar-se. (LOURENÇO FILHO, 1968a, p. 73).

No entanto, o que se observa no livro dos alunos é que, apesar de as histórias remeterem a temas de interesse das crianças, apresentam, ao mesmo tempo, seqüências de lições dedicadas à separação de sílabas, completar orações, completar palavras com sílabas estudadas, colocar em ordem palavras para formar orações, escrever listas de palavras com

determinados temas, formar orações. Com exceção da lição 24, que sugere para a aula de trabalhos manuais a feitura de esferas, cubos e cilindros, de argila ou massa plástica, e da lição 29, que sugere uma experiência do grão de feijão a ser plantado em um pedaço de algodão molhado, em nenhuma destas atividades o aluno desenvolve algum trabalho manual, a não ser pelo fato de escrever o que se pede.

O *Guia do mestre*, mais que os livros do aluno, sugere jogos e pequenos projetos, mas ainda assim prevalecem as sugestões de exercícios de composição de sentenças, completar sentenças, reprodução oral e escrita.

No 1º livro as sugestões de exercícios sempre são definidas como “exercícios e jogos”, sendo que para os demais livros altera-se para apenas “exercícios”, como se no 1º livro fosse dada uma conotação mais lúdica devido a idade a que ele se destina (7 e 8 anos), ao passo que a criança cresce, diminuem as possibilidades lúdicas.

No 3º e 4º livros as sugestões para o aluno são, na sua maioria, exercícios de completar sentenças, criação de sentenças a partir de palavras dadas, construção de lista de palavras, sublinhar palavras, questionários, etc.. Assim, diminuem as proposições de projetos pautados em trabalhos manuais, como a construção de hortas, modelos de objetos e aumentam os exercícios de fixação de regras.

Ainda entre algumas sugestões de jogos encontramos no 2º livro, lição 17, 23, 25, 33, 47 como sugestão de jogo o “jogo de sublinhar”, que consiste em passar um traço em palavras indicadas. Jogo este que exige pouco da atividade intelectual do aluno. A partir do 2º livro aumenta a quantidade de questionários que devem ter suas respostas retiradas e copiadas das histórias.

O *Guia do Mestre* se mostra assim um condensado de idéias que se mesclam na tentativa do autor em adequá-lo ao Movimento da Escola Nova, mas permanece preso a procedimentos tradicionalmente presentes nas escolas primárias.

PARTE III
MUDANÇA DE MENTALIDADE E PRESCRIÇÕES PARA A PRÁTICA À GUIA
DE CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após a análise dos dois volumes do *Guia do Mestre* e da obra *Introdução ao estudo da Escola Nova*, foi possível observar que eles demonstram, por meio da exposição teórica contida em ambos e por meio das orientações e prescrições para o professor no *Guia do Mestre*, se aproximarem, em alguns momentos mais e em outros menos, dos princípios escolanovistas e da influência das descobertas do período sobre a psicologia infantil, característica do movimento, assim como das contribuições da sociologia e da biologia.

A influência da biologia está presente tanto em *Introdução ao Estudo da Escola Nova* como nos Guias quando, por exemplo, diante da descoberta da existência de fases de desenvolvimento e da necessidade de certas condições para que elas ocorram da melhor maneira possível, aborda a questão da profilaxia em um e outro, sugerindo bons hábitos de higiene e alimentação saudável, seja teoricamente na primeira, ou nas histórias e orientações metodológicas da segunda.

Também a necessidade de se estabelecer maior coordenação entre o trabalho das instituições escolares e ação da família, defendida em *Introdução ao Estudo da Escola Nova*, pode ser apreendida a partir dos temas das histórias da Série e das orientações metodológicas do *Guia do Mestre*, pois trabalham noções de lar, relações familiares, sempre dando bons exemplos de como esta família pode educar seus filhos. Mesmo que os livros sejam direcionados aos alunos e professores, pode-se inferir que formam, de certo modo, os futuros pais e mães, e, possivelmente, os livros dos alunos serão lidos por seus pais, assim como muitos dos mestres, além de professores, são pais e mães.

O princípio de atividade, um dos principais lemas do movimento da Escola Nova, é abordado por Lourenço Filho tanto em *Introdução da Escola Nova* como na exposição teórica contida nos guias quando fala sobre a necessidade de agir sobre o comportamento dos indivíduos, a fim de formá-los de acordo com a natureza humana e as constantes mudanças da vida social. Nas prescrições das atividades a serem desenvolvidas no *Guia do Mestre* o autor tenta alcançar tal princípio a partir da escolha dos temas.

Segundo o autor, no primeiro volume do *Guia do Mestre*, na Introdução, sob subtítulo “I. Ensinar e aprender”, para que alguém aprenda alguma coisa o indivíduo terá que modificar seu comportamento ou conduta, e isto só ocorre quando ele passa a sentir e a pensar de modo diferente daquele por que dantes fazia. Para isso, tem que estar em contato com o meio a partir das relações com as coisas materiais e com as pessoas, através das experiências que passa. No entanto, a atribuição do significado leva em conta não só seus gostos e preferências, mas também a sociedade como um todo, pois esta contribui com o oferecimento de situações

motivadoras nas quais o indivíduo se envolve e têm, assim, oportunidades para aprender e formar sua personalidade a partir de tais experiências.

Deste modo, pode-se dizer que o conceito de comportamento, ligado ao processo de aprendizagem, definido pelo autor, sofrendo influências da biologia e da psicologia, está presente nos princípios da Escola Nova, que defende a idéia de que todo e qualquer processo de aprendizagem deve ser pautado na ação prática daquele que aprende. Como o comportamento é moldado a partir das experiências que o indivíduo sofre, elas ocorrem, então, mediante a ação (atividade) dele nas situações que lhes é apresentada, sentindo-as.

Tais modificações só se conseguem mediante a atividade da própria pessoa que esteja aprendendo. Ninguém pode aprender por outrem. Sempre que uma criança esteja agindo, estará aprendendo alguma coisa, certa ou errada, conveniente ou inconvenientemente, de modo dispersivo ou de maneira integrada. As escolas existem para que situações favoráveis à aprendizagem sejam propostas às crianças, isto é, situações que concorram para desenvolvimento plural adequado e equilibrado da conduta. (LOURENÇO FILHO, 1968a, p. 9)

Ao conceituar no *Guia do Mestre* o ensinar e aprender do modo como o fez, Lourenço Filho se apropria do princípio de experiência da Escola Nova defendido principalmente por Dewey, um de seus principais formuladores.

Retomando idéias contidas em *Introdução ao estudo da Escola Nova*, transformados em pressupostos nos guias, vê a aprendizagem como a variação do comportamento por efeito da experiência oriunda da prática ou exercício em busca de ajustamento individual, na qual “uma situação motivadora se reestrutura por efeito da experiência, e essa forma aprendida modela a situação motivadora subsequente, a qual por sua vez vem a possibilitar uma nova aprendizagem de tipo mais complexo e, assim, sucessivamente (LOURENÇO FILHO, 1978, p. 89).

Lourenço Filho se aproxima da idéia de experiência reflexiva elaborada por Dewey, ou seja, a reflexão sobre as conseqüências das ações realizadas anteriormente de modo que possam ser utilizadas para aperfeiçoamento das próximas.

Para ele, de acordo com *Introdução ao estudo da Escola Nova*, o indivíduo organizando e reconstruindo progressivamente suas experiências facilita, ao mesmo tempo, seu ajustamento biológico e social. Ao apropriar-se do conceito de experiência, Lourenço Filho acaba por deixar transparecer a influência da biologia, quando ressalta a relação dela com o ajustamento biológico.

Ao considerar a experiência como a objetivação de um comportamento, definido pela personalidade e grau de maturação, por meio de ações práticas, transfere para a organização e para a estrutura das lições novos elementos também presentes em *Introdução ao estudo da Escola Nova*, tais como: interesse e motivação.

No *Guia do Mestre* o autor apresenta as histórias como capazes de despertar o interesse da criança, na medida em que os temas tratados se referem a situações que ocorrem na vida real. Com isso, a criança estaria motivada para a experiência da leitura e a escrita que são trabalhadas a partir dessas histórias. Portanto, a experiência é motivadora ao partir do interesse do indivíduo e a educação deve ser a responsável por possibilitar uma reconstrução ou organização da experiência que aumenta a capacidade para dirigir o curso da experiência anterior.

No entanto, deve ser apontada a permanência de práticas desvalorizadas ao lado das novas intenções. Esta permanência se dá pela estrutura dos exercícios apresentados nos livros do aluno e nas orientações metodológicas para o professor referente ao modo como trabalhá-los.

Apesar de Lourenço Filho defender a atividade do aluno, o interesse, a motivação, o respeito à individualidade e a reflexão para o ensino, criticando o modelo pedagógico considerado tradicional por pautar-se em exercícios formais e acríticos, que tornam o ensino intelectualista e dissociado das questões reais e práticas, acaba por oferecer para a série de leitura uma lista extensa de exercícios pautados em cópia de partes dos textos, de orações a serem completadas, separação de sílabas, etc., com exceção de poucas sugestões de construções de alguns objetos, de jogos e de alguns projetos.

A busca pela atividade do aluno, o interesse, a reflexão e a motivação do ensino se limita à seleção de histórias cujos temas se referem a situações que podem vir a ocorrer na vida diária de cada um dos alunos e, portanto, suscitar seu interesse, motivando-o para a leitura. Para o autor, a atividade do aluno se daria na medida em que os assuntos das histórias tendo relação direta com a vida real da criança acabariam por conduzi-la a situações problemáticas, que deveriam ser respondidas por ela mesma ao experimentá-las.

Outro princípio escolanovista abordado na obra teórica e prescrito para as orientações metodológicas contidas nas lições dos manuais da série de leitura é a graduação das atividades escolares.

Para o autor, para que a criança aprenda a ler é necessário que tenha atingido certo nível de desenvolvimento para o qual contribui a aprendizagem da leitura. Sendo assim, apresenta, pouco a pouco, nas orientações metodológicas do Guia, os conteúdos que vão

sendo ampliados de acordo com a série correspondente de cada livro. Cada livro que se segue acrescenta novas noções às crianças de acordo com o nível de dificuldade de cada tema: primeiramente temas referentes a casa e ao bairro, deste para as cidades, das cidades para os Estados e depois para terras estrangeiras. Também operacionaliza a graduação quando divide os livros da coleção por série e idade. Assim, pretende respeitar o desenvolvimento da criança de acordo com sua faixa etária, a partir da qual ele pontua o que é mais correto aprender em cada momento.

Deste conceito surge outra noção: a necessidade da utilização de sistemas de verificação de rendimento defendida tanto em *Introdução ao estudo da Escola Nova* como no *Guia do Mestre*.

No *Guia do Mestre* esta questão é explicitada teoricamente e incorporada nas orientações metodológicas com a inclusão do passo destinado à verificação. Neste item o autor aponta vários mecanismos para testar a leitura do aluno. Na parte teórica do guia sugere que o mestre utilize-se de sistema de verificação do rendimento do trabalho dos alunos para identificar se a prática da leitura funcional está exercitando suas capacidades do melhor modo e se os esforços do mestre em bem conduzir a classe são eficientes.

Também no 2º volume, na 1ª Parte, referente a Princípios Gerais, que trazem como subtítulos: “Os dois grandes períodos do ensino da leitura”, “Evolução psicológica e leitura funcional”, “Normas gerais para o ensino funcional da leitura” e “A leitura funcional na Série Pedrinho”, verifica-se que o autor retoma as influências da biologia e o conceito de graduação abordado em *Introdução ao estudo da Escola Nova*. Nessa parte, aponta o processo de aprendizagem da leitura a partir do reconhecimento de que assim como ocorre com a marcha, com a aquisição da fala e certas habilidades manuais, existem níveis de maturidade para aprendizagens mais complexas como a leitura e a escrita, dividindo a aprendizagem da leitura, que se dá por toda a extensão do curso primário, em dois grandes períodos.

O primeiro deles é normalmente vencido em dois anos letivos, nas idades de 7 e 8 anos. Tem duas fases bem demarcadas: a exercitação de lições numa cartilha, e ensaios de leitura corrente, num 1º livro, tudo orientado e dirigido pelo mestre, na classe. Os resultados gerais desse trabalho (que recebe o nome de alfabetização rudimentar), podem ser facilmente observados. A criança lerá alguma coisa, ainda que de modo vacilante, estando “alfabetizada”. Quando nada leia, não estará.

Já,

O período seguinte, a ser desenvolvido por todas as demais séries do curso primário, não apresenta resultados de tão simples inspeção, por certos aspectos, ao menos. Nele, os alunos deverão, sem dúvida, atingir níveis de mais rápida leitura, bem como hábitos de leitura autônoma. Mas, de par com isso, hão de alcançar domínio de importantes funções que a leitura pode e deve preencher, como instrumento geral de aquisição e renovação da cultura. (LOURENÇO FILHO, 1968b, p.9).

Quando Lourenço Filho afirma no *Guia do Mestre* que resolveu fazer o guia em dois volumes e não mais em folhetos separados, de modo que o professor tenha noção do processo como um todo, reafirma a unidade necessária, exposta em *Introdução ao Estudo da Escola Nova*. Isto se deve a idéia de que é preciso que o mestre estude o comportamento global da criança, de forma a abarcar a formação integral do indivíduo, trabalhando o conhecimento do indivíduo nas diversas áreas do conhecimento simultaneamente.

Na *Série de leitura graduada Pedrinho*, as histórias do livro do aluno, assim como as orientações metodológicas do *Guia do Mestre*, são organizadas de acordo com esta noção. Conteúdos de diferentes disciplinas são trabalhados em uma mesma história em livros dedicados ao ensino da leitura e escrita.

Lourenço Filho aponta ainda que apesar de a leitura representar um longo processo que não se conclui no curso primário, é a partir dele que a criança deverá começar a formar atitudes, hábitos e propósitos que o torne capaz de alcançar o completo valor funcional da leitura, que só é iniciada no segundo período da aprendizagem, de modo que ela assuma todas as funções da nova forma de linguagem, ou do novo instrumento de comunicação da cultura.

A necessidade de a escola moldar comportamentos de acordo com as exigências da sociedade, presente nas obras e também no movimento da Escola Nova, fazendo dela uma sociedade em miniatura, é prescrita para os guias quando o autor traz para as histórias dos manuais temas recorrentes da vida real das crianças, portanto, práticos e úteis para a vida em comunidade, tornando a leitura funcional. Também quando aborda nelas noções de trabalho, progresso, higiene, moralidade e civilidade.

O princípio da individualidade disseminado pelo movimento da Escola Nova está presente em *Introdução ao estudo da Escola Nova* e, em partes, no *Guia do Mestre*. No primeiro, o autor defende que os conhecimentos da biologia, psicologia e ciências sociais vieram comprovar que os indivíduos possuem semelhanças e diferenças e que o professor, em face deste reconhecimento, tem que adaptar o ensino não só em relação às fases evolutivas, mas também às diferenças de cada aluno em particular.

Já quanto ao *Guia do Mestre*, a presença desse princípio está na exposição teórica quando o autor discorre sobre o mesmo, defendendo o respeito pelas diferenças dos alunos, e nas orientações metodológicas quando sugere que o professor não deva expor de modo desagradável o aluno com mais dificuldade para ler já que outros lêem melhor, mas criar situações em que ele seja inserido nessas atividades sem que com isso seja humilhado.

Também com o objetivo de respeitar a individualidade de cada criança sugere os centros de interesse e projetos, nos quais cada aluno poderá se encarregar de uma tarefa com a qual mais se identifica.

Na fundamentação teórica do *Guia do Mestre* sugere que o professor deve considerar no processo de aprendizagem da leitura e escrita as diferenças individuais. No 1º volume, ao descrever “Situações de aprendizagem na leitura”, menciona que o professor deve analisar individualmente: “cada criança, como pessoa que sente, pensa e age” (LOURENÇO FILHO, 1968a, p.10). Mais que isso, diz quando se refere a “Ensinar e aprender”, que

Qualquer que seja a disciplina a ser ensinada, haverá a considerar, nas situações de aprendizagem, primeiramente, as pessoas que dessas situações participem: cada aluno; o grupo de alunos de toda a classe, ou da seção da classe com que o mestre trabalhe de cada vez; e a professora, o professor, o mestre. Essas pessoas estão umas em face das outras, agindo e reagindo entre si. Importará pois compreender as relações que entre si mesmas estabelecem, como as relações que tenham com o ambiente em geral da escola, e sobretudo, com o material que esteja sendo utilizado para cada disciplina, em seu conjunto e para cada lição ou exercício, em especial. De outra forma, os resultados que se pretendam não poderão ser conseguidos, nem poderão ser também satisfatoriamente avaliados em sua marcha pelo próprio professor. Tudo andarà às cegas. (LOURENÇO FILHO, 1968a, p. 10)

Já no 2º Volume, na 1ª Parte, sobre os “*Princípios Gerais*”, quando fala sobre as “Normas gerais para o ensino funcional da leitura”, o autor cita novamente a necessidade de respeito às diferenças do aluno, na medida em que orienta os mestres quanto à adaptação das atividades de leitura às diferenças individuais:

À medida que o ensino da leitura funcional se desenvolva, mais pedirá a adaptação de algumas de suas atividades às diferenças individuais dos alunos; já nos exercícios em grupo, na classe, certas tarefas poderão e deverão ser indicadas a alunos de maior ou de menor desenvolvimento; com isso se deverá procurar aproximar estes últimos ao nível médio da classe; quanto aos primeiros, sobretudo mediante emprego de material de leitura complementar, dever-se-á permitir que avancem tanto quanto suas capacidades permitam, (o que o mestre deverá fazer, no entanto, de maneira

hábil, ou sem que seu trabalho especial possa significar uma demonstração de menos apreço pelo dos demais alunos). A organização de “centros de interesse”, “projetos” ou unidades de experiência”, poderá permitir uma distribuição muito conveniente das atividades a tal respeito. (LOURENÇO FILHO, 1968b, p. 22)

Devido ao reconhecimento das diferenças individuais e das diferentes fases de desenvolvimento, Lourenço Filho aponta em *Introdução ao estudo da Escola Nova* que a escola deve regular as condições de aprendizagem de modo a evitar situações que prejudiquem a aprendizagem, resultando na constituição da higiene escolar e temas sobre alimentação e saúde. Desta defesa em *Introdução ao Estudo da Escola Nova*, traz para os livros do aluno da série graduada de Leitura *Pedrinho* e para as orientações metodológicas do *Guia do Mestre* da série de leitura questões sobre higiene e alimentação.

No entanto, a maioria dos exercícios propostos e mesmo as sugestões de quais perguntas os mestres devem levantar diante de cada tema, induzem os alunos a respostas esperadas. Ao aluno não é permitido criar novas possibilidades de respostas. Os questionários, presentes principalmente nos livros três e quatro, levam o aluno a copiar trechos da própria história como respostas.

De acordo com a obra *Introdução ao estudo da Escola Nova*, o ensino deve ser funcional, ou seja, útil para a vida real, e a aprendizagem deve ter finalidade prática. Na parte teórica do *Guia do Mestre* afirma que a leitura deve permitir que a criança se utilize dela para desenvolver seus conhecimentos para melhor compreender as coisas, as pessoas e a vida social, e, com isso, melhor entender a si própria, organizando idéias e sentimentos, e modificando suas atitudes em face das coisas, das demais pessoas, da vida social. Para isso traz para as histórias do livro do aluno e, conseqüentemente, para as orientações do mestre, temas relacionados à família, ao bairro, a escola, onde ocorre em geral a maior parte das experiências das crianças em idade escolar.

Para ele,

ler por ler, mecanicamente, pouco ou nada significará. Isso não servirá ao aperfeiçoamento das formas do trabalho, á educação da saúde e à educação cívica, á compreensão mais larga dos próprios benefícios que a leitura dá, nesse sentido prático, e ainda como saudável ocupação das horas de folga. Não bastará ler por ler. Será necessário que, na escola primária, os alunos adquiram convenientes atitudes, hábitos e propósitos para que realizem a leitura funcional. (LOURENÇO FILHO, 1968a, p. 14)

Outra aproximação pode ser feita quando o autor prossegue descrevendo no 1º volume do *Guia do Mestre* que:

uma boa série de leitura deve partir inicialmente dos conhecimentos em relação à vida do lar, que se estenderá depois a assuntos que as crianças possam observar na vizinhança ou na comunidade próxima; ainda depois as ampliará quanto à região e ao conjunto do país; e, enfim, em relação a outras terras e países ou a todo o mundo da cultura. (LOURENÇO FILHO, 1968a, p. 14)

Ou seja, além de considerar a graduação, do simples para o complexo, uma boa série deve partir da realidade da criança, do que ela já conhece.

Enfim,

O material de leitura terá de ser bem graduado e articulado, de acordo com as condições médias de desenvolvimento, nas várias idades. Terá de ser apresentado segundo as próprias formas lingüísticas da criança, os assuntos e o desenvolvimento de cada um deles, dentro de um contexto geral, bem proposto e convenientemente apresentado. (LOURENÇO FILHO, 1968a, p. 16).

Tanto *Introdução ao Estudo da Escola Nova* como o *Guia do Mestre* na parte teórica e em algumas orientações metodológicas trazem expostos princípios contidos no movimento, como: atividade, motivação, interesse, respeito às diferenças individuais, graduação e desenvolvimento.

As duas obras citadas também demonstram claramente a preocupação do autor em transformar esses princípios em prescrições metodológicas para situações em sala de aula, de modo a buscar as mudanças desejadas por meio da atividade pedagógica.

Lourenço Filho expressa uma interpretação própria sobre como prescrever os princípios para o *Guia do Mestre*, pois apesar de utilizar-se de conceitos chaves do movimento da Escola Nova o faz mesclando-os a práticas já conhecidas pelo modelo tradicional de ensino.

Se considerarmos sua posição de intelectual de referência no movimento da Escola Nova e seu esforço na divulgação do mesmo, pode-se crer que Lourenço Filho tinha conhecimento o bastante para a empreitada a que se propôs, ou seja, prescrever princípios escolanovistas para o *Guia do Mestre*. E o fez de modo próprio, como se para ele naquele momento a utilização de questionários, exercícios de sublinhar, completar, etc, fossem

admissíveis e necessários, ou mesmo permitidos, desde que os mesmos tratassem de assuntos considerados reais e úteis na vida dos alunos.

A leitura e análise das fontes – *Introdução ao estudo da Escola Nova e Guia do Mestre da Série de leitura graduada Pedrinho* – permitiu apreender alguns caminhos possíveis para justificar a elaboração delas pelo educador Lourenço Filho. A primeira obra, criada para a coleção Biblioteca de Educação e destinada principalmente para professores, e a segunda, como material de apoio didático, foram escritas a partir da experiência do autor, pois, enquanto mestre e administrador de questões relacionadas à área de educação, sempre esteve em contato com a realidade educacional e seus problemas.

Lourenço Filho elegeu a renovação do ensino por meio da renovação das práticas pedagógicas e sua experiência como mestre ou ocupante de cargos burocráticos apontava caminhos que seriam mais viáveis para a mudança da mentalidade dos professores. Além disso, como mestre poderia melhor compreender o que e como poderia contribuir com os professores em sala de aula.

Depositando o sucesso da reforma do ensino pela reforma da mentalidade dos mestres dedicou parte de suas obras à elaboração de materiais didáticos ou teóricos direcionados aos professores, a partir dos quais alteraria a prática docente.

Seja no Instituto de Educação como mestre ou diretor, ou no cargo de Diretor-Geral da Instrução Pública de São Paulo, voltava sua atenção para a reformulação de cursos normais, na tentativa de adequá-los às descobertas da moderna pedagogia associada ao movimento da Escola Nova. Acreditava que através dos futuros professores instruídos nos princípios do movimento a renovação do ensino ocorreria mais rápida e eficientemente.

Não só através dos cursos Normais, mas também na escolha, seleção e tradução de autores para a divulgação do movimento na Biblioteca de Educação por ele organizada, dirige sua tentativa de renovação do ensino por meio da renovação da mentalidade dos mestres, imprimindo-lhes uma direção a seguir.

A atenção à prática docente e, conseqüentemente, aos professores, fica evidente quando cria o *Guia do Mestre para a Série de Leitura Graduada Pedrinho* anos depois de passado o auge da divulgação do movimento da Escola Nova. No entanto, pode-se supor que, decorridos vários anos, a inovação nas práticas e procedimentos docentes ainda apresentava-se como problema e não como realização.

Ainda pode-se apontar limites enfrentados para por em circulação a inovação por meio da seleção das leituras aos professores, conforme pretendido com a Biblioteca de Educação. Além disso, a fase áurea de rotinização e ampliação da representatividade do movimento por

meio de obras teóricas selecionadas pelas bibliotecas e coleções pedagógicas passou por um abrandamento a partir de meados da década de 1940, assim a elaboração do *Guia do Mestre* anos mais tarde apontaria para a tentativa de manter vivos os conceitos da Escola Nova, conformando-os em outro tipo de impresso. *Introdução ao Estudo da Escola Nova* (cuja primeira edição é de 1930) corresponderia ao período da efervescência do movimento, que, entre outras coisas, para diferenciar-se dos movimentos anteriores pregava a necessidade de oferecer repertórios de saberes teóricos, ao invés de modelos prontos a serem seguidos. O professor munido com o novo conhecimento deveria organizar suas aulas levando em consideração a realidade e seu contexto. Já o *Guia do Mestre* (publicado em 1953) surgiria anos mais tarde da constatação de que apenas os saberes teóricos não seriam suficientes para alterar práticas pedagógicas já sedimentadas. Pode-se considerar esses livros como dois caminhos para a realização do mesmo projeto: um deles, de feição mais teórica e o *Guia do Mestre* como uma nova tentativa de direcionar o professor para os princípios escolanovistas. Se considerarmos ainda que a utilização de manuais pelos professores nas escolas perdura até os dias atuais, a idéia de um *Guia do Mestre* no momento em questão se justifica como uma forte ferramenta de cooptação.

Contudo, o estudo do presente trabalho refere-se ao levantamento da concepção pedagógica elaborado por Lourenço Filho com a intenção de alterar a prática docente, sem com isso afirmar que a alteração ocorreu tal como ele previa. Visto que, assim como ele apropriou-se de idéias já fundamentadas inovando-as a partir de suas experiências que foram acrescentadas, seus leitores também os utilizaram a seu modo, a partir de suas interpretações a respeito do material, pois como aponta Certau “um mundo diferente (o do leitor) se introduz no lugar do autor. Esta mutação torna o texto habitável, à maneira de um apartamento alugado” (CERTEAU, 1994, p.49).

Lourenço Filho, a partir de sua experiência, como um usuário, leu as proposições teóricas do movimento delas se apropriando.

O *Guia do Mestre* pode ser considerado o meio termo para a conciliação que, apesar de carregar a intenção de inovação, não é totalmente novo, valendo-se de recursos tradicionais – a prescrição para a prática – e a rotinização de exercícios e conteúdos de larga utilização escolar. Ou, dito de outro modo, “uma inovação infiltrada nos termos de uma tradição” (CERTEAU, 1994, p. 50).

Esta conclusão permite ainda levantar a hipótese de que por estes mesmos motivos Lourenço Filho poderia não só ter lançado mão de um manual de ensino como também poderia ter retomado nos livros da série e nas orientações dos guias estruturas de exercícios já

conhecidos e muito utilizados até então pelos professores, como os questionários, atividades de sublinhar e completar. Manteria algo já conhecido ao mesmo tempo em que os adequava à graduação na leitura, a temas reais e práticos na vida do aluno e ao respeito à individualidade em alguns momentos.

Deste modo, a partir de sua interpretação do movimento renovador elegeu a leitura como meio para atingir fins, tanto quando criou uma biblioteca com obras para a leitura dos professores, entre elas *Introdução ao Estudo da Escola Nova*, como quando criou uma série de leitura graduada para crianças e, conseqüentemente, um manual de instruções de como utilizá-la. Apesar de citar a aprendizagem da escrita nas obras analisadas, é através da leitura que a mudança da mentalidade dos indivíduos, os quais deviam se adequar ao processo de industrialização e urbanização pelo qual o país passava, seria, segundo o autor, possível. Com a leitura buscava as transformações que deviam abranger os setores produtivos tanto quanto a mentalidade da população. Como aponta Carvalho (1998), a idéia modernizadora tornava imprescindível e inadiável uma total renovação de hábitos, comportamentos e modos de pensar do homem brasileiro. Daí então os temas de trabalho, progresso e moralidade estarem presentes em grande parte das histórias da série de leitura graduada *Pedrinho* ao qual o *Guia do Mestre* se refere.

A intenção de Lourenço Filho de moldar os comportamentos dos indivíduos está fortemente presente nas duas obras analisadas. Ambas fazem referência a atenção que a educação deve dar para as atitudes, desejos e propósitos dos alunos, pois são matérias primas a serem moldadas para fins considerados ideais. Inclusive, Lourenço Filho, na tentativa de moldar os indivíduos, parece até mesmo tentar cercear a liberdade desses quando aponta a necessidade de se incidir sobre os seus desejos. Mais que controlar pensamentos e comportamentos, ele quer interferir nos desejos dos indivíduos, aquilo que de mais pessoal possuem.

Sendo assim, pode-se também pensar que é dessa necessidade de controlar os novos valores aos quais os indivíduos devem se adequar que Lourenço Filho prioriza a leitura e não a escrita, uma vez que a leitura é um processo mais heterônomo (dependente), já que apenas se lê o que outro escreveu, enquanto a escrita é mais autônoma, pois não apenas se lê o que lhe for dado, mas também se escreve o que se pensa e o que outros podem ler sobre seu pensamento. Com a leitura, Lourenço Filho garantiria que o foco seria dado aos valores que ele considerava importantes para aquele momento, impedindo que se fugisse dos moldes determinados.

Como afirma Oliveira (2004), as séries graduadas de leitura criadas para atender ao modelo de escola graduada com o intuito de inculcar valores de uma sociedade já eram utilizadas desde o final do século XIX e Lourenço Filho lança mão desse instrumento adequando-o aos princípios escolanovistas com o objetivo de com a leitura “moldar, controlar, e transformar a partir da moral e dos bons costumes” (OLIVEIRA, p. 60, 2004) os indivíduos em idade escolar.

Por fim, pode-se dizer, após a análise do *Guia do Mestre* e de *Introdução ao Estudo da Escola Nova*, que a parte teórica das duas obras estão permeadas dos princípios escolanovistas, e que nas prescrições contidas no *Guia do Mestre* convivem ao mesmo tempo princípios escolanovistas e antigas práticas pedagógicas quando nos atemos aos modelos de exercícios propostos para os alunos fazerem.

Esta convivência pode indicar uma interpretação própria do autor sobre o movimento e as possíveis articulações entre os conceitos e sua prescrição para a prática, ou, por outro caminho, que a conciliação entre os princípios escolanovistas contidos em *Introdução ao Estudo da Escola Nova* e as orientações metodológicas do *Guia do Mestre* não ocorreu por completo. Ou ainda que o que se difundiu sobre a escola nova não seja exatamente o que seus propositores pensavam.

Ainda assim, a série de Leitura Graduada *Pedrinho* e o *Guia do Mestre* contribuiu para a constituição de uma cultura escolar a partir das práticas que impôs, por intermédio das prescrições e dos exercícios apresentados. Também retratam uma preocupação da época em legitimar a escola como instituição responsável por introduzir e possibilitar a renovação do ensino desejada. Neste caso, interpretada pela lente do educador Lourenço Manoel Bergstrom Filho.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BERTOLETTI, Estela Natalina Mantovani. *Lourenço Filho e a alfabetização: um estudo de Cartilha do Povo e da cartilha Upa, cavalinho!*. São Paulo: Editora UNESP, 2006a.

BERTOLETTI, Estela Natalina Mantovani. *A produção de Lourenço Filho sobre e de literatura infantil e juvenil (1940-1960): fundação de uma tradição?*. Tese de Doutorado. Marília, UNESP, 2006b.

BERTOLETTI, Estela Natalina Mantovani. *Cartilha do povo e Upa, cavalinho! - o projeto de alfabetização de Lourenço Filho*. Dissertação de mestrado, Universidade Estadual Paulista, Marília, 1997.

BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. *Autores e editores de compêndios e livros de leitura. Educação e Pesquisa*, São Paulo, v. 30, n. 3, p. 475-491, set./dez, 2004a.

BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. *Em foco: história, produção e memória do livro didático (Apresentação)*. *Educação e Pesquisa* (USP), São Paulo, v. 30, n. 3, p. 471-473, 2004b.

CAMPOS, Daniela Gonçalves dos Santos. *A complexa articulação entre concepções pedagógicas e método de ensino: Manual didático e imprensa periódica. As estratégias de inovação sobre como ensinar (1940-1960)*. Dissertação de mestrado, Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara, Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 2005.

CARVALHO, Marta Maria Chagas. *Pedagogia da Escola Nova e usos do impresso: itinerário de uma investigação*. *Revista do Centro de Educação da UFSM*, Santa Maria, v. 30, n. 2, p. 87-105, 2005.

CARVALHO, Marta Maria Chagas; TOLEDO, Maria Rita de Almeida. *A coleção como estratégia editorial de difusão de modelos pedagógicos: O caso da Biblioteca de Educação organizada por Lourenço Filho*. In: I Seminário Brasileiro sobre livro e história editorial, 2004, Rio de Janeiro. Livro do Seminário. I Seminário Brasileiro sobre livro e história editorial. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa/ UFF, 2004. v. 1. p. 98-99.

CARVALHO, Marta Maria C. *A Escola e a República e outros ensaios*. Bragança Paulista: EDUSF, 2003.

CARVALHO, Marta Maria C. de. *A caixa de utensílios e a biblioteca: Pedagogia e práticas de leitura*. In: VIDAL, Diana Gonçalves; HILSDORF, Maria Lúcia S. *Brasil 500 anos: tópicos em história da educação*. São Paulo: Edusp, 2001.

CARVALHO, Marta Maria C. *Molde nacional e fôrma cívica: higiene, moral e trabalho no projeto da Associação Brasileira de Educação (1924/1931)*. Bragança Paulista: EDUSF, 1998.

CARVALHO, Marta Maria; NUNES, Clarice. Historiografia da educação e fontes. In: Trabalhos apresentados na 15ª reunião anual da Anped. *Cadernos Anped*, Porto Alegre, n.º 5, p. 7-64, 1993.

CARVALHO, Marta Maria C. *A escola e a República*. 1ª ed., São Paulo: Brasiliense, 1989.

CARVALHO, Marta Maria C. Notas para reavaliação do movimento educacional brasileiro (1920-1930). *Cadernos de Pesquisa*, n. 66, ago. 1988, p. 4-11.

CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano*. 11. ed. Petrópolis: Vozes, 2005.

DEWEY, Jonh. *Como Pensamos*. Nova trad. E notas de Haydée de Camargo Campos. 3. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1959a.

DEWEY, Jonh. *Democracia e Educação: introdução a filosofia da educação*. Trad. De Godofredo Rangel e Anísio Teixeira. 3. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1959b.

Documento Histórico: O manifesto dos Pioneiros da Educação Nova. *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*, v. 65, n. 150, maio/ago. 1984, p. 407-25 (o original é de 1932).

FORQUIN, Jean Claude. *Escola e Cultura*. Artmed, 1993.

LOURENÇO FILHO, Manuel Bergstrom. *Introdução ao estudo da Escola Nova: bases, sistemas e diretrizes da pedagogia contemporânea*. 12. ed. São Paulo: Melhoramentos, [Rio de Janeiro]: Fundação Nacional de Material Escolar, 1978.

LOURENÇO FILHO, Manuel Bergstrom. *Guia do Mestre para ensino da leitura*. São Paulo: Melhoramentos, 1968a, v.1. 112p. (Série de Leitura graduada Pedrinho). Com aplicação prática à cartilha “Upa, Cavalinho!” e ao primeiro livro “Pedrinho”.

LOURENÇO FILHO, Manuel Bergstrom. *Guia do Mestre para ensino da leitura*. São Paulo: Melhoramentos, 1968b, v.2. 125p. (Série de Leitura graduada Pedrinho). Com aplicação prática aos livros “Pedrinho e seus amigos”, “Aventuras de Pedrinho” e “Leituras de Pedrinho e Maria Clara”.

LOURENÇO FILHO, Manuel Bergstrom. *Pedrinho*. Ilustração de Maria Boes. 11. ed. São Paulo: Melhoramentos, 1967a.

LOURENÇO FILHO, Manuel Bergstrom. *Aventuras de Pedrinho*. Ilustrações de Oswaldo Storni. 11. ed. São Paulo: Melhoramentos, 1967b.

LOURENÇO FILHO, Manuel Bergstrom. *Testes ABC para verificação da maturidade necessária para a aprendizagem da leitura e da escrita*. 7. ed. São Paulo: Melhoramentos, 1962.

LOURENÇO FILHO, Manuel Bergstrom. *Pedrinho e Maria Clara*. Ilustrações de Oswaldo Storni. 2. ed. São Paulo: Melhoramentos, 1957.

LOURENÇO FILHO, Manuel Bergstrom. *Pedrinho e seus amigos*. Ilustrações de Oswaldo Storni. 1. ed. São Paulo: Melhoramentos, 1954.

MONARCHA, Carlos; LOURENÇO FILHO, Ruy (orgs). *Por Lourenço Filho: uma bibliografia*. Brasília: Instituto Nacional de estudos e Pesquisas educacionais, 2001.

MONARCHA, Carlos. *Lourenço Filho: outros aspectos, mesma obra*. UNESP: Mercado das Letras, 1997.

MORTATTI, Maria do Rosário Longo. Cartilha de alfabetização e cultura escolar: um pacto secular. *Cadernos CEDES (Cultura escolar: história, práticas e representações)*, n. 52, p. 41-54, 2000a.

MORTATTI, Maria do Rosário Longo. *Os sentidos da alfabetização (São Paulo/1876-1994)*. São Paulo: Editora UNESP: Conped, 2000b.

NAGLE, Jorge. A educação na Primeira República. In: FAUSTO, Bóris (org). *História Geral da civilização Brasileira*. T. III, v. 2, São Paulo: Difel, 1977.

OLIVEIRA, Cátia Regina G. A. *As séries graduadas de leitura na escola primária paulista (1980-1910)*. Dissertação de mestrado, Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara, Universidade Estadual paulista, Araraquara, 2004.

SOUZA, Rosa Fátima de; VALDEMARIN, Vera. *Cadernos Cedex*, ano XIX, n.º 2, novembro/2000.

SOUZA, Rosa Fátima. Espaço da Educação e da Civilização: origens dos Grupos Escolares no Brasil. In: SOUZA, R. F; VALDEMARIN, V. T. e ALMEIDA, J. S. O. In: *Legado Educacional do Século XIX*. Araraquara, 1998, p. 19-62.

TOLEDO, Maria Rita de Almeida. 2001. *Coleção Atualidades Pedagógicas: do projeto político ao projeto editorial (1931-1981)*. São Paulo: EHPS/PUC (tese de doutoramento).

VALDEMARIN, Vera Teresa. O manual didático Práticas Escolares: um estudo sobre mudanças e permanências nas prescrições para a prática pedagógica. *Revista Brasileira de História da Educação*, v. 17, p. 13-39, 2008.

VALDEMARIN, V. T.; CAMPOS, D. G. S. Concepções pedagógicas e método de ensino: o manual didático Processologia na escola primária. *Paidéia* (Ribeirão Preto), v. 17, p. 343-356, 2007.

VALDEMARIN, Vera Teresa e CAMPOS, Daniela G. dos Santos. O manual didático Processologia na Escola primária. *Paidéia. Cadernos de Psicologia e Educação*. Ribeirão Preto: FFCLRP, volume 17, numero 38, set/dez 2007. p.343 - 356.

VALDEMARIN, Vera Teresa. *Estudando as Lições de Coisas: uma análise sobre os fundamentos filosóficos do método de ensino intuitivo*. Livre docência. Araraquara, UNESP, 2004a.

VALDEMARIN, Vera Teresa. Os sentidos e a experiência: professores, alunos e métodos de ensino. In: SAVIANI, Dermeval; ALMEIDA, Jane Soares de; SOUZA, Rosa Fátima de; VALDEMARIN, Vera Teresa. (Org.). *O legado educacional do século XX no Brasil*. Campinas: Autores Associados, p. 163-203, 2004b.

VALDEMARIN, Vera Teresa. Método intuitivo: os sentidos como janelas e portas que se abrem para um mundo interpretado. In: SOUZA, Rosa Fátima; VALDEMARIN, Vera Teresa e ALMEIDA, Jane Souza de. *O legado educacional do século XIX*. Araraquara: Suprema, 1998.

VIDAL, Diana Gonçalves. *O exercício Disciplinado do olhar: livros, leituras e práticas de formação docente na instituição de Educação do Distrito Federal (1932-1937)*. Bragança Paulista: Editora da Universidade São Francisco, 2001.